

Romance de
Antônio
Carlos

O Talismã

Maldito

Psicografia de
Vera Lúcia
Marinzeck de
Carvalho

petit



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade poderá
enfim evoluir a um novo nível."

O TALISMÃ MALDITO

Copyright by © Petit Editora e Distribuidora Ltda. 1997

Criação e Produção:

Flávio Machado

Ilustração:

Daniel Zolyomi

Fotolito da capa:

Stap - Studio Gráfico

Editoração Eletrônica:

Petit Editora e Distribuidora Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carlos, Antônio (Espírito).

Romance do Espírito Antônio Carlos; psicografado pela médium Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho.

1ª ed. São Paulo: Petit, 1997

ISBN BS-7553-035-5

1. Espiritismo 2. Psicografia 3. Romance brasileiro espírita

I. Carvalho, Vera Lúcia Marinzeck de II. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances espíritas psicografados: Espiritismo

CDD 133.93

Ajustado e convertido em MOBI e EPUB por:

U.E. - Braga - Outubro 2021

Talismã Maldito é uma história envolvente, que faz o leitor participar do enredo, numa trama inteligente e rica em ensinamentos.

Tudo gira em torno de um objeto, que outrora fora motivo de ambição, inveja, ciúmes, roubo e crime.

Três "inocentes jovens" que em outras vidas, entrelaçaram suas emoções, brincam agora nas ruínas da antiga casa, aparentemente sem nada de importante. Fatos intrigantes, porém surgirão e os levarão à tentativa de desvendar os segredos do Talismã, tão bem guardado durante longos e longos anos.

Espíritos presos ainda ao passado, pelo fascínio do objeto, também procuram por ele ... naquela casa. Quem afinal o encontrará?! Que elo existe entre esses espíritos e os jovens?! Por que estes três adolescentes voltam àquelas ruínas, palco de suas vidas pretéritas? Por que têm que desvendar tão intrigante mistério, procurando o Talismã que tantos danos causou?

Entre você também neste emaranhado e participe de uma aventura incrível, que ultrapassa a linha que divide a fronteira entre "vivos e mortos"!

Divirta-se e boa leitura

Sinopse

Amélia, Fabiano e Mauro, alegres e distraídos, brincam nas ruínas de uma antiga mansão. O que restou de um passado de glórias acoberta-se entre a vegetação do vale.

No plano invisível da construção arruinada, espíritos sofredores lutam consigo mesmos, presos a um misterioso medalhão de ouro. Em outros tempos, o valioso objeto, impregnado de lembranças, foi a causa de desentendimentos, roubo e crime que marcaram a vida de almas ambiciosas...

Atraídos por esse reflexo do passado, os jovens não sabem do que é capaz a maldade: desafiando a imaginação e a coragem de todos, o objeto ainda

é uma ameaça. Onde está e por que é preciso encontrá-lo?

Se no mundo dos homens ainda predomina o mal, no plano espiritual a luz se faz brilhar em socorro do bem. O egoísmo é capaz de tudo, mas é insignificante diante da força do amor..

Sumário

[I - As Ruínas](#)

[II - Os Sonhos](#)

[III-A Ajuda](#)

[IV - Obsessão](#)

[V - A História de Pedro](#)

[VI-O Estranho Objeto](#)

[VII - A Trama](#)

[VIII - O Ouro Fundido](#)

[IX - Preconceitos](#)

[X - Lídia](#)

[XI - Reencarnações](#)

[XII - Novos Amigos](#)

[XIII - Grupo de Estudos](#)

I - As Ruínas

Três garotos saltitantes embelezavam mais ainda a paisagem bonita daquele vale, localizado pertinho da cidade em que residiam. O vale era pequeno, tinha pasto para gados e, num lugar privilegiado, ficavam as ruínas do que outrora fora uma bela residência. Mas o tempo passa, modifica, acaba... Agora as ruínas faziam parte da paisagem tranquila.

— Faz um tempão que não vamos às ruínas. Que tal irmos lá brincar um pouquinho? - perguntou a menina.

Amélia tinha onze anos, era esbelta, cabelos castanhos, olhos da mesma cor, expressivos e encantadores. Era muito extrovertida, alegre e agradável. Acompanhava os amigos com igualdade, nas brincadeiras e artimanhas de garotos do interior.

— Será que não tem cobras por lá? O gado não vai às ruínas. Observem, eles rodeiam, mas não entram - falou Fabiano.

Fabiano era o mais velho e ajuizado do trio. Estava para completar quinze anos, era franzino para sua idade, mas esperto, inteligente e muito observador. Seus modos e ideias eram ainda os de um menino. Achava lindas as ruínas, embora lhe dessem arrepios e uma sensação de tristeza. Por isto não era muito do seu gosto brincar nelas.

As ruínas eram porções de paredes grossas, dando perfeitamente para perceber as divisórias de uma antiga casa. Havia partes de construção mais altas e outras quase rentes ao chão, e também vãos que antes tinham sido as janelas e portas. A antiga casa fora grande, espaçosa e com muitos cômodos. O mato era pouco e rasteiro, mas teimava em crescer entre as pedras, que cuidadosamente foram colocadas para servir de piso. Via-se que em muitos lugares da residência o piso fora revestido de madeira, da qual agora só restavam alguns fragmentos.

— Vamos lá! Estarei com um pedaço de pau na mão, defenderei Amélia das cobras - falou rindo Mauro.

Mauro era ruivo, sardento e de sorriso largo. Era o mais peralta e o líder do pequeno grupo. Tinha treze anos e era forte, gabava-se de ser corajoso e realmente o era.

— Não preciso que me defenda! - exclamou a menina.

Finalmente as crianças entraram nas ruínas.

— Veja, aqui era a cozinha, grande e arejada, o fogão está intacto. Ali era a sala, a lareira - falou Fabiano convicto.

— Fabiano, você parece conhecer a casa - disse Amélia.

— Vamos brincar do que por aqui? - indagou Mauro.

— Ali, Amélia! - cutucou Fabiano.

Os dois meninos olharam para o local indicado e viram um vulto. Observaram com atenção, curiosos.

— Cobra não é! - falou Mauro.

— E nem vaca! - exclamou Fabiano. Aproximaram-se um do outro, Fabiano colocou Amélia no meio e ficaram os três unidos e atentos ao vulto que foi aos poucos, mas com rapidez, tomando forma de homem.

— É um fantasma! - falou Fabiano.

— E alma do outro mundo! Alma penada! - exclamou Mauro.

Amélia não conseguiu falar nada. Não era do seu costume, mas, naquele momento, aceitou a proteção dos meninos e ficou entre os dois. A figura não se formou perfeita. Mas os meninos viram, sentiram que era um homem, vestido nos costumes do passado, moreno claro e com os cabelos despenteados. Quando encarnados veem os desencarnados, se estes não se materializam, sua percepção lhes permite sentir mais do que ver.

Mas, o vulto se materializou, tomou forma sem ficar totalmente visível.

— Alma penada é sua avó! - disse o vulto com tom indelicado.

Os meninos ouviram-no perfeitamente. A voz era igual à de um encarnado.

— Minha avó é viva e, se fosse morta, não seria alma penada! - respondeu Mauro.

— Mauro - disse baixinho Amélia - é melhor não responder a este senhor morto.

— Ora, não é um defunto que me dirá desaforos. Sabe bem como gosto das minhas avós. Se ele quiser ser respeitado que respeite - Mauro falou estufando o peito.

— Ora, seus moleques! Uau!... - berrou o vulto.

O espectro deslizou uns dois metros na frente dos meninos.

Eles se assustaram, mas não saíram do lugar. Fabiano por nada correria primeiro. Amélia honraria sua condição de mulher valente. E Mauro não ia correr mesmo. Estava gostando muito da novidade. Há tempos, pensou não se divertia tanto.

O vulto parou decepcionado, olhou-os bem e voltou para trás.

— Que tal fazermos amizade? - perguntou Mauro. - Sou Mauro, este é Fabiano e esta menina é Amélia. Viemos aqui brincar e investigar por que o gado não entra aqui já que não é cercado.

Como você se chama? Defunto? Fantasma? Ou alma...

— Vocês não têm medo de mim? - indagou o espectro. Amélia ia fazer que sim com a cabeça, mas como Mauro a olhou, balançou-a negativamente. Fabiano não respondeu, observava tudo com curiosidade e medo que procurou esconder. Mauro respondeu:

— Não, senhor. Por que haveríamos de ter?

— Porque já morri - respondeu o vulto.

— Isto não é motivo para ter medo. Morreu e daí? Largou de ser gente?

Mauro falou dando uns passos em direção ao vulto. Amélia o segurou pela roupa.

— Como se chama? Já nos apresentamos - insistiu o garoto.

— Lázaro - disse o espectro.

As crianças se quietaram. Ninguém por momentos falou nada.

Amélia puxou os dois pela roupa, porque queria cochichar.

— E agora? É melhor irmos embora.

— Tenho que almoçar para ir à escola - disse Fabiano.

— É - falou Mauro - vamos. Este Lázaro não fala mais e eu também tenho que ir, se me atraso minha mãe fica brava.

Viraram-se e saíram das ruínas e o vulto sumiu.

— É um fantasma! - exclamou Fabiano. - Um espírito de morto!

— É sim! - concordou Mauro. - Vamos voltar amanhã para conversar melhor com ele. Podemos vir mais cedo. Só que não devemos contar a ninguém que o vimos. Não acreditarão e dirão que somos mentirosos. Não gosto que digam que sou mentiroso.

— Guardaremos segredo - falou Amélia. - Será um segredo só nosso. De nós três!

— Concordo, voltaremos amanhã - falou Fabiano. - Mas, não será perigoso? Morto é morto!

— Ora, vivo é vivo até que morre - respondeu Mauro

— Ele que não se meta a engraçadinho comigo.

— Você pensa que é muito corajoso? - indagou Amélia.

— Eu também não tive medo e nem tenho. Voltarei amanhã!

Mauro afastou-se da garota uns passos, riu e deixou a menina alerta. Cantou:

— Amélia que era mulher de verdade. Amélia não tinha a menor vaidade...⁽¹⁾

(1) N.E. - Trecho de famosa canção brasileira de Mário Lago e Ataulfo Alves.

— Seu estúpido! - gritou a menina dando uns bons tapas nele.

Fabiano tentou separá-los e, aproveitando a interferência do amigo, Mauro correu, Amélia foi atrás e Fabiano acompanhou-os.

Por mais que se esforçasse Amélia não conseguiu alcançar Mauro. Chegaram às suas casas que eram próximas. Tudo na cidadezinha ficava perto. Fabiano chegou à casa ofegante.

— Que aconteceu, meu filho? - indagou sua mãe.

Fabiano pensou em falar da aventura nas ruínas, mas não o fez. Lembrou-se que combinaram não dizer nada da assombração ou o que quer que fosse o vulto falante que viram. Não gostava de esconder nada da mãe, mas tinha prometido e segredo era segredo. Por isto respondeu o porquê de ter corrido.

— Foi Amélia que correu atrás do Mauro.

— Não entendo o porquê de Amélia bater assim no Mauro - disse a mãe do garoto.

— É porque - respondeu Fabiano - ela não gosta que lhe cantem a música Amélia, a marchinha de Mário Lago. Acha que mulher de verdade é diferente e não como diz a letra.

— E você, que acha?

— Para mim, homem e mulher são iguais.

— É verdade, meu filho - falou a mãe. - Somos iguais perante Deus. Nossos erros e defeitos, como qualidades e valores, não dependem de sexo. Somos criaturas humanas e todos deveriam ter os mesmos direitos e deveres.

Os garotos estudavam no período da tarde. Foram à escola, onde se encontraram. Mauro e Amélia esqueceram o desentendimento, mas não o vulto. Não tiveram como conversar os três sozinhos e trocar ideias, mas combinaram de se encontrar bem cedo no outro dia.

E logo de manhãzinha estavam nas ruínas. Observaram tudo e não viram nada. Tudo quieto, nem vulto nem vozes, nada.

— Por que será que ele não apareceu? Lázaro! Lázaro! - chamou Amélia.

— Será que ele quer brincar de esconde-esconde? - indagou Mauro.

— Bela brincadeira - exclamou Fabiano - já que ele pode ficar invisível e nós não!

— Não responde! - falou Mauro, rindo. - Bem... Alma penada! Alma penada!

Os meninos receberam uma chuva de pedrinhas miúdas e tentaram com as mãos proteger o rosto e cabeça.

— Vamos sair daqui! - falou Fabiano. - Podemos nos machucar.

Como Mauro concordou, saíram correndo e foram sentar-se num tronco de árvore a uns duzentos metros das ruínas.

— Você não deveria ter chamado a assombração de alma penada - disse Amélia.

— Agora tenho certeza de que isto o ofende - respondeu Mauro. - Será meu trunfo. Vamos voltar amanhã e tentarei ser amável com este senhor morto.

E realmente voltaram. Chamaram-no por minutos e nada.

— Será que é um falsário, vai ver não se chama Lázaro - disse Amélia.

— Ou não gostou da gente - falou Fabiano.

— Eu me chamo Lázaro, não sou um falsário!

Só ouviram a voz e nada de ver o vulto.

— Bom-dia, senhor Lázaro! - exclamou Amélia chegando perto de Fabiano.

— Bom-dia que nada! Mau dia! - respondeu a voz.

— Por que não aparece? - indagou Mauro.

— Pensa que é fácil? Necessito de material de vocês e da natureza. Manejar isto tudo não é fácil - respondeu a voz.

As crianças quietaram-se por momentos.

Na natureza, todo aquele que tem mais dá a quem não tem ou tem menos. Os três garotos da história tinham muita energia e muita potência fluídica. E Lázaro, mesmo sem saber direito manejá-las, conseguia com a energia dos garotos, e com a concentração de material existente no local, ectoplasma ⁽²⁾ suficiente para tornar-se visível. Normalmente isto é um processo difícil. O desencarnado deve saber fazer isto para não causar danos aos encarnados. Materializações, ou aparições tangíveis de

desencarnados, boas e conscientes devem ser cautelosas, porém há muitos desencarnados que por qualquer motivo desejam se tornar visíveis aos encarnados. Portanto, os encarnados devem ter prudência e conhecimento neste processo. Se a materialização é de desencarnados maus ou perturbados, estes não se importam se irão fazer mal a quem os vê. Os bons sempre têm muita cautela. Lázaro sabia que este fenômeno era possível e tentava provocá-lo. Todos, os meninos e ele, estavam num lugar familiar.

(2) N.E. - Ectoplasma: Energia fluídica, quintessenciada, da qual se servem os espíritos para se tornarem visíveis, para se "materializarem."

Lázaro por vagar por ali há tempo e os garotos por terem vivido lá em encarnação anterior. Este processo pode ser feito inconscientemente, isto é, o desencarnado, mesmo sem saber, usa a vontade como fator preponderante.

Ele quer e, como no local há fluidos suficientes e pessoas com potência fluídica, consegue se tornar visível, porém poucos o conseguem ver.

Com muitos encarnados e com muitas vibrações diferentes, de descrença, medo, gozação, etc., a corrente vibratória quebra e é difícil realizar o fenômeno. No fato que narro, tudo ali era propício à materialização de Lázaro. Os meninos, não tendo medo e querendo que ele aparecesse, doavam energia espontaneamente ao desencarnado, que a tinha menos. Mas esta energia pode ser tirada sem o consentimento do encarnado, roubada.

Aconselhamos aos leitores que não usem este processo sem o conhecer. Este fenômeno foi mais usado quando o Espiritismo despontou, para tentar provar que a vida continuava após a morte do corpo. Tantas provas e pouco mudou. Aquele que acredita vê em pequenos fatos a comprovação. Já o descrente contradiz tudo. Mauro quebrou o silêncio.

— Ora, veja se dá um jeito de aparecer. Você... Não vou chamá-lo mais de senhor. Você não está sendo legal. Não aparece, não sabemos onde está e ainda nos joga pedras. Não quero ofendê-lo, mas não agiu como homem. Uma pessoa valente enfrenta o outro de cara a cara. Acho que foi covarde.

— Mauro - exclamou Amélia - não fale assim!

— Igualdade! Não aceito privilégios! Só porque o cara está morto pensa que pode usar e abusar. Pois é bom que saiba que comigo é assim: cara a cara. E, você, não me chame atenção na frente de estranhos.

Amélia armou a mão. Fabiano a segurou.

— Não vamos brigar!

Quietaram-se. Era um trato de honra do trio. Poderia haver desavenças entre eles, pois Mauro e Amélia estavam sempre brigando. Já com Fabiano não, era mais pacífico. Mas, no caso de desentendimento com outras pessoas, os três ficariam unidos, esquecendo suas rixas. Fabiano lembrou aos amigos do trato e bem na hora. A voz, ou melhor, o tal Lázaro, representava um perigo ou uma boa briga, embora desta vez os três não soubessem bem como seria o desenrolar deste desentendimento.

— Pare de rir! - gritou o espectro, que apareceu sentado no alto de uma parede no centro da sala da lareira, onde estavam os garotos.

— Desculpe, senhor - falou Fabiano - mas não estamos rindo.

— Não são vocês é o outro, o Pedro! - falou Lázaro.

— Quem é esse Pedro? Por que ele não aparece? - perguntou Mauro.

— Ele não gosta de aparecer - respondeu Lázaro. - Fica aí só olhando. Há tempo está aqui, assusta o gado. Foi ele que me deixou ficar aqui, deixou para que o ajude a procurar.

Os animais têm muita percepção, muitos vêm desencarnados e não costumam ir aonde eles estão. Principalmente se estes desencarnados têm fluidos pesados.

— Procuram o quê? - indagou Amélia, curiosa.

— Não sei! - respondeu Lázaro. - Não sei se é um objeto, tesouro, pessoa ou o quê. Já revistamos tudo e nada.

O espectro foi sumindo.

— Não se vá, vamos conversar mais - falou Mauro.

— Não posso, eu...

Lázaro sumiu e também as crianças não ouviram mais nada.

Como já foi explicado, Lázaro não dominava bem o fenômeno e bastou o outro, Pedro, interferir para que acabasse.

Os meninos passaram a ir frequentemente às ruínas e quase sempre conversavam com Lázaro que por diversas vezes se materializou.

Um dia, ouviram um barulho diferente. O ruído vinha de cima, os três olharam para ver o que era, tropeçaram num tronco e caíram.

— Ah! Ah! Ah! - gargalhou Lázaro, que apareceu sentado no seu lugar preferido.

Levantaram-se rápido. Mauro enfureceu-se, mas dominou-se.

Os dois companheiros estranharam a atitude do amigo, nada comentaram, gostaram por ele não ter revidado. Conversaram normalmente e despediram-se. As conversas entre eles eram sobre assuntos diversos, papos de amigos ou conhecidos.

— Vocês voltarão amanhã? - perguntou Lázaro.

— Não - respondeu Fabiano - amanhã é domingo.

Aos domingos eles não iam às ruínas. Pela manhã iam à missa e à tarde, como quase todos os habitantes da cidade, assistiam à banda do local tocar no coreto. Os meninos gostavam deste encontro e não o perderiam nem para encontrar com a assombração Lázaro.

Foram embora, as ruínas de agora em diante faziam parte de suas vidas.

II - Os Sonhos

Mas no domingo à tarde, sem que ninguém percebesse, escondido até dos dois amigos, Mauro foi às ruínas, onde preparou uma armadilha para Lázaro. Ninguém ria dele e ficava por isso mesmo. Cautelosamente, pela manhã bem cedo, antes da missa, no quintal de sua casa, ele preparou uma tinta forte, com anil, um produto usado na lavagem de roupas para torná-las mais brancas. Mas o garoto colocou muitos tubos de anil e a água tornou-se azul forte. Mauro guardou a lata num lugar seguro. À tarde, saindo escondido da praça, foi para casa, pegou a lata e levou até as ruínas onde fez sua armadilha. Procurou não fazer barulho e agiu rápido. Depois, voltou à praça e não contou nada a ninguém.

Na segunda-feira pela manhã, os três reuniram-se e partiram rumo às ruínas. Quando estavam quase chegando, Amélia pediu que parassem pois queria conversar com os dois. Sentaram-se no chão.

— Tenho sonhado com as ruínas - disse a menina. - Bem, não é com as ruínas, é com a casa, com a construção inteira, antes de se tornar ruína. Só que não sou eu, mas ao mesmo tempo sinto que sou eu.

— Sonho muito confuso, garota! - exclamou Mauro. - Explique melhor.

— O pior é que não entendo. É isto, por três vezes, sonhei com a casa. Que ando por ela, estou triste e sofrendo por um amor. Choro e hoje acordei chorando.

Todos ficaram quietos por instantes.

Cada encarnação é uma oportunidade de recomeçar e nada melhor para um recomeço que o esquecimento. O passado passou e nada fará mudar os acontecimentos. O presente é que nos importa, porque seremos no futuro o que construirmos no momento. Os sonhos têm muitos significados, são lembranças do cérebro físico de acontecimentos diários. Quando adormecemos, nos desligamos, o espírito sai do corpo físico, ao despertar podemos recordar as aventuras deste desligamento como se fossem sonhos. Aconselho a não dar muita importância aos sonhos. Mas também em sonhos se pode relembrar fatos de outras encarnações.

Fabiano também estava tendo sonhos confusos, mas não disse nada para não impressionar mais a amiga. E também sonhava com as ruínas, com brigas. Via seu pai e sua mãe se desentendendo, a morte deles e ele

escondendo algo que era ruim, a causa de todo o sofrimento. Via, como Amélia, as ruínas, uma casa bonita e confortável. Reconhecia-se como outra pessoa, ou seja, diferente de sua aparência atual e vestido com trajes antigos.

Os três pensaram nos acontecimentos que os envolviam em relação às ruínas. Parecia que estavam, por algum motivo, ligados a elas. Fabiano foi quem os despertou de seus pensamentos, dizendo tristemente:

— As ruínas estão nos impressionando. Talvez seja melhor não irmos mais lá.

— De jeito nenhum! - falou Mauro. - Nunca encontrei uma brincadeira tão legal assim. Vamos lá!

Assim que chegaram chamaram por Lázaro que apareceu sentado bem no seu canto predileto. Trocaram alguns comentários e Mauro falou:

— Você, Lázaro, riu de nós no sábado. E agora vamos rir de você.

Puxou um barbante. Mauro havia colocado a lata com a água bem em cima do local preferido de Lázaro. O barbante em que amarrou a lata descia pela parede e ele o escondeu bem. A lata virou e a água com anil caiu em cima de Lázaro que levou um susto. Mauro gargalhou. Fabiano e Amélia também se assustaram. Amélia não sabia se ria, ficou olhando a cena com os olhos arregalados.

— Então, "seu" assombração, agora se assusta em vez de assustar! - exclamou Mauro gostando do resultado de sua armadilha.

— Oh! - exclamou Lázaro.

Mas a água não o molhou e nem o sujou. Mauro fez algo material e mesmo sendo Lázaro um desencarnado tão ligado ainda às sensações físicas, às coisas materiais, ele não tinha o corpo físico, não podendo assim ser atingido. Levou um susto com a astúcia do garoto. Lázaro sentiu o impacto das energias psíquicas de Mauro que queria assustá-lo. A água física foi o símbolo que o garoto impregnou com seus desejos. Quando o menino puxou o cordão da armadilha, o raciocínio de Lázaro ficou por segundos paralisado não sabendo o que acontecia.

Neste vácuo, as sugestões concentradas do garoto o atingiram e ele sentiu-se molhar, muito embora não se tenha molhado. Os dois desencarnados, Pedro e Lázaro, que ficavam sempre nas ruínas, não estavam lá no momento em que Mauro colocou a armadilha, se estivessem

o teriam visto. E uma ingenuidade querer fazer algo escondido de desencarnados, pois estes, estando no local, tudo veem.

Lázaro não achou graça e ficou nervoso. Fabiano segurou a mão de Amélia e a puxou, correram e Mauro acabou correndo com os amigos. Pararam a uma boa distância.

— Viram como revidei? Ele riu de nós, hoje rimos dele -disse Mauro rindo.

— Você riu - falou Amélia. - Não gostei da brincadeira. Coitado do Lázaro!

— Também tenho pensado que Lázaro é um coitado - concordou Fabiano. - Vive só, abandonado nestas ruínas. Talvez precise de nós.

— Bem, se vocês pensam que ele precisa de ajuda, vamos perguntar e ajudar - falou Mauro, parando de rir.

— Ora, depois do que você fez? Talvez ele não queira mais falar conosco. Menino malvado!

— Antes ser malvado que bobo igual a você. Amélia mulher de verdade!

Mauro correu após receber da amiga uns bons tabefes. Ele era valente, mas não revidava quando se tratava de Amélia. Corria para não apanhar. Fato que a deixava mais furiosa. E, sabendo disto, Mauro a insultava.

— Não bato em mulheres, vocês são frágeis!

No outro dia lá estavam, chamaram por Lázaro e nada.

— Ele não vai aparecer - disse a menina. - Talvez, se você, Mauro, pedir desculpas, ele venha.

— Nada disto! - exclamou o menino. - Fiz e está feito! Não faço mais, mas não peço desculpas.

A menina ia responder, quando ouviram um barulho estranho. Como se algo grande, uma louça ou vidro, estivesse sendo quebrado. Sentiram um cheiro desagradável e viram uma fumaça. Então ouviram a voz de Lázaro.

— Corram! É Pedro! Ele pode lhes fazer mal!

Fabiano e Amélia tiveram que puxar Mauro pela roupa. Saíram das ruínas. Foram embora trocando comentários. Concluíram que Lázaro não era mau, mas Pedro não era camarada e deveriam ter cautela com ele.

Naquela noite, Fabiano dormiu mal, sonhou e ficou impressionado. Seu sonho lhe pareceu muito real. Viu que era ele na aparência do outro com quem já sonhara, apoiando um homem, que era seu pai, mas não o pai de agora, era outro pai.

Este homem estava muito doente, ofegante e triste. Fabiano ajudava-o a se deitar num sofá na sala da lareira e ele lhe dava algo. O objeto era pequeno, cabia na sua mão.

"Esconda-o bem" - disse o homem - "para que ninguém o ache! É maldito!"

O menino acordou com uma sensação estranha, com o corpo dolorido. Aqueles sonhos estavam lhe fazendo mal. Não estava se alimentando bem, achava-se tristonho e pensativo.

No outro dia, foram novamente às minas, logo na primeira chamada, Lázaro apareceu.

— Oi, Lázaro, como vai? - indagou Amélia, querendo ser agradável.

Lázaro não respondeu, fez um movimento incerto com a cabeça que deu para entender mais ou menos. Fabiano disse:

— Lázaro, queremos ser, realmente, seus amigos. Diga-nos, precisa de ajuda? Podemos lhe ajudar?

O espectro cocou a cabeça, sentou-se no seu lugar preferido, mas antes certificou-se não ter nada em cima.

— É, acho que preciso de ajuda...

— Como podemos lhe ajudar? Que fazer por você? Missas? - indagou Amélia, com pena.

— Missas? Acho que não. Fui a tantas. Não sei se vocês podem me ajudar, nem eu sei do que preciso.

— Todas as pessoas que morrem ficam como você? - perguntou Mauro.

— Não! Muitos dos que morrem somem - respondeu o espectro.

— E você não pode sumir também? - Mauro perguntou curioso.

— Não sei como eles fazem - respondeu Lázaro. - Estou tão cansado de ficar assim. Não sei como mudar.

A desencarnação difere muito no nosso planeta. Cada um tem uma continuação diferente na vida no Além. Lázaro, pela sua vibração inferior, não conseguia ver desencarnados bons. Assim, os que tinham os corpos físicos mortos e eram socorridos sumiam, pois ele não via o desligamento nem os socorristas.

Lázaro não tinha sido socorrido até aquele momento porque mesmo cansado não havia pedido socorro a Deus ou a quem atende em Seu nome.

— Lázaro, por que não fala um pouquinho de você - pediu Fabiano. - Que fez enquanto vivia num corpo igual ao nosso?

Lázaro silenciou por momentos, seus olhos ficaram parados, os três aguardaram ansiosos sua narração. O passado veio-lhe à mente, ele recordou e se pôs a falar:

— Quando vivia num corpo de carne como o de vocês, não dei muita importância a nada. Era um gozador. Religião? Tinha, sim, só para atos exteriores. É bem mais fácil fazer algo que não custa, como ir a cerimônias e orar só com os lábios. Entendi isto após muito tempo vivendo assim, sem rumo. Até me confessava, pecava e ia correndo receber o perdão, só que esquecia do mais importante, arrepender-me realmente e não querer pecar mais. Tudo que fica só no externo não tem valor. Isto acontece em qualquer seita ou religião que se segue. O que nos liga a Deus é o nosso íntimo. São nossos atos sinceros de amor. Fui um comerciante de madeira, trabalhar, mesmo, acho que não trabalhei, mandava os outros fazer por mim. Arrependo-me disto, com certeza, se tivesse trabalhado, a ociosidade não me pesaria tanto. Casei e tive filhos, não dei importância a eles, não os amei e, que decepção, percebi logo que meu corpo físico morreu que também não fui amado. Tanto que, quando entendi que havia morrido, voltei para casa e não gostei nada de ficar por lá. Morri e fiquei no corpo que foi enterrado. Um trabalhador, um morto como eu, que ficava no cemitério, tirou meu espírito do sepulcro e disse que eu havia morrido e ia continuar a viver com este corpo. Não dei atenção a ele e fugi, foi quando voltei para minha ex-casa e então, como não fui visto por ninguém, compreendi que era verdade. Nada no meu ex-lar me prendia. Conheci outros que morreram e vagavam e gostavam de ficar com seus familiares nas suas ex-casas, sentiam-se como presos a estes lugares. Mas eu não, até escutei dos meus gozações sobre meus defeitos. Isto poderia ter me enfurecido e os castigado. Porém, entendi que estavam certos, nada nos ligava. Não fui mau, nem fiz grandes maldades, mas nada fiz de bom nem a mim nem a ninguém. Colhi o que mereci ou o que plantei.

Lázaro finalizou, abaixou a cabeça, tristonho. Realmente, muitos passam pela vida encarnados, iludidos, somente com o plano físico, com os prazeres que este proporciona. Muitos como Lázaro não fizeram maldades, ou muitas maldades, mas esqueceram da parte verdadeira, a que nos acompanha após a desencarnação, o aprendizado no bem, a ajuda ao próximo. Porque o que fazemos aos outros, atos bons ou ruins, primeiro a

nós mesmos os fazemos. Daí a expressão certa dele: "Não fiz nada de bom a mim mesmo."

Tendo oportunidade, não aprendeu, não leu boas obras, não seguiu a religião com sentimentos, com fé e sinceridade, não cultivou a bondade, o carinho, nem com seus familiares. Não trabalhou, o trabalho honesto muito nos beneficia. A ociosidade é porta aberta a vícios e maledicências. Nem amigos fez que lhe pudessem prestar um socorro. Infelizmente, são muitos os imprudentes como Lázaro.

Amélia comoveu-se com a história de Lázaro e lhe falou com tom delicado.

— Senhor Lázaro, não se entristeça! Acredito que, quando pedimos perdão com sinceridade a Deus, Ele nos perdoa. E, quando pedimos ajuda a Ele, alguém em Seu nome nos auxilia. Não se sinta assim tão infeliz. Vamos pensar e acharemos um modo de ajudá-lo.

— Agradeço-lhes. Sabem, meninos, não foi sempre que pensei assim. Antes achava que tinha razão e Deus estava sendo injusto comigo. São recentes estes pensamentos. Acredito que estive muito errado. E que estou cansado de não fazer nada. Quem não faz nada, perde tempo e ganha um vazio.

Os meninos não falaram mais nada. Mauro teve vontade de responder, mas não o fez, não quis entristecer mais o amigo, mas pensou:

"Não faz nada porque não quer, sempre se tem algo de bom e útil para se fazer. Trabalho não falta!"

Voltaram para suas casas, conversando.

— Como é ruim querer ajudar e não saber como - falou Amélia.

— Temos que aprender - disse Mauro - só que eu também não sei como.

Não chegaram a nenhuma conclusão, despediram-se, reencontraram-se na escola, mas não comentaram nada sobre o assunto.

Naquela noite, Fabiano teve medo, não queria sonhar, mas sonhou que corria pela antiga casa chamando por sua mãe e, de repente, a via beijando um homem. Só que o casal lhe era desconhecido, porém tinha certeza de que eram Amélia e Mauro.

Nas ruínas, no outro dia, Amélia contou aos amigos que sonhara que estivera ali, que era uma mulher adulta, triste e também procurava algo, um objeto que julgava que lhe traria sorte e fortuna. Desejava doar este objeto a uma outra pessoa.

— Deve ser o objeto que escondi - falou sem querer Fabiano.

— Que disse? - indagou Mauro.

— Nada não - tentou consertar Fabiano. - Pensei na bola de Amélia que escondi no pátio.

— Não, Fabiano, preste atenção - falou Amélia. - Estou falando do meu sonho. Acordei hoje muito triste e com saudades e nem sei do quê. Não quero sonhar mais. Não estou gostando destes sonhos. Neles vejo esta casa inteira, bonita e com móveis luxuosos.

Lázaro naquele dia não apareceu e eles foram embora. Por três dias choveu muito e eles não foram às ruínas. Fabiano também não sonhou, mas no quarto dia...

Sonhou que estava na casa dando ordens aos empregados e escravos para esvaziá-la. Os móveis eram carregados nas carroças e a casa ficou vazia. Fechou-a e partiu, deixando a casa entregue ao abandono. Estava muito triste mas esperançoso.

Dissera ao fechar a porta: "Aqui sofremos muito, quero começar a vida em outro lugar. Que as tristezas fiquem aqui junto com o talismã maldito!"

Acordou e viu um vulto, pensou ser Lázaro, mas sentiu ser Pedro. Lembrou do outro fantasma que vagava pelas ruínas e teve certeza de ser ele. O vulto não falou, mas os pensamentos do outro vieram-lhe à mente.

"Então, você é o Evandro? Trate de se lembrar onde escondeu aquele objeto. Quero-o! É meu! Só eu fiquei para procurá-lo! Me pertence! Ache-o para mim! Quero o talismã!"

O vulto sumiu. Fabiano sentiu uma sensação de horror. Teve certeza que Pedro não era igual a Lázaro. Ele era mau. Não conseguiu dormir mais. Ficou pensando em como conseguir se livrar destes sonhos. Não podia pedir ajuda à mãe, ela não ia entender, depois não podia contar nada a ela, prometera aos amigos não falar a ninguém. Mas, estava assustado e com medo.

Também não queria alarmar mais Amélia, porque ela estava sonhando também e Mauro com certeza iria rir e chamá-lo de medroso.

Naquela manhã, não saiu de casa e, quando os dois amigos vieram chamá-lo, disse que estava com dor de cabeça e ia ficar deitado. Era verdade, a cabeça lhe parecia que ia estourar.

Os outros dois não foram às ruínas sem o companheiro, voltaram para suas casas. Amélia também estava abatida e desanimada. Sonhou que era

casada, tinha um filho, mas que amava outro homem por quem chorava muito. E, pior, pensava ela, este outro parecia ser Mauro, o amigo que a atazanava tanto.

Fabiano ficou pensando nos seus sonhos, certamente teriam algum significado: "Será que eram eles mesmo, Mauro, Amélia e ele, que viveram no passado na casa antes de se tornar em ruínas? Como seria isto possível? O morto Pedro o chamava de Evandro. Será que era este seu nome quando ali vivia?"

Mesmo alguém que nunca ouviu falar de reencarnação tem no seu íntimo vaga noção. Tanto que, mesmo não crendo por não compreender, brinca muito e indaga: "Que fui no passado?" Ou diz: "Vou ser isto ou fazer aquilo na próxima encarnação". Esta percepção íntima muitas vezes é sufocada, quando adulto, pela ilusão, preconceito, orgulho e até pelo pseudo saber em muitas pessoas. Fabiano nunca, nesta encarnação, havia escutado falar disto, mas como espírito, ele, havia reencarnado muitas vezes, sabia desta possibilidade.

Escutara no sonho alguém dizer a palavra talismã e ouvira de Pedro também a mesma coisa. Como não sabia o que era, resolveu procurar no dicionário. Leu muitas vezes: talismã, figura gravada em pedra ou metal, e a que se atribui virtude sobrenatural; amuleto; encanto; popularmente se conhece também pelo nome de mascote.

Talismã pode ser qualquer objeto. Porém os que nós mais conhecemos são objetos específicos para reter energias psíquicas.

Normalmente, estas energias impregnadas são de magnetizadores conscientes ou não. Magnetismo é a influência exercida pela vontade do magnetizador a outra pessoa ou a objetos que a impregna com seus fluidos. O fato é que são energias de alguém, podendo ser de uma ou mais pessoas, que ficam no objeto e são sustentadas pelo magnetizador ou por quem o possui. Todos nós temos energias, só que uns mais e outros menos, uns sabem como usá-las e outros as usam inconscientemente. Estas energias podem interferir em organismos ou pessoas que venham a entrar em contato com estes objetos. O talismã só exerce influência quando se acredita na possibilidade de que, ao se ligar a ele, se recebe energias que podem ser benéficas ou malévolas.

Quando o talismã é tido pelo dono como de suma importância, ele o sustenta vibratoriamente. Se é roubado, o desespero, a atitude agressiva

do dono ficam quase sempre no objeto que passa a ser um elo entre o dono e o ladrão. Como quem rouba é devedor, ele passa a sofrer o que o dono está emitindo. Isto pode se dar mesmo com o dono desencarnado, se ele ainda não se desvinculou do objeto. O talismã só perde o potencial se houver desinteresse do dono, do magnetizador ou até mesmo daqueles que desejam possuí-lo.

Se o talismã é doado, seu magnetizador induz o receptor a crer nas qualidades negativas ou positivas que dizem que o talismã possui. Se o receptor confia no doador, ele próprio passa a sustentá-lo com seu magnetismo.

Pessoas de conhecimentos verdadeiros, com fé autêntica, repelem estes objetos. Porque nossa boa conduta, a vontade, a fé, conhecimentos e vivência dos ensinamentos de Jesus é o que devemos ter como escudo na caminhada rumo ao progresso.

Fabiano ficou no quarto com o livro aberto, dissera à mãe que estava estudando. Estava assustado, com medo e sentia que Pedro ia atormentá-lo. Orou, pediu ao seu Anjo da Guarda ajuda, uma orientação de como agir.

III-A Ajuda

Como todas as orações sinceras têm resposta, Fabiano escutou a vizinha entrar em sua casa e conversar com sua mãe. Não era seu costume ouvir conversas, ainda mais de sua mãe, porém, ficou atento, quando ouviu:

— Ele fala com os mortos...

— Será que não é com os demônios? - perguntou sua mãe.

— Ele falou com minha avó e ela não é um demônio - explicou a vizinha.
- Sabe como eu amava minha avó. O Sr. Mário falou com ela e me deu o recado. Entendi perfeitamente que era ela. Depois ele e a esposa são pessoas honestas e muito boas, fazem o bem, ajudam tanto as pessoas. É estranho alguém, sendo bom, ser cúmplice do demônio.

— Nisto você tem razão, ele é boa pessoa. Não parece louco, é até sensato. Mas dizem por aí que os espíritas falam com os demônios.

— O Sr. Mário me explicou que Deus é amoroso e bondoso, não criou ninguém para ser mau pela eternidade. Que demônios ou capetas são espíritos que temporariamente seguem o mal e que todos, eles e nós, temos sempre oportunidades de mudar para melhor.

— É coerente...

Mudaram de assunto. Fabiano conhecia o Sr. Mário, todos o conheciam, era um homem forte, alegre, trabalhador e honesto.

Falavam que ele era espírita, uma religião que se comunica com os mortos. Fabiano ficou a pensar que, quando era pequeno, evitava, juntamente com os amigos, até de passar em frente da casa do Sr. Mário. Mas, será que tinha algo errado falar com os mortos? Eles não estavam falando? Lázaro não era um? E, se o Sr. Mário fala com os mortos, ele certamente saberia ajudá-los.

Não temia Lázaro, mas de Pedro tinha medo. Pedro deveria ser um louco morto. Num impulso, saiu rápido de casa, nem avisou à mãe e tomou o rumo da casa do Sr. Mário. Chegando, bateu à porta e gritou por ele:

— Sr. Mário!

"Que vou dizer a ele?" - pensou. "Será que estou agindo certo? Será que ele não irá pensar que sou louco? Ou que estou mentindo? Acho que não deveria ter vindo..."

— Oi, Fabiano, como está?

O homem surgiu na porta e sorriu para o garoto que não falou nada, olhou-o e sentiu vontade de correr. Mas, como se estivesse paralisado, ficou ali. O Sr. Mário aguardou uns momentos e, vendo a hesitação do garoto, colocou a mão no seu ombro e convidou:

— Vamos entrar. Que você veio fazer aqui? Não tenha medo. Não faço mal a ninguém.

Depois de sentado, Fabiano olhou novamente para o Sr. Mário, concluiu que ele era realmente boa pessoa.

— Sr. Mário, tenho andado assustado. Temos, meus amigos e eu, visto uma assombração, um fantasma, e conversamos com ele. E agora um outro morto quer algo que diz que sei onde está, só que não sei. Juro que não estou mentindo e...

— Certamente que não mente. Acalme-se, Fabiano. Ajudo você.

Comece a falar do ocorrido e pelo começo. Será mais fácil entender.

— É que queremos ajudar o fantasma e não sabemos como, concluí que o senhor deve saber. Tudo começou quando fomos brincar nas ruínas...

Fabiano contou quase tudo, omitiu que viu Pedro. Ao terminar lembrou que prometeu guardar segredo.

— Vou ficar, perante os meus amigos, como fofoqueiro, o quebra-segredo. Prometemos não contar a ninguém.

— Eles não precisam saber que me contou. Vamos combinar o seguinte: amanhã estarei perto das ruínas, nos encontraremos por acaso e irei com vocês falar com este Lázaro. Sei como ajudá-lo e o farei.

— Obrigado, Sr. Mário!

Fabiano saiu rápido e voltou para casa, a mãe ainda conversava com a vizinha e nem deu por sua falta. Sentiu-se mais tranquilo. Naquela noite dormiu melhor.

No outro dia lá foram os três para as ruínas. Perto delas encontraram o Sr. Mário que os cumprimentou. Fabiano corou e tentou disfarçar. Amélia os puxou para um cochicho.

— Que tal convidar o Sr. Mário para ir conosco às ruínas? Se ele fala com os mortos, talvez nos auxilie a ajudar Lázaro. Tenho ficado cada vez mais com dó deste infeliz. Deve ser bem triste morrer e ficar assim como ele, sozinho, desprezado e vagando pelas ruínas.

— Por mim, tudo bem, e você, Fabiano, que acha? - indagou Mauro.

— Concordo - respondeu o menino.

— Sr. Mário - disse Amélia - estamos indo para as ruínas. O senhor não quer ir conosco? Lá tem fantasmas e, como o senhor gosta de falar com eles, poderia ir e ajudar um deles, que é nosso amigo. Bem, tentou consertar o que falou, é conhecido, ou... falamos com ele, bem pensamos...

Achando que só estava piorando, Amélia calou-se. Os quatro rumaram para as ruínas. Mauro foi quem chamou pelo desencarnado, mas em tom baixo e timidamente.

— Lázaro! Lázaro!

Nada. O Sr. Mário olhou por todos os lados, sorriu para os meninos e Mauro tratou de justificar.

— Tem dias que ele não aparece. Talvez tenha cisma do senhor.

— Pode ser - disse o homem. - Vamos embora? Saíram das ruínas e este senhor espírita falou aos meninos, tentando elucidá-los.

— Somos eternos. Quando vivemos com este corpo de carne, somos encarnados. Quando o corpo morre, o espírito deixa o corpo material e continua a viver sem ele, aí é um desencarnado.

— Então, Lázaro é um desencarnado! - exclamou Mauro.

— Sim, é! Ao termos o corpo morto, somos levados a viver de outro modo. Os bons vão para lugares agradáveis e continuam sendo bons. Os imprudentes e maus vagam por aí podendo prejudicar os encarnados. Precisam da ajuda dos bons para receber orientação.

— O senhor pode ajudar Lázaro? - perguntou Amélia. Os três amigos estavam interessados e prestavam atenção às explicações que gentilmente lhes eram dadas pelo Sr. Mário.

— Reunimo-nos, um grupo de amigos e eu, para tentar ajudar a quem nos pede. Oramos sempre com fé e conversamos orientando a desencarnados como Lázaro. Os desencarnados bons que trabalham no grupo irão convidá-lo a ir ter conosco. Aprenderá muitas coisas e o levaremos, se ele quiser, para um lugar onde muitos desencarnados moram.

— Isto será bom para ele, terá com quem conversar - falou Mauro. - Aqui, só tem a nós e ao outro desencarnado, que só procura uma coisa. E com este outro, o tal de Pedro, o que faremos?

— Tentaremos ajudá-lo também. Meninos, vocês não devem voltar mais às ruínas. Conversar com desencarnados não é nem deve ser brincadeira.

Para entrar em contato com um desencarnado, deve-se saber e entender este intercâmbio. Porque pode envolver-se com espíritos maus e sair prejudicado. As ruínas não são um bom lugar para vocês brincarem. Aqui tem muitas cobras e não é nada agradável.

— O senhor tem razão, tenho sonhado muito com a antiga casa e ficado nervosa. Não quero sonhar mais que sou outra pessoa. Sonho que sou uma mulher um tanto má e que faço coisas feias. O senhor me ajuda?

— Sim, ajudo, só que não deve voltar mais aqui.

— Eu não volto - falou Amélia convicta.

— Não voltaremos - concordou Mauro. - Não gosto de ver Amélia nervosa e inquieta. O senhor ajuda Lázaro e esqueceremos o resto.

Sr. Mário despediu-se dos garotos, tomou o rumo de sua casa e pôs-se a pensar:

"Como somos imprudentes, como há imprudentes. Vivem a existência carnal como se fosse o fim, apegam-se às coisas perecíveis, amam de modo errado o material e a ele ficam presos. Vi os dois desencarnados nas ruínas. Esconderam-se de mim atrás de uma parede. Identifiquei-os logo. Lázaro é um desencarnado incapaz de prejudicar os meninos, porque acabou por se tornar amigo deles. Vamos, na nossa próxima reunião, trazê-lo para uma incorporação para orientá-lo e conseqüentemente levá-lo para um Posto de Socorro onde terá uma vida digna de desencarnado. E o outro, a quem os meninos chamam de Pedro? Este me parece muito perturbado e preso ao desejo de posse, de ter o objeto que procura. Talvez não queira ajuda, está preso às ruínas e não parece interessado nos garotos, é melhor deixá-lo até que queira ser auxiliado. Quando queremos, temos sempre muitas oportunidades e ele as terá quando quiser e pedir com sinceridade."

"Os meninos têm disfunção orgânica" - continuou pensando - "que os faz ver e ouvir os desencarnados. Nós conhecemos como função tudo aquilo que é natural em todos os seres humanos."

Deste modo os cinco sentidos são funções. A capacidade de emanar energias psíquicas mais densas, pensadas, ainda não é tão comum em todos seres humanos, só que todos têm esse potencial. No final do terceiro milênio é possível que a telepatia, que é atualmente uma destas disfunções, seja comum a todos. Essa disfunção dos meninos, eles a possuem atualizada, é o que chamamos de mediunidade, fato que não

ocorre ainda com a maioria. A natureza não dá saltos, evolui incessantemente. Este potencial de emanção, de energias psíquicas, ou seja a mediunidade, está sendo desenvolvido pela natureza na manifestação humana. Antigamente eram poucos, hoje são muitos e no futuro será algo natural no ser humano. Os três eram médiuns. Ao reencarnarmos o espírito toma um corpo ou mais fraco ou mais forte. Mesmo se todos fizerem atletismo continuará havendo a diferença física herdada. Mas se um mais bem dotado fisicamente não se importar em cultivar a força física e o menos dotado trabalhar em cima de sua musculação, este último ficará tão forte e seu potencial físico será igual ou superior ao do outro. Assim também é com a mediunidade, ela se manifesta naqueles que vêm em corpos mais bem preparados e, se não se derem conta deste valor, a sensibilidade ficará adormecida. Outros, com menos potencial mas interessados em desenvolvê-la, trabalham, pesquisam e se dedicam, conseguem assim desenvolver e aprimorar o que no princípio era pouco, tornando-o muito. As pessoas que reencarnam e são bem dotadas e se dedicam ao desenvolvimento são os que chamamos de médiuns ativos e se se dedicarem ao bem, então, veremos neles uma chance de viver bem melhor e mais felizes que a maioria dos homens.

Os meninos por terem esta potencialidade, combinada com os fluidos existentes na natureza, e ali os havia em abundância, puderam ver e conversar com Lázaro. As ruínas estavam impregnadas de fluidos angustiantes e pesados. Aquele lugar certamente foi palco de muitas desavenças, desentendimentos e dores. Naquela mesma noite, Sr. Mário foi para mais uma reunião de ajuda. Estavam presentes muitos desencarnados trabalhadores que faziam o bem e poucos encarnados. Estes trabalhadores foram às ruínas e trouxeram Lázaro ao centro espírita sem que este percebesse. Isto é, Lázaro, pela sua vibração inferior, não via os desencarnados bons. Ele se sentiu puxado, foi como mudar de local num piscar de olhos, em segundos. Os socorristas volitando com rapidez pegaram-no e trouxeram-no. Lázaro incorporou e foi orientado.

Ele não poderia, nem ninguém, ser feliz e ter paz vivendo a vagar. Foi convidado a mudar para melhor, estudar para entender, evangelizar-se e passar a fazer o bem. Lázaro sentiu-se bem entre os novos amigos, aceitou o convite, mas fez um pedido.

— Posso me despedir dos três amigos?

Um dos trabalhadores do grupo de desencarnados o levou até aos garotos. Lázaro foi primeiro se despedir da menina. Amélia estava em sua casa, já deitada, ia dormir e viu o vulto de Lázaro, escutou-o, embora ele não tenha falado. Foi uma telepatia. A menina entendeu, sentiu a mensagem dele.

"Obrigado, Amélia vou embora! Estou feliz! Tenho agora bons e novos amigos. Vou com eles."

"Adeus!" - respondeu ela.

Mauro estava no quintal de sua casa, guardava umas ferramentas e viu Lázaro perfeitamente. Mauro era o que tinha a sensibilidade mais aflorada e o que a potencializava mais ainda era o seu interesse de saber o que ocorria. E este interesse eliminava o medo do desconhecido.

"Mauro, vou embora" - falou o espectro - "o Sr. Mário me ajudou."

"Legal! Acho que vou aprender a ajudar os desencarnados. Viu, aprendi o que você é: desencarnado. Vá com Deus! E aproveite a oportunidade de ajuda oferecida. Infelizmente são poucos os que ajudam."

"Você fala bem" - disse Lázaro. "É inteligente!"

"Obrigado! Quem é este que está com você?" - indagou o menino vendo o socorrista.

"E o companheiro que veio comigo. Trabalha com o Sr. Mário" - explicou Lázaro.

"Isto é bom! Está vendo? Desencarnados também trabalham. Vê se aprende."

"Até logo!"

"Até!"

Fabiano já estava no seu quarto preparando-se para dormir.

Viu Lázaro e teve medo, sentiu-se aliviado quando este se despediu e sumiu.

Lázaro partiu com seu novo amigo, muito confiante e esperançoso, para um Posto de Socorro que o abrigaria.

Mas, horas depois, Fabiano acordou assustado. Viu um vulto ao lado de sua cama e o reconheceu: era Pedro.

Pedro era feio, pelo menos Fabiano assim achava. Estatura mediana, cabelos e olhos castanhos, lábios finos e barba crescida. Porém, a beleza ou a feiura que achamos de desencarnados são normalmente sentidas pelos fluidos que eles nos transmitem.

Os aspectos variam tanto no mundo físico como no espiritual. Há bons de fisionomias imperfeitas, mas, ao serem vistos, irradiam energias benéficas e normalmente quem os vê acha-os lindos. E, como isto é o que importa, são realmente belos. Espíritos perturbados e maldosos podem ter fisionomias belas, e muitos as têm, porém seus fluidos pesados, desagradáveis os fazem ser vistos como feios. Pedro tinha a fisionomia bonita, mas seu sorriso cínico e seu olhar com ódio faziam avermelhar seus olhos, seus gestos maldosos tornavam-no feio, principalmente para o garoto assustado.

Fabiano o escutou num sussurro.

"Menino, quero o que é meu! Ache o talismã e me dê!"

Fabiano, embora com muito medo, se esforçou e falou:

"Não tenho nada que é seu nem de ninguém. Nunca vi este tal talismã. Não sei onde ele está!"

"Sabe! Você foi Evandro e sabe! Se não me der, irei tentar a menina!"

Fabiano começou a orar e pensou no Sr. Mário. O espectro sumiu. Porém, ficou no menino a sensação de que ele, Pedro, estava no seu quarto a observá-lo. E esta sensação permaneceu com Fabiano o resto da noite e no outro dia.

À tarde, depois da aula, os três amigos se encontraram e comentaram sobre a despedida de Lázaro.

Fabiano escutou os amigos, não lhes falou nada de Pedro, só disse que Lázaro também despediu-se dele.

— Vou sentir falta dele - falou Mauro. - Dou risada sozinho quando lembro do susto que lhe dei. Espero que ele agora seja feliz e aprenda a trabalhar. Que horror! A preguiça está em todo lugar.

— Eu não volto mais às ruínas - disse Amélia. - Parece que a tal reencarnação existe mesmo e já vivi lá e não fui nem um pouco feliz.

— Eu quero ser espírita - falou Mauro, entusiasmado. - Vou pedir para o Sr. Mário me aceitar entre eles. Gostei de conversar com desencarnados - falou o termo com firmeza. - É bem interessante ajudar estes mortos do corpo que estão perdidos sem rumo.

As crianças mudaram de assunto e depois foram para casa.

Mas Fabiano tinha a sensação de que Pedro o acompanhava. De fato, este espírito, acreditando que o menino poderia achar o objeto, o talismã,

que tanto procurava, resolveu ficar com ele, ainda mais porque Lázaro fora embora e teria que ficar só nas ruínas. Fabiano, porém, não estava bem.

IV - Obsessão

Fabiano passou uns dias inquieto, sentia dores pelo corpo, a cabeça arder, muita angústia e medo. Sentia, e era o que realmente ocorria. Pedro estava por perto a espionar. Estava triste e desanimado, não tinha vontade de brincar, conversava pouco, não conseguia estudar e nem se alimentar. Os dois amigos insistiam nos primeiros dias, queriam saber o que acontecia. Fabiano, porém, não disse nada.

Um dia, quando voltavam da escola, Amélia falou toda séria.

— Mamãe não quer mais que eu saia por aí com vocês dois. Disse que estou ficando mocinha e que devo ter modos. Por isto não vou mais sair por aí correndo e brigando.

— Eu também não vou ter muito tempo para brincar por aí - falou Mauro. - Vou entrar no time de futebol e vou treinar todas as tardes após a aula. Pela manhã irei ajudar meu pai. Você não quer entrar no meu time Fabiano? Vamos treinar legal!

— Não sei, vou pensar - respondeu o garoto.

Mauro não insistiu, sabia que Fabiano jogava muito mal. O amigo era fraco e não aguentava correr muito.

— Mas você irá nos ver e torcer, não vai? - perguntou Mauro.

— Claro!

— Fabiano, você está triste? Está falando tão pouco! - exclamou Amélia. - O que acontece com você? Poderemos ajudá-lo se nos disser.

— Não tenho nada - respondeu Fabiano. - Não se preocupem.

— Não liga para ela, Fabiano - falou Mauro. - Meninas são assim mesmo, como não se preocupam com nada sério, acham que os homens também não o fazem.

— Mauro! - exclamou Amélia na ofensiva.

— Vocês mulheres são cabeças-de-vento! - falou Mauro rindo.

— Ora - disse Amélia em tom ofendido - vou-me embora, senão terei que desobedecer minha mãe e bater em você.

Saiu furiosa. Mauro deu uma gargalhada. A menina afastou-se ofendida e Mauro parou de rir e comentou:

— Fabiano será que isto é pra valer? Será que Amélia irá adquirir estes tais modos de mocinha?

— Acho que a gente está crescendo Mauro. A infância passa...

— Que chato!

Já não ficavam tanto tempo juntos, porém continuavam amigos, muito amigos. Amélia estava tentando ter modos de mocinha, mas ainda tinha suas recaídas e sempre que se julgava ofendida dava com gosto bons tabefes em Mauro. Este adorava mexer com ela, mas estava entusiasmado com seu time de futebol e treinava com vontade. Fabiano começou a preocupar a família. Estava cada vez mais inquieto, angustiado, não dormia direito, esforçava-se para ser agradável com as pessoas. Ele estava sendo obsediado por Pedro.

Quando os meninos passeavam pelas ruínas e viram Lázaro, não se assustaram porque o ambiente, a antiga casa, lhes era conhecido pelas suas vidas passadas. Era como se ali fosse a casa deles. Quando temos a sensação de posse de alguma coisa ou local nos sentimos seguros e qualquer pessoa que ali venha a nos abordar será como um intruso, podemos nos impor com superioridade. Mauro, o líder dos meninos, era corajoso e tratava os desencarnados de igual para igual. Sua confiança abrangia os outros dois. Tudo que é visto, sentido com naturalidade, torna-se normal, pelo menos para os que assim veem ou sentem. Mas o problema com Lázaro estava resolvido, ele aceitou a ajuda e estava bem no Posto de Socorro. Porém, restou Pedro que estava prejudicando Fabiano, pelo processo da obsessão.

O perigo de se envolver com desencarnados sem conhecimento é este: um deles pode ficar perto do encarnado. Foi uma imprudência dos meninos, uma inocente brincadeira, mas perigosa. E infelizmente se tem feito muitas destas brincadeiras. O intercâmbio entre encarnados e desencarnados é algo sério.

Brincam com este fato, invocam espíritos para responder perguntas banais usando pêndulos, copos e outros objetos. E os desencarnados que se sujeitam a estas brincadeiras podem ser como Lázaro, alguns familiares, ou como Pedro e até piores. E as respostas que dão são normalmente incertas, salvo rara exceção em que os espíritos conhecem os invocadores envolvidos na brincadeira. Na maioria das vezes estes espíritos também brincam e se divertem fazendo de bobos os encarnados. Mas, há os que

por responder julgam que lhes devem algo por isto e, o que é pior, cobram. São espíritos que, gostando das pessoas, ou de uma delas, ou do local, resolvem ficar perto. Começando assim dolorosas obsessões. E os mais prejudicados são os sensitivos do grupo.

Os três garotos reencarnaram com corpo para serem médiuns. Só que eram jovens e o trabalho com a mediunidade deve ser feito na fase adulta, quando o físico está desenvolvido e são mais conscientes do que estão fazendo.

Pedro não ficou com Amélia porque ela orava muito. A oração a fazia sentir-se autossuficiente. Portanto não tinha dependência. Não havia abertura para o espírito com más intenções aproximar-se dela. A oração sincera, com fé, faz com que nos aproximemos de Deus que é pleno. Quando a criatura ora sabendo disto, se sente plena e capaz. Não existindo vácuo de medo ou dependência não há abertura para nenhuma energia negativa, seja de encarnados ou de desencarnados. Nada de ruim a atingirá.

Mauro não tinha medo e enfrentaria Pedro como igual. Ele não dava abertura, reagiria a qualquer influência. Questionava tudo e sempre procurava resolver tudo o que o incomodava, procurava ajuda quando em dificuldades e tentava aprender a resolver seus problemas.

Restou Fabiano. Ele tinha tanto medo de que fazia abaixar sua vibração e afinar-se com Pedro que era dependente do desejo de posse. Quem é dependente sempre tem medo de não ter o objeto que julga dar-lhe autossuficiência. Afinou-se com Fabiano porque os dois tinham medo. Pedro temia não conseguir o talismã que julgava que lhe daria fortuna e o garoto tinha medo do desconhecido. Quando conhecemos e compreendemos um fato, não temos mais motivos para temores. Principalmente com a mediunidade, que é normal, está na natureza da vida e deve ser vista, entendida com naturalidade. Quando isto acontece não há motivos para ter medos. Pedro ficou com Fabiano porque podia melhor dominá-lo e também porque veremos no decorrer da história que o garoto sabia, na sua encarnação anterior, onde estava o objeto do seu desejo: o talismã.

Os pais de Fabiano começaram a se preocupar com ele, insistiram para que contasse o que estava acontecendo. Porém, o imprudente garoto nada

falou. Um assunto como este não deve ser escondido, deve-se procurar ajuda o mais rápido possível.

Fabiano já tinha ido uma vez em busca do auxílio do Sr. Mário, por que não voltava? E simples: por uma chantagem. Pedro por muitas vezes lhe aparecia. Fabiano tinha horror em vê-lo e ele, sabendo que isto o incomodava, deliciava-se e só se tornava visível quando este estava só. Na maioria das vezes, este intercâmbio era só auditivo. Ele falava muito ao garoto:

"Fabiano! Evandro! Lembre logo onde escondeu o meu talismã. Você achando-o irei embora. E, se você falar sobre mim a alguém, vou tentar Amélia. Atormentá-la-ei tanto que a deixarei louca. Não fale! Sabe que o vigio. Mato sua amiguinha!"

Fabiano gostava muito de Amélia. Sentia que ela fora importante para ele no passado e deveria protegê-la, poupá-la de Pedro. Começou a se esforçar para lembrar-se do passado. E começou a recordar algumas partes, mas nada do talismã. Por mais que se esforçasse não recordava onde outrora o escondera.

E Pedro estava cada vez mais impaciente.

"Não faça mais nada. Quero-o o tempo todo pensando até que recorde!" - dizia de modo maldoso.

Um dia o garoto inquieto e angustiado andou pela cidade atrás de algum talismã. Numa pequena loja, viu muitos pés de coelho dependurados.

— Sr. José, isto são talismãs? - perguntou. - Dão sorte?

— Dizem que são talismãs - respondeu o interpelado. - Se dão sorte, pelo menos não deram aos coelhos.

"Estes não, idiota!" - falou Pedro ao seu ouvido. "Quero o meu! É único! Diferente! Não adianta me enganar com outro."

"Resta, então, recordar" - pensou Fabiano. "Mas como? Não consigo."

Os três amigos estavam se encontrando bem menos. Amélia agora ficava mais com as meninas e Mauro estava cada vez mais entusiasmado com o futebol. A tristeza do amigo incomodava Mauro e Amélia que concluíram que ele estava doente.

Fabiano não conseguia mais estudar, se abria um livro lá vinha Pedro.

"Recorde! Lembre! Quero meu talismã!"

E começou a tirar notas baixas. Nem todos os alunos que tiram notas baixas estão sendo obsediados. Estudar é gosto. E algo que se deve fazer

para conhecer. Ter conhecimentos nos ajuda. Toda criança, adolescente ou até adulto que muda de atitudes de forma negativa deve ser indagado sobre o que está acontecendo.

E se estas atitudes são para pior devem ser analisadas e, conseqüentemente, é preciso ajudá-los.

Às vezes, Pedro parecia mais gentil.

"Fabiano, Evandro, pense bem, você era o filho de Leonel. Ele lhe deu o talismã para que o escondesse. Era um objeto de ouro, pequeno, assim. (Mostrava com a mão que o objeto deveria ter uns dez centímetros.) Você pegou e escondeu. E só achar e me dar. Prometo que irei embora."

Outras vezes, estava inquieto.

"Fabiano, não me enrole, você não pode comigo. Lembre logo, senão mato sua mãe, seu pai. Sufoco você. Menino inútil! Peste!"

Fabiano chorava e por muitas vezes lhe pedia:

"Calma, Pedro, daria mil vezes este maldito objeto se o tivesse. Não recordo, não consigo! Tenha pena de mim!"

"Pena" - respondia Pedro - "até que tenho. Mas quero meu talismã! Já matei por ele e mato de novo!"

A vida dos outros dois, Mauro e Amélia, transcorria normalmente.

Difícilmente eles se lembravam das ruínas ou de Lázaro. Mas Mauro continuou a ver desencarnados.

Um dia pela manhã, Mauro passou perto da casa de uma senhora que no momento estava sentada num banco no pequeno jardim na frente do seu lar. A senhora chorava entristecida. O menino ia passar reto, porém, viu um desencarnado que chorava ao seu lado. Parou curioso. Dirigiu-se à mulher.

— Por que a senhora está chorando, D. Dalva?

— Estou muito triste, sinto-me só e aborrecida. Parece que nada dá certo. Sinto dores ora no peito, ora na perna.

— A senhora se sente só? - perguntou o menino estranhando. - Mas a senhora tem tantos filhos.

— Estou cansada! - respondeu a mulher que voltou a chorar.

Mauro olhou bem para o desencarnado, este lhe pareceu estar desanimado, triste e com dores. Fixou-se bem nele e pensou forte:

"E o senhor, quem é?"

"Sou o irmão dela" - falou o senhor e Mauro escutou.

"Venha comigo, por favor, vou lhe apresentar a um senhor muito bom que o ajudará. Venha!"

O desencarnado levantou-se com dificuldade e seguiu o menino. Mauro desviou seu trajeto e rumou para a casa do Sr. Mário. Bateu na porta e gritou por ele. E, quando o viu, Mauro falou rápido:

— Sr. Mário, encontrei este desencarnado perto da D. Dalva. O coitado está infeliz e parece estar infelicitando a pobre mulher. Acho que ele está tão perdido como Lázaro estava. Assim o trouxe para o senhor dar um jeito nele, isto é, para que o ajude também. Desculpe-me, mas não sei ajudar... - virou para o desencarnado que continuava perto dele e disse: - Este é o homem bom que irá ajudá-lo, pode entrar.

O desencarnado, como que atraído pelo lugar, entrou rápido.

Mauro sorriu para o bondoso homem e agradeceu:

— Obrigação!

O Sr. Mário acabou achando graça, entrou, orou pela visita e pediu que seus amigos espirituais viessem ajudar e orientar este irmão.

Mauro, após aula, chamou os dois amigos para conversar em particular e contou-lhes a aventura.

— Vocês precisavam ver ou sentir como é ruim a angústia de desencarnados que sofrem. Quando ele me acompanhou, colocou a mão no meu ombro. Evitei até de pensar, porque achei que ia ler meus pensamentos.

Nem todos os espíritos sabem ler pensamentos, para isto é necessário ter conhecimento. E este conhecimento tanto pode ser de bons ou de maus. Este espírito sofria sem entender seu estado de desencarnado. Ele escutou os pensamentos de Mauro porque este dirigiu-se a ele e foi como se falasse. Espíritos assim escutam conversas, pensamentos só se dirigidos a eles. Mauro o convidou e o aceitou por momentos. Desde que o viu pensou em levá-lo para ser socorrido até o Sr. Mário. Aceitando-o, o menino doou suas energias e sentiu também seus fluidos.

Os três ficaram quietos uns instantes e Mauro falou:

— Não sei o que vocês farão, mas eu vou aprender a ajudar estas pessoas que morrem e não têm rumo. Quero aprender a auxiliá-los. Tenho curiosidade de saber como os desencarnados vivem. Vejo-os e não posso empurrar os que encontro sempre para o Sr. Mário. O certo é que eu os

vejo e quero ajudá-los. E vocês que vêm também deveriam aprender comigo.

Amélia e Fabiano não responderam. Novo silêncio. Fabiano então indagou:

— Mauro, que você faria se alguém o chantageasse?

— Quebraria a cara do sujeito - respondeu o menino. - Não gosto de chantagem e muito menos de chantagista. Quem faz chantagem não tem caráter e não merece respeito. Quem é chantageado é um covarde. Por quê? Alguém está lhe chantageando? Fale que eu resolvo isto para você. Acerto-o e já!

— Não, é que estava só pensando... - respondeu Fabiano.

— Fabiano - falou Amélia - tenho-o achado triste e aborrecido. Gostaria muito de ajudá-lo. Que acontece com você? Nem sorri mais.

— Nada, nada... - falou Fabiano depressa.

— Fabiano - disse Mauro - não aceite ajuda de meninas, elas não servem para nada, só nos chateiam...

— Mauro! - gritou Amélia armando a mão.

— Não briguem! - exclamou Fabiano.

— É melhor mesmo - falou Mauro. - Vamos resolver seu problema. O que está lhe preocupando, Fabiano?

— E se quem o chantagear disser que matará uma pessoa de quem você gosta? - perguntou Fabiano.

— Xi, é sério mesmo - falou Amélia.

— Nem tanto - falou Mauro. - Pensa que é fácil sair matando assim. Para que tem polícia? E nossos pais, para que servem? Para nos proteger. Se existem pessoas más, há também muitas boas e acredito mais nas boas. Sou valente, sou forte, mas, quando percebo que não vou dar conta de resolver algo, não me envergonho de pedir ajuda. Não sou orgulhoso. Não viram o que fiz com o desencarnado que encontrei? Levei-o para o Sr. Mário, porque não saberia o que fazer com ele. Acho que ser inteligente é isto, tentar aprender para fazer. E, quando não se sabe, procurar quem sabe. Fabiano, sou forte e darei com prazer uns bons murros em quem está mexendo com você.

— Eu também quero ajudar - falou Amélia. - Se bato no Mauro, surrarei qualquer um.

— Não é bem assim - disse Mauro. - Eu não lhe bato porque não quero. - É, quer ver...

Após uns tapas, Mauro correu e Amélia foi atrás. Esqueceram de Fabiano que desta vez não os acompanhou.

"Não vá procurar ajuda deste senhor, senão você já sabe, pego a menina!"

Fabiano escutou Pedro, mas desta vez o menino sentiu que ele estava receoso.

"Sou um covarde!" - pensou Fabiano. "Se pra tudo tem jeito, para chantagem também há. Não devo ser tão medroso! Vou acabar louco com este Pedro me atormentando. Se pelo menos lembrasse onde pus este maldito objeto. Daria a ele na hora, não iria querer uma coisa tão ruim!"

"Não vá! Não quero!" - insistiu Pedro, irritado. "Como também não quero mais que converse com estes dois. Não quero! E não vá!"

"Não quer que eu converse com meus dois amigos? Ah, isto não! Você não pode me mandar assim! Será que você pode com Amélia? Com Mauro? Estou achando que não."

Levantou-se e dirigiu-se rápido para a casa do Sr. Mário. Pedro tentou de tudo, ameaçou-o, xingou tentando impedi-lo, mas Fabiano resolveu e foi.

Sempre que acontece assim, há um vencedor e o encarnado deve ser firme e não se deixar dominar, porque a parte desencarnada sempre faz de tudo para impedir. Contando-se com ajuda, o obsessor sabe que dificilmente vencerá. Obsessores temem sempre o Espiritismo, principalmente os centros espíritas que seguem os ensinamentos de Jesus e a orientação de Kardec. Porque, se o obsediado aprender o que normalmente ensina a Doutrina Espírita, mudará sua vibração e o obsessor não poderá atingi-lo mais.

Quando Fabiano estava perto da casa do Sr. Mário, Pedro afastou-se, ali não era lugar para ir, nem para acompanhar Fabiano.

O garoto bateu à porta e esperou. O homem trabalhava em casa, consertava sapatos e tinha uma bela horta, cultivava verduras e as vendia. O pessoal da cidade ia muito a sua casa comprar verduras ou levar sapatos para consertar.

Sr. Mário abriu a porta e Fabiano ao vê-lo começou a chorar. O médium abraçou o menino e levou-o para dentro do seu lar, onde se sentaram.

— Que acontece, Fabiano?

— É que estou sendo vítima de uma chantagem - falou o menino, chorando. - Ajude-me a lembrar onde escondi o tal objeto que ele irá embora. Estou com medo de que ele mate Amélia, pois disse que o faria se eu viesse aqui.

— Ele quem? - indagou o Sr. Mário preocupado pensando ser um malfeitor encarnado.

— Pedro - respondeu o menino - o outro desencarnado das ruínas.

Sr. Mário respirou aliviado, tentou tranquilizar o menino. Já tinha visto Pedro, seria trabalhoso orientá-lo, mas não era caso de se preocupar, os benfeitores ajudariam o garoto.

— Fabiano, desencarnados não podem matar alguém como ele diz. Os encarnados conseguem sempre ajuda quando pedem. Se ele o atormenta, por que não veio aqui antes?

— Porque ele disse que faria mal a Amélia. Queria dar-lhe o talismã, só que não lembro onde o coloquei.

— Este objeto é material?

— É um objeto - respondeu Fabiano já se acalmando e parando de chorar.

— Como pode um desencarnado pegar um objeto do mundo físico? Se você lhe der esse objeto, o que fará com ele?

— Não sei, mas certamente irá me deixar em paz.

— Por que não tentamos convencê-lo a mudar de opinião?

— Mas ele não quer ajuda como Lázaro - respondeu Fabiano.

— Não é por isto que você deve aceitar que ele o atormente. Conte-me tudo Fabiano!

O garoto sentiu-se bem, ali relaxou e sentiu até sono. Desta vez falou tudo, não escondeu nada.

— Fabiano - disse o Sr. Mário, fraternalmente - você deveria ter me procurado logo. Espíritos assim falam muito. Se o mal existe, o bem também e é mais forte. Ele não fará nada a Amélia e nem a você. Se você sentir que Pedro se aproxima, pense em Jesus e peça ajuda ao seu anjo guardião. Vamos orientar Pedro, ele não fará mais mal a você.

O médium deu um passe em Fabiano tirando-lhe as energias negativas que Pedro lhe projetara e doou fluidos benéficos que o fizeram se sentir bem, fato que não ocorria há muito. Já fazia cinco meses que Pedro estava com ele, obsediando-o.

Fabiano foi para casa, logo após sentiu medo. Mas não sentiu Pedro por perto. Anoiteceu, estava com sono, mas como estava acontecendo ultimamente tinha medo de se deitar, só o fazia quando todos da casa já o tinham feito. Quando todos foram dormir, Fabiano foi também, orou como o Sr. Mário lhe recomendou e, de repente, surge Pedro que ia lhe falar, mas Fabiano não deixou, pôs-se a falar baixinho sem parar:

"Sr. Mário! Me ajude, Jesus! Socorra-me meu Anjo da Guarda! Sr. Mário!"

Pedro sumiu e o menino sentiu uma luz o envolver. Tranquilo, dormiu.

O Sr. Mário pediu para que seus companheiros espirituais ficassem com os meninos, principalmente com Fabiano e o protegessem de Pedro. Como também iriam tentar ajudar este espírito que há tanto tempo vagava à procura de algo que nem poderia sequer assumir.

Fabiano por sua vez passou a orar mais e, assim que sentia Pedro por perto, pensava no Sr. Mário e um espírito bom, o trabalhador do centro espírita, ficava mais ao seu lado impedindo Pedro de se aproximar. Fabiano dois dias depois foi agradecer ao Sr. Mário.

— Fabiano - elucidou-o o senhor espírita - ainda não convencemos Pedro a ir embora. Cuide-se, ore e venha aqui para que lhe aplique o passe reconfortador.

— Meus pais iam me levar ao médico. Mas, agora, acho que não preciso mais.

Orientado por um amigo desencarnado o Sr. Mário respondeu:

— Deve ir, sim, você está doente e precisa de medicamentos.

Sua doença não tem nada a ver com este fato, porém a presença de Pedro ao seu lado o enfraqueceu. Deve ir e se cuidar.

Fabiano foi com os pais ao médico que ao auscultá-lo percebeu logo que o menino era portador de uma séria doença no coração.

Receitou remédios e recomendou-lhe que tivesse muito cuidado e proibiu-lhe exercícios físicos. A pedido do clínico, Fabiano esperou na outra sala enquanto os pais conversavam com o médico. Quando saíram, a mãe se esforçava para não chorar. O menino a consolou:

— Mamãe, eu já sabia que estava doente e que tinha que tomar remédios. Não se preocupe. Para tudo tem jeito.

— Meu filho! - exclamou ela e as lágrimas correram.

"Tudo tem jeito" - pensou Fabiano. "Dizem que é só para a morte que não tem. Mas continuamos vivos após ela, então tem jeito para a morte também. Não me importo com esta doença, ainda mais agora que estou livre de Pedro. Ainda bem que não tem injeções para tomar."

E foi embora tranquilo.

V - A História de Pedro

Com os desencarnados bons perto dos meninos, Pedro não pôde aproximar-se, voltou para as ruínas revoltado e irado. Os amigos do Sr. Mário, os socorristas, o vigiavam e no dia que se reuniram para um trabalho de desobsessão buscaram-no e o levaram para uma incorporação. Como Lázaro, Pedro também veio sem saber de que forma. O Sr. Mário como orientador da casa tentou conversar com ele, mas Pedro estava endurecido. Não soube responder o que iria fazer com o talismã. Não aceitou a ajuda oferecida e voltou às ruínas. Porém, ficou pensando no que ouviu e pôs-se a matutar:

"Onde guardarei o talismã? O que farei com ele? E se algum encarnado o pegar?"

Ficou aflito esperando que viessem buscá-lo para conversar com o grupo novamente. Na reunião seguinte foram buscá-lo e assim que incorporou fez as perguntas que o encabulavam.

— Não sei lhe responder - disse-lhe o dirigente. - Não sei o que você poderá fazer com o talismã. Você, não tendo o corpo físico, não pode possuir algo material. Não está na hora de você procurar outro tesouro? O conhecimento da vida espiritual?

— Ele me deixará rico? - indagou Pedro.

— Riquezas materiais são para o período de encarnado. Para sermos felizes verdadeiramente precisamos de outras coisas, como ter paz e harmonia, gostar de onde estamos seja vivendo encarnado ou desencarnado e ter amigos verdadeiros.

— É...

Dialogaram mais e ele recusou, novamente, a ajuda oferecida.

Voltou às ruínas, só que pensou muito no que escutou, nos conselhos, nas orações e na leitura do Evangelho. Pedro agora não era levado às reuniões, era convidado e ia, gostava de conversar com o grupo. Contou sua história aos poucos.

— Nasci no seio de uma família importante, não estudei nem trabalhei. Meus irmãos, oito, implicavam comigo, mas eu não dava atenção às suas reclamações. Eles trabalhavam muito, casaram jovens e eu vivia à custa de meu pai. Também não pensava em me casar, só o fazia se desse um grande

golpe do baú. Gostava de viajar, festas, jogos e de todos os prazeres carnais. Meu pai morreu, repartiu-se a fortuna. Vendi a minha parte da herança aos meus irmãos fazendo assim em dinheiro minha parte e viajei para a Europa. Gostava muito do Velho Continente, lá, sim, é que se podia viver bem. Gastei rápido meu dinheiro e passei a viver de favores de amigos. Foi na Europa que pela primeira vez me interessei por uma mulher. Ela era parecida comigo, ambiciosa, cruel e amante dos prazeres. A seu modo me amava, mas amava muito mais a riqueza, queria a vida fácil que o dinheiro proporcionava. Casou-se com um velho rico, não a condenei, na minha opinião ela estava certa. Resolvi voltar ao Brasil, rever meus familiares e extorquir dinheiro deles. Não fui bem recebido, entendi que meus irmãos não me dariam nada, porque também nenhum deles estava rico, viviam bem, tinham muitos filhos e não confiavam em mim. Só um sobrinho, o Leonel, estava muito bem financeiramente. Resolvi visitá-lo, ele e a esposa me receberam friamente mas me trataram educadamente. Fingi que não percebi suas indiferenças e tentei ser agradável. Dias depois, Leonel deu uma festa em sua casa que se encheu de hóspedes. Aí descobri, Leonel mesmo foi quem contou, o porquê de ele ter enriquecido rápido e fácil. É que ele tinha um talismã. Era uma peça de ouro muito bonita que lhe trouxera sorte e fortuna. Mostrou aos hóspedes e disse a todos que para o talismã trazer sorte teria que ser roubado. Resolvi ficar mais tempo com meu sobrinho, não para extorquir dinheiro, mas para roubar o talismã. Na posse deste objeto voltaria para a Europa, adquiriria fortuna negociando com meus amigos ricos. Daria um jeito de tornar viúva minha amada e viveríamos felizes e ricos entre os nobres da Europa. Isto se tornou uma ideia fixa. Mas do mesmo modo que eu pensava um outro sobrinho meu, José Venâncio, irmão do Leonel. Procurei ser o mais discreto possível, não dava trabalho, comportava-me educadamente, até fazia alguns trabalhos para Leonel e observava tudo. Meu sobrinho, o dono do talismã, escondia bem o objeto e ninguém sabia onde estava guardado. Como observava tudo, logo descobri o interesse de José Venâncio tanto pelo talismã como pela esposa do irmão, Verônica. Os dois passaram a se encontrar às escondidas e tornaram-se amantes. Aproveitei do amor dos dois para desestruturar a família e dei um jeito de Leonel descobrir a traição. Achei que, se meu sobrinho Leonel encontrasse a esposa que amava com o irmão querido, ele ia se perturbar e então seria mais fácil

roubar o objeto do meu desejo. Acabou surgindo a oportunidade. Eu soube durante o café da manhã que Leonel ia à cidade, concluí que os dois amantes iriam se encontrar. Esperei que saísse e logo após fui atrás dele. Ele tinha ido a cavalo, estava feliz e distraído. Galopei, fiz cara de preocupado e lhe disse:

— "Leonel, volte, Verônica está passando mal, ela me pediu para avisá-lo e que retornasse."

Ele voltou rápido, galopou com seu cavalo e eu fiquei para trás, confiando na sorte. Quando cheguei à casa deles, Leonel havia acabado de matar seu irmão José Venâncio. Verônica chorava copiosamente. Um negro, ex-escravo da casa, amigo da família, foi quem tomou as providências. Disse a todos que José Venâncio se ferira acidentalmente. Naquele tempo era fácil ocultar escândalos, as famílias de posses diziam o que queriam e ninguém às contestava. Tudo ocorreu conforme o negro planejou. Ninguém comentou ou falou da traição de Verônica. Concluí que os dois lutaram e Leonel saiu-se melhor. O ambiente da casa tornou-se fúnebre. Um horror. Leonel passou a dormir em outro quarto, tornou-se triste e abatido. Verônica parecia uma morta-viva, só chorava pela casa. Evandro, o filho deles, menino ainda, nada entendia, era o único que parecia ter paz naquele lar. Eu não aguentava mais ficar naquela casa. Aproximei-me mais do meu sobrinho Leonel e tentei confortá-lo. Parecia adivinhar minha intenção, mas não falou nada. Um dia, em que estávamos a sós no seu quarto, perguntei-lhe:

— "Leonel, meu sobrinho, o que você fez com o talismã? Onde guarda tão precioso tesouro?"

— "Dentro desta caixa trancada" - respondeu-me rápido.

Olhou-me, achei que ele falou sem perceber, porque disse logo após:

— "O senhor está querendo roubá-lo?"

Levantou-se da cadeira em que estava sentado, nervoso me olhou fixamente. Resolvi que teria que ser naquele momento ou nunca mais. Leonel certamente me expulsaria do seu lar. Saquei de uma faca, que sempre tinha comigo e a enfiei no abdômen dele. Friamente o deixei ali caído, agi com rapidez, peguei a caixa e fui correndo para meu quarto. Lá, peguei minha bolsa com o pouco dinheiro que tinha, fui para a estrebaria, selei rápido um cavalo veloz e fugi. Quando saía, escutei gritos.

— "O sinhô Leonel foi ferido! Açudam! Corram!"

Senti medo que me perseguissem e prendessem e só pensei em fugir. Galopei até a cidade e de lá rumei para outra sem parar um instante. Nesta cidade, vendi o cavalo e paguei para poder viajar de carroça até uma outra cidade marítima. Guardei a caixa na minha bolsa, não a abri. Cavalgando não parei e ali na carroça estava com mais pessoas e não queria que vissem a caixa e nem o talismã. Cheguei e fui direito ao porto e por sorte ou azar, porém no momento achei que era muita sorte, um navio ia partir dentro de poucas horas. Era um navio velho, de carga, paguei o que me pediram e embarquei. Só quando o navio estava navegando foi que me tranquilizei. Ninguém agora poderia me deter. Só me arrependi de uma coisa: não ter planejado e roubado ao fugir todo o dinheiro do Leonel. Cansado e com muito sono, pois não dormira durante toda a fuga, deitei-me em cima de minha preciosa bolsa e adormeci. Acordei muitas horas depois e, após me alimentar, resolvi abrir a caixa. Estava trancada, tive que abri-la com a mesma faca que feriu meu sobrinho. Dentro achei só um papel. Desdobrei-o aflito, li e reli muitas vezes.

— "O talismã não está aqui. Procure-o em outra parte."

A letra era de Leonel. Ele percebeu que eu e José Venâncio estávamos à procura do talismã e deve ter resolvido nos pregar uma peça. Espatifei a caixa e nada realmente do talismã. Se ódio matasse, morreria naquele momento. Porém, o ódio mata sim, só que lentamente.

Vamos fazer um intervalo na narração de Pedro.

Ele também não relatou tudo de uma só vez, falou aos poucos nas reuniões do Sr. Mário em que passou a ir com frequência. Nós ouvimos muitas expressões mais ou menos assim:

"Ah, se ódio matasse, estaria morto ou mataria pela vontade determinada pessoa."

Só que a maioria das pessoas que as pronuncia não sabe que o ódio pode matar. O sentimento negativo do ódio é muito forte, gera uma quantidade enorme de fluidos pesados, ruins e destrutivos e que podem ser enviados à pessoa que se odeia. Esta se estiver vibrando em sintonia elevada, boa, não os receberá, mas se estiver na mesma sintonia, na mesma faixa vibratória, pode receber a carga negativa que muito a prejudicará. Ainda mais se estiver errado e prejudicado realmente aquele que a odeia. O rancor do outro a envolve e, muitas vezes, faz com que se sintam pior ainda, ela passa a sentir a angústia e fluidos daquele que os

envia. Só que estes fluidos podem ser repelidos, mas quase sempre quem deve, recebe. E quem gera esta energia negativa, odiando, diz que se o ódio matasse estaria morto, é só questão de tempo. Quem odeia se envolve numa energia destrutiva e pesada que enfraquece o físico tornando-se predisposto a muitas doenças que muitas vezes o fazem desencarnar antes do tempo previsto. Atitudes impensadas podem ocasionar a desencarnação precoce. Porém, temos visto pessoas dizer essa frase só por dizer.

Lógico que, não sentida em profundidade, não ocasiona mal. São expressões infelizes que se pronunciam imprudentemente, mas mesmo assim fazem mal a quem as pronuncia, abaixam suas vibrações e ficam por determinado período sujeitas a receber fluidos negativos do ambiente ou de outras pessoas.

Pedro, que já estava, por causa dos seus atos, com uma enorme vibração ruim, piorou ainda mais com seu ódio. E enviou ao seu sobrinho suas energias negativas que as recebeu, mas não por se sentir devedor em relação ao tio. Leonel fora bondoso com o tio, recebera-o em seu lar quando não tinha para onde ir, sustentara-o e acabou sendo ferido por ele. Só que Leonel se sentiu culpado, e o era sem dúvida, pelo assassinato do irmão. Se assim não fosse, ele não receberia os fluidos do tio.

Mas, voltemos à história de Pedro.

— “Cheguei a falar com o comandante do navio que queria voltar. Ele riu.”

— "Ora, quer que voltemos? Está louco! O que posso fazer é, se encontrarmos algum navio rumo ao Brasil, pedir para levá-lo de volta. Só que não lhe devolvo o dinheiro que me pagou e o senhor deverá pagar caro o retorno."

Pensei melhor e concluí:

"Que ia fazer no Brasil?"

— Minha família já deveria saber que tinha matado Leonel, ninguém me abrigaria, se não gostavam de mim, agora me detestariam. Não poderia voltar ao lar de Leonel, eles me prenderiam. Perdera o talismã que me faria rico e estava com pouco dinheiro. Resolvi ir para a Europa e tentar viver à custa da minha amada e pensar como poderia extorquir dinheiro dos conhecidos, talvez fazendo algumas chantagens. Fiz muitos planos e a viagem transcorria calma. Lembrava-me do talismã e odiava ter caído no

golpe baixo de Leonel, por ter sido enganado como um amador. Um dia, acordei doente, chamei pelo comandante que, após me examinar, mandou que me levassem para um compartimento com outros cinco enfermos. Todos com peste. Foi uma agonia, morremos à míngua, o resto da tripulação tinha medo de se contagiar. Tinha muita febre que me fazia delirar, via então o talismã e gritava por ele queria possuí-lo. Morri. Senti que alguém me puxava do meu corpo porque iam jogá-lo ao mar. Senti-me ser dois por momentos e vi que jogaram meu corpo ao mar e fiquei ali, sabendo que estava morto, mas vivo e muito perturbado. Duas pessoas, mais tarde soube que eram espíritos bons, me desligaram do corpo morto, tentaram falar comigo, não lhes dei atenção, não me interessei pelo que falavam. Fiquei pelo navio, chegamos à Europa, o navio atracou. Desci com dificuldades e rumei para a casa de minha amada, sentia-me fraco e doente. Que decepção, descobri que ela era pior do que eu pensava, uma vadia, tinha muitos amantes e nem se lembrava de mim. Ali na casa dela, conheci um outro desencarnado que me explicou como sobreviver melhor sem o corpo físico, me ensinou a vampirizar, roubar energia alheia e tirar proveito de muitas situações dos encarnados. Queria voltar ao Brasil e pegar o talismã, achei que desencarnado seria mais fácil, pois ninguém me veria. Pedi a este espírito para me trazer ao Brasil, pedi-lhe este favor, mas por isto tive que servi-lo por anos, trabalhar para ele, ou melhor fazer alguns favores. Atendi-o e, no prazo combinado, ele pegou minha mão e voamos rápido. Fui deixado na casa abandonada que caía aos pedaços.

Novamente, para algumas explicações, façamos uma pausa no depoimento de Pedro.

Este desencarnado que Pedro encontrou era provavelmente um espírito mau, aproveitador e com alguns conhecimentos. É normal entre estes desencarnados a troca de favores. Pedro diz que trabalhou. Infelizmente se trabalha também para o mal. Fez pequenas maldades para o outro, vigiou alguns encarnados e agiu como informante. Estes trabalhos são muito variados, podem ser: obsediar, prender outros desencarnados, vigiá-los e torturá-los. Ao trazer Pedro para o Brasil, para as ruínas, o fez volitando. Conhecer a maneira de voitar, e saber elaborar esse processo, muitos espíritos o sabem e até curiosos e trevosos têm conhecimento de como o fazer.

Pedro prossegue contando seu drama:

— Não vi ninguém na casa, nem encarnados nem desencarnados. Achando que o talismã estava ali, pus-me a procurá-lo. Aceitei a companhia de Lázaro para não ficar sozinho. Quando os três meninos foram às ruínas, não me importei, achei-os divertidos. Um dia escutando-os reconheci que eles viveram ali outrora. Fabiano fora Evandro, o filho de Leonel e, para minha surpresa, escutei-o falar que escondeu a pedido de seu pai o talismã. Só que ele não se lembrava do esconderijo e eu tentei fazer com que recordasse.

Pedro deu por encerrada sua história. Desencarnado ficou por anos atrás de algo material que nem lhe pertencia nem podia possuir. Nada realmente do mundo físico nos pertence. Tudo nos é emprestado, até o corpo carnal. Pedro ficou preso a algo material, ao desejo de posse. É muito triste desencarnar e continuar com a ilusão de posse.

Pedro encabulou-se quando o Sr. Mário lhe perguntou:

— Se você achasse o talismã, o que faria com ele? Conseguiria pegá-lo? E se algum encarnado ficasse com ele?

— Eu ficaria perto deste encarnado vigiando o talismã - respondeu Pedro. - Agora estou achando que foi melhor não tê-lo achado. Penso que estive errado.

Naquela reunião, ele chorou, mas voltou às ruínas. Porém, na seguinte, veio sozinho, pediu ajuda em nome de Deus. Foi levado para um Posto de Socorro espiritual e, após um preparo, reencarnou longe dali, com muitas esperanças de um recomeço.

Perdera muito tempo atrás de uma ilusão e queria realmente melhorar. O grupo todo alegrou-se com a ajuda dada a Pedro e todos tiraram preciosa lição com sua história: a luz da verdade, do bem que deve iluminar nosso conhecimento, nossas boas ações, porque estas são as que nos acompanham com a desencarnação.

Pedro, orientado e já reencarnado, não obsediava mais Fabiano, que passou a dormir e ter paz. O garoto estava aprendendo a conviver com sua doença que o privava de muitas coisas. Passou a ir mais vezes ao lar do Sr. Mário, e quando se sentiu melhor foi lhe agradecer e ao sair encontrou com Mauro.

— Fabiano, você tem vindo à casa do Sr. Mário? Gosta dele?

— Gosto - respondeu o interpelado.

— Também gosto. Você não quer voltar comigo? Quero pedir uma coisa ao Sr. Mário.

O dirigente os atendeu e Mauro foi logo ao assunto.

— Quero aprender a ser espírita. Não quero ver desencarnados por aí e não saber o que fazer com eles e ter de trazê-los para cá. O senhor poderia nos ensinar?

O interpelado pensou, eles eram jovens para trabalhar com a mediunidade. Mas Mauro tinha razão, estava na hora de aprender. Ele tinha filhos e os outros médiuns também. Poderia reuni-los um dia da semana e tentar elucidá-los.

— Muito bem, jovens, terça-feira às seis horas podemos nos reunir. Vocês poderão fazer perguntas e eu tentarei responder a contento. Oraremos juntos e leremos o Evangelho.

— Combinado! - exclamou Mauro contente.

Assim se formou um grupo de jovens e de algumas crianças que passaram a receber as primeiras elucidações da Doutrina Espírita.

Amélia foi um tanto desconfiada, após a leitura do Evangelho e da explicação dada pelo Sr. Mário acabou sua resistência. Achou que Mauro estava certo, teria que aprender a lidar com suas visões, escutas e premonições, ou melhor, com sua mediunidade. Fez muitas perguntas sobre a reencarnação e, quando a aula acabou, saíram os três amigos contentes e Amélia concluiu sabiamente:

— A Lei da Reencarnação é a mais justa de que já ouvi falar. Deus é Pai bondoso, se não fosse, eu estaria no inferno sem outra oportunidade. E que oportunidade! Consertar os erros, aprender o que se rejeitou! Tudo que o Sr. Mário falou parece que eu já sabia e tinha esquecido. Entendo agora que sabia mesmo e que recordo. Tudo é muito coerente, quanto mais se raciocina, mais entendemos e cremos.

— E você está só começando! - exclamou Mauro rindo. - Fala como se fosse entendida no assunto.

— Não sou mas vou ficar! - falou Amélia. - Só tenho medo de que meus pais me proibam de vir a estas aulas.

— Não lhes diga nada, quando descobrirem você já aprendeu o bastante para mostrar a eles que está certa em frequentar as reuniões - respondeu Mauro. - E você, Fabiano, gostou da aula?

— Gostei muito.

— Ainda bem que não lembro do passado - disse Mauro. - Se a oportunidade da reencarnação nos é dada, é bom que esqueçamos as outras existências. Cada reencarnação é um verdadeiro reinício.

— É verdade - concordou Amélia. - Cada reencarnação, como nos explicou o Sr. Mário, é um reinício. Mas, recordei algumas coisas.

— Que lhe foram desagradáveis - falou Mauro. - É, como nosso orientador disse, você o fez por ter ido ao local em que viveu e por estar madura para isto, possuir condições para ter recordado. Também, você lembrou só de alguns pedaços que muito lhe marcaram aquela existência.

Fabiano não falou nada, recordou de muitas passagens do seu passado. Sabia que não devia dar importância. O passado passou e por mais que se queira não o modificaremos. Porém, sentiu que se fosse às ruínas e se tentasse recordaria toda a história do talismã.

Despediu-se dos garotos. Estava de férias e tinha muito tempo livre. Não comentou com os amigos a vontade de ir às ruínas.

No outro dia à tarde, Fabiano foi sozinho ao local que outrora fora uma bela casa, o seu lar, agora em ruínas. Recordou-se parcialmente o passado. Só depois de desencarnado é que recordou e soube de todos os acontecimentos.

Como também soube que seu tio José Venâncio, sua mãe Verônica e seu pai Leonel se reconciliaram. Seu pai Leonel reencarnou longe dali e estava bem.

Fabiano foi andando lentamente pelas minas, viu com surpresa que o gado pastava normalmente. Sem a presença de Pedro e Lázaro, o local passou a ser para os animais um lugar como outro qualquer.

"Nada os assusta mais." - pensou Fabiano.

Sentou-se no chão e tentou ficar confortável, encostou a cabeça à parede e pôs-se a juntar os pedaços que já recordava e alguns outros vieram-lhe à mente...

VI-O Estranho Objeto

Assim, eu soube por Fabiano, quando já desencarnado, esta história emocionante que envolveu pessoas comuns com seus sentimentos diversos de paixão, rancor, vaidade e ambição, como também acertos, esperanças e recomeços.

Havíamos marcado, por intermédio de amigos comuns, um encontro para ele me contar a interessante história de um objeto que marcou muitas pessoas. A do talismã. No horário marcado nos encontramos num dos jardins da Colônia em que resido. Foi muito agradável nosso encontro. Fabiano é muito simpático. Veio acompanhado de uma amiga que me apresentou todo feliz.

— Antônio Carlos, esta é Lídia, uma companheira muito querida.

Os dois se entreolharam carinhosamente, havia em seus olhares o afeto de almas afins. Fabiano então contou sua interessante história, ouvi-a prazerosamente e Lídia permaneceu em silêncio e por muitas vezes, durante a narrativa, olhou-o com amor. Quando Fabiano terminou, fizemos um breve silêncio e quem o quebrou foi Lídia com sua voz agradável.

— Fabiano e eu temos muitos planos, ficaremos por muitos anos no plano espiritual estudando e trabalhando, depois reencarnaremos para constituir uma família, esperamos confiantes poder ficar sempre unidos.

Agradei-os emocionado pelo relato e pela singela visita. Desejei imensamente que concretizassem seus sonhos. Despedimo-nos como amigos. Fui em seguida gravar o que tinha escutado e os dois voltaram felizes aos seus afazeres.

Iniciemos a narrativa de Fabiano:

— A casa era bonita, meu pai a havia construído recentemente. A mudança foi uma festa. Móveis novos, cortinas, enfeites, todos felizes e conversando muito. Meu pai Leonel estava orgulhoso e minha mãe Verônica muito feliz. Sabia que os dois haviam casado por imposição dos pais, mas viviam relativamente bem. Meu pai por muitas vezes comentou que havia querido uma família numerosa, com muitos filhos, porém, só tiveram a mim, Evandro. Por complicações após o parto, minha mãe nunca mais havia engravidado. Meu pai era um homem bom e honesto, tinha muitos escravos que eram tratados como empregados e era amigo de

todos. Havia até um casal de negros, João e Isabel, que eram livres, pessoas de confiança de meu pai e que moravam conosco na casa. Tive uma infância feliz, era mimado e meu pai me amava muito. Às vezes, minha mãe reclamava, queria ir a festas e passeios. Por isto, meu pai organizou uma grande festa para mostrar a casa aos amigos e parentes. A propriedade era grande, uma fazenda enorme e cultivada. Um dia meu pai foi caçar e uma ave abatida caiu numa encosta e os cães se recusaram a ir buscá-la. Ele apeou-se do cavalo e cuidadosamente deslizou pelo terreno inclinado. No local havia pequenas árvores e capim. A área não era grande, era um buraco de uns cem metros de largura por uns quinze metros de profundidade. Procurando a ave abatida, observando bem o chão, achou outra coisa. Como se estivesse deitado sobre uma pedra, estava um esqueleto. Uma ossada humana, estava intacta.

— "Meu Deus!" - exclamou meu pai. "Uma pessoa morreu aqui e faz tempo!"

Pela posição do esqueleto, a pessoa deveria ter morrido deitada, estava com os braços cruzados sobre o peito e a cabeça inclinada para trás.

— "Acho que morreu dormindo!" - concluiu meu pai.

Já ia voltar, não se interessou mais pela caça, quando resolveu verificar melhor o esqueleto. Havia entre os ossos resto de roupas, de tecido barato, e um facão comum usado na lavoura, muito enferrujado.

— "Deveria ser um pobre qualquer e estava com pouca roupa" - observou.

Viu então uma bolsa. Era de couro cru, de um palmo e, pela posição, a pessoa a colocara debaixo do braço esquerdo. Com cuidado e respeito pegou-a.

— "Talvez aqui haja uma identificação do falecido."

Abriu-a e dentro só havia o estranho objeto. Meu pai examinou-o bem.

— "Uma pepita de ouro! Não, é um pedaço de ouro fundido.

Interessante! Mistério! Não tem mais nada na bolsa. Como identificar o sujeito? Como devolver isto à família? Talvez isto deva ficar comigo. Está nas minhas terras e eu o achei. Com sua permissão, senhor cadáver, ficarei com seu ouro."

Colocou o estranho objeto no bolso e subiu a encosta. Porém, deu ordens para que enterrassem o esqueleto e mandou rezar uma missa para a pessoa que ali havia falecido.

Após o jantar mostrou a mim e à minha mãe o estranho objeto.

— "Olhem, achei-o na Garganta Estreita" - assim chamávamos o local - "junto de um esqueleto."

— "Ave Maria" - disse mamãe - "que fazia lá um esqueleto?"

— "Não sei, acho que nunca saberei. Deveria ser uma pessoa pobre, estava simplesmente vestida e, dentro de uma bolsa comum de couro cru, achei este objeto de ouro. Foi fundido, creio terem sido pequeninas pedras."

— "Achou só isto?" - indaguei curioso, olhando a peça.

— "Só" - respondeu meu pai. "Apossei-me dela. Achei justo. Mas, mandei enterrar os ossos do sujeito e rezar uma missa para ele. Senti que o defunto me deu seu ouro."

— "Não lhe servia para mais nada. Tinha o ouro e morreu" - falou mamãe. "Você tem razão, achou e é seu."

Peguei o objeto com curiosidade. Tinha a forma arredondada e de um lado parecia ter a figura de um rosto.

— "Pai" - disse - "veja que interessante, deste lado parece ter sido esculpido um rosto! Será de homem ou mulher?"

— "É coincidência" - esclareceu meu pai. "Foi fundida de forma rudimentar. Acredito que quem fundiu não teve intenção de esculpir nada."

— "Parece um medalhão!" - exclamou mamãe. "É até bonito! Mas o recuso por ter sido achado junto de um esqueleto."

Às vezes, à noite, minha mãe me fazia ler. Estudava. Um professor da cidadezinha perto vinha me dar aulas duas vezes por semana. Ele ia nas fazendas ao redor ensinar os filhos dos fazendeiros. Para que me instruisse melhor, minha mãe ajudava-me nos estudos. Naquela noite, li alto um trecho de um livro de aventuras em que um capitão de um navio possuía um talismã.

Meu pai ouviu com minha mãe a leitura, mas não comentou nada. A festa para a inauguração da nossa casa estava programada, convites enviados. Como seriam muitos dias de caça, bailes, jogos, muitos convidados ficariam conosco hospedados. Tudo estava sendo organizado por minha mãe. Mas, veio sem ser convidado e uns dias antes da festa um tio do meu pai, tio Pedro, irmão do meu avô. Este tio era a ovelha negra da família. Escutei muitas coisas sobre ele, era solteiro, farrista e preguiçoso.

Recebeu a fortuna que meu avô deixou, embarcou para a Europa e lá gastou tudo. Agora estava à procura de um familiar que o sustentasse. Meus pais o receberam friamente e resolveram deixar que ficasse por uns tempos. Ele me era simpático, me agradava, contava estórias engraçadas. Minha mãe o acomodou num quarto longe dos nossos aposentos e ele procurou ser discreto e prestativo. Os convidados foram chegando. Entre eles, estava meu tio José Venâncio, irmão do meu pai, o único solteiro da família. Tinha uma fazenda perto da nossa, era uma pequena propriedade que não lhe dava muito lucro. Ele era alegre, forte, corajoso, animava qualquer festa, nos visitava raramente. Na manhã do primeiro dia de festa, que duraria cinco dias, os homens foram caçar a cavalo. Fui junto. Perto da Garganta Estreita, paramos para trocar ideias. Um dos nossos parentes insistiu:

— "Como é, Leonel, vai nos contar como ficou rico tão rápido?"

Meu pai escutava muito esta pergunta, respondia sempre:

— "Com trabalho honesto!"

E todos riam. Mas, naquela manhã, respondeu fazendo ar de mistério:

— "A vocês, todos meus amigos e parentes, conto o que me aconteceu. Fiquei rico por causa do talismã!"

Fez uma pausa, criou-se uma enorme expectativa, todos silenciaram, agruparam-se colocando meu pai no meio da roda.

Atentos, esperaram ansiosos meu progenitor falar, ele não se fez de rogado, disse calmamente tirando do bolsinho do colete o estranho objeto.

— "Vejam! Aqui está o talismã! Um simples objeto de ouro que tem muitos poderes. E ele que me fez ficar rico."

O objeto passou de mão em mão, todos o examinaram bem.

Quando voltou às mãos de papai, ele disse:

— "Este é o meu talismã! Que me deu sorte e fortuna."

— "Onde o conseguiu?" - indagou tio Pedro muito interessado.

Olhei para tio Pedro, seus olhos brilharam de cobiça, me deu no momento uma sensação desagradável. Meu pai respondeu:

— "Não sei ao certo a sua origem. Creio que foi feito por um grande alquimista. Ele dá poderes a quem o possui, só que tem que ser roubado."

— "Roubado?!" - exclamaram juntos muitos do grupo.

— "Sim!" - confirmou meu pai. "Roubado!"

— "Então o roubou?" - perguntou um outro tio espantado. "Você é um ladrão?"

— "Bem... não é bem assim..."

Meu pai tentou se justificar, achando que fora longe demais na sua brincadeira, mas, para não se desmentir e divertindo-se com a estória inventada, sorriu e completou:

— Quando pegamos algo sem que o dono nos dê, pode-se dizer que estamos em posse de algo que foi mal adquirido, portanto roubado. Peguei-o de uma pessoa que não me deu. E, por favor, não me perguntem mais nada. Não posso falar mais do que isto.

Guardou o objeto que a partir daquele momento passou a ser um talismã, por imprudência e brincadeira inocente de meu pai.

Voltaram à caça. Os convidados esqueceram logo o assunto, muitos compreenderam ter sido brincadeira de meu pai, mas tio Pedro e tio José Venâncio não. Interessaram-se em demasia pelo objeto, pelo talismã, que teria que ser roubado para dar a tal sorte.

Meu pai teve que deixar o grupo antes do término da caçada para verificar os trabalhos na casa, desejando aos amigos boa sorte, voltou, acompanhei-o. Estando só nós dois, comentei com ele:

— "Papai, por que o senhor inventou aquela estória do talismã?"

— "Para animar o grupo" - respondeu rindo. "Viu, filho, como se engana fácil? Por mais que eu diga que minha fortuna vem do meu trabalho honesto, eles duvidam. Evandro, tenho trabalhado muito e sou grato a Deus por tudo ter dado certo. Recebi do meu pai uma fazenda pequena e do meu sogro um bom gado. Negocie e tenho negociado e só amplio o que recebi. Depois não menti muito. Não ganhei o objeto, achei e o dono estava morto e não ouvi dele que me dava. Acho mesmo que, se ele pudesse, não me daria. Ouro é ouro, fonte de muitas cobiças. Chamei-o de talismã, pela leitura que ouvi, a que você fez uma noite atrás. Lembra-se? Achei interessante. Esta estória que contei sobre o talismã será só mais uma dentre tantas que contarão neste encontro. É sempre assim, quando amigos e parentes se encontram fala-se muito. É bom que tenham estórias interessantes para comentar, assim falarão menos da vida alheia."

Riu prazerosamente. Não sei bem o porquê, mas não consegui rir. Não gostei da mentira, da brincadeira. Admirava e amava muito meu pai, era uma pessoa boa e inteligente. Na nossa fazenda, havia muitos escravos,

que eram como empregados, nunca houve castigos, eram bem alimentados, sadios e gostavam do meu pai. Ele era hábil nos negócios e muito trabalhador, foi por isto que multiplicou seus bens. Aquele objeto estranho, o talismã, ele só havia achado há pouco tempo. E não tinha sido a causa de nada. Esqueci logo aquela estória. Estavam presentes primos da minha idade e nos divertimos muito.

Os dias de festa foram perfeitos, tudo correu em harmonia e minha mãe ficou radiante. Por um tempo só se falava na festa. Tio Pedro não foi embora e meu pai, como ele não estava incomodando e nem pedindo dinheiro, deixou que ficasse. Com frequência tio José Venâncio passou a vir à nossa casa, saía a passeios com mamãe, jogava diversos jogos com ela, conversavam e riam muito. Mamãe passou a ficar mais alegre, comunicativa e a se arrumar mais. Isto me pareceu bom no começo, depois percebi que algo estava errado. Já estava mocinho, adolescente e percebi que meus pais não se amavam. Havia respeito, meu pai, sempre bondoso, era paciente com minha mãe. Vendo-a mais alegre, achou bom e não se preocupou com o que ocorria ou com o que poderia acontecer. Eu sempre fora a atenção máxima de minha mãe, senti ciúmes da amizade dela com meu tio, passei a prestar mais atenção neles. Então percebi que, quando meu tio estava ausente, mamãe se trancava muito no quarto e, quando ele vinha nos visitar, modificava-se e se enfeitava toda. Tio José Venâncio ficava às vezes durante a tarde, outras ficava hospedado por dias. Numa destas tardes em que estava conosco, eu estava fazendo a lição quando me deparei com uma dificuldade e fui perguntar à minha mãe, abri a porta do seu quarto devagar e a vi beijando meu tio na boca. Não disse nada, fechei a porta com cuidado e fui chorar num canto do jardim. João, o empregado que morava conosco, logo que me viu, foi me consolar.

— "Que foi menino Evandro? Por que chora? Levou bronca de sua mãe? Já é um homem e não deve chorar."

Refugiei-me nos seus braços e solucei, contei-lhe o que vira, após me acalmar, ele disse:

— "Não é fácil você entender. Também já os vi e não sei o que fazer. Não quero contar ao seu pai. Ele não merece este sofrimento, esta vergonha. Pedi ao Sr. José Venâncio para não vir mais a esta casa. Ele me prometeu que logo não virá mais, que deve partir para longe. Espero que ele cumpra a palavra. Faça de conta que você não viu nada. Esqueça! Vou tentar

acertar esta situação desagradável. Se seu tio partir, tudo ficará como antes."

Só que não esqueci, meu tio José Venâncio continuou a vir à nossa casa, passei a tratá-lo friamente e ele pareceu nem notar. Foi quando algo terrível aconteceu. Meu pai foi à cidade para efetuar uma compra, voltou logo após ter saído. E houve a tragédia em que morreu meu tio José Venâncio. João foi quem me contou como aconteceu.

— "Evandro, seu pai voltou porque esqueceu o dinheiro que deveria ter levado. Quando o vi voltando assustei, porque sabia que dona Verônica e o Sr. José Venâncio estavam juntos no quarto, por isto acompanhei seu pai. Os dois se apavoraram ao serem descobertos, seu tio ia matar seu pai, meu patrãozinho Leonel, então interfeiri e matei seu tio. Como seu pai é muito bondoso e para que não venham todos a saber da traição, dissemos que o Sr. José Venâncio se feriu."

— "É justo, João, você matou para defender meu pai!"

Evandro só veio a saber da verdade quando desencarnou. Para que ele não ficasse sabendo que seu pai era o verdadeiro assassino, João mentiu para ele. Todos pareceram acreditar que foi um acidente. Enterraram-no e repartiram seus bens, meu pai não quis nada e sua parte ficou para seus outros irmãos. Minha casa se transformou, meus pais passaram a dormir em quartos separados. Não havia mais alegria, minha mãe não se importava com mais nada, vivia chorando. Eu me aproximei mais do meu pai. Tio Pedro para roubar o talismã feriu-o e ele quase morreu. Este meu tio fugiu e não ficamos mais sabendo dele. Cuidei de meu pai com carinho. Via pouco minha mãe, quando ela ficou doente, resolvi perdoá-la e tratar dela. Sentia que, apesar de seus erros, me amava.

— "Evandro, meu filho, erramos muito por imprudência. Sabia que não estava certa e, por não ter tido forças, errei e fiz vocês, que tanto amo, sofrerem. Você é meu filho querido, me perdoe."

Meu pai ordenou que cuidassem muito bem dela. Teve todo o conforto, mas acabou morrendo. Sofri muito com sua morte. Éramos felizes e de repente tudo mudou. Meu pai nunca mais teve saúde após ser ferido, preparou-me para substituí-lo. Não queria que eu continuasse a morar naquela casa. E culpou por todos os acontecimentos ruins o estranho objeto, o talismã. Meu pai faleceu, sofri muito, mas, como ele queria, parti dali sem remorso, deixando a casa abandonada e o talismã lá escondido.

Faria o que ele queria, recomeçaria a vida longe do talismã e da casa.
Assim o fiz.

VII - A Trama

Três vidas - Três histórias.

— Narrei até aqui - disse-me Fabiano - o que vi, mas também vou narrar os acontecimentos vistos e sentidos pelos outros envolvidos.

— José Venâncio era honesto - continuou Fabiano em sua narrativa - trabalhador, mas não tinha a mesma inteligência e a esperteza para negociar que o irmão, meu pai Leonel.

Estava pensando em me casar, mas não queria que lhe escolhessem a noiva. Falava que quando encontrasse a mulher dos seus sonhos casaria. Foi à festa na casa do irmão, gostava destes encontros. Não invejava o irmão que estava rico, admirava-o e queria muito bem a ele. Mas, quando escutou a estória do talismã, desejou intensamente possuí-lo. Se o irmão ficara rico por sua causa, ele na posse deste objeto ficaria também. Se pedisse ao irmão, sabia que este o daria, mas, como para dar sorte teria que ser roubado, resolveu roubá-lo e quando ficasse rico o devolveria. Mas como roubá-lo? Como achá-lo? Leonel não falou onde o escondia e pelo visto seria num lugar bem seguro. Até que procurou, mas com tantas pessoas na casa foi impossível roubá-lo durante a festa. Discretamente procurou em alguns lugares prováveis, até encontrou uns bilhetes de Leonel dizendo que o talismã não estava lá. Riu-se da astúcia do irmão. O danado previu que muitos dos convidados iriam procurá-lo e resolveu brincar.

Neste capítulo são narrados fatos por três pessoas envolvidas nos mesmos acontecimentos, segundo a óptica de cada uma.

Resolveu apelar para a cunhada Verônica, a esposa de Leonel. Verônica era bonita, alegre, animada, gostava de festa e foi fácil manter contato com ela. A festa acabou, os convidados foram-se e ele voltou também para sua casa, mas só pensava no talismã e em Verônica. Passou a ir com frequência à casa do irmão.

Conversava muito com a cunhada e acabou encantado com ela e daí a se apaixonar foi um passo. Já não queria mais tanto o talismã, pensava ainda em roubá-lo, mas passou a querer intensamente Verônica. Mas, embora o sentimento que tinha por ela fosse forte, intenso, ele era honesto e lutou

contra essa paixão. Ela era esposa de seu irmão e não queria traí-lo e nem destruir lhe o lar. Tentou afastar-se, mas não conseguiu.

Um dia, estando a sós com Verônica não resistiu e a beijou. Foi correspondido. Descobriu que esta também o amava profundamente. Que fazer? Ficou noites sem dormir não sabendo como proceder. O que o levou a querer ficar com Verônica foi uma conversa que teve com o irmão. Conversando com Leonel, este lhe contou que se casara sem amor pela vontade dos pais de ambos. Que admirava Verônica, mas que nunca conseguiu amá-la e que esta era fria, e ele tinha amantes na cidade. Diante destes comentários, José Venâncio conversou abertamente com Verônica e propôs-lhe uma fuga. Ele ia vender o que possuía, ela acharia o talismã e fugiriam. Só que Verônica tinha medo, queria estar com o esposo, que não amava, mas queria-lhe muito bem. Mas, a pedido do amado, começou a procurar o talismã e não encontrou. Chegou a perguntar para o esposo.

— "Leonel, onde guardou o talismã?"

— "Ora, que talismã que nada, isto foi uma brincadeira. Você não acreditou nisto não é?"

— "Todos acreditaram. Onde o colocou? É um objeto de ouro!"

— "Não sei, acho que o perdi. Por que se importa com isto? Para que quer saber?"

— "Por nada" - respondeu Verônica.

Temendo que o esposo desconfiasse não indagou mais, continuou a procura, mas não o achou. José Venâncio e Verônica passaram a se encontrar cada vez mais. Ele ia muito à casa do irmão, sentia-se culpado e sabia que agia errado, mas fraco não conseguia pôr um basta na situação.

Encontravam-se na casa quando o irmão não estava e marcavam encontros em locais diferentes pela fazenda quando Verônica ia passear a cavalo. José Venâncio queria acabar logo com aquela agonia que o estava incomodando muito.

Um dia, João, o homem de confiança de Leonel, o chamou para uma conversa particular.

— "Sr. José Venâncio, com todo respeito que tenho pelo senhor, queria lhe pedir para não vir mais a esta casa."

Ele espantou-se, ficou calado olhando o negro.

— "Já nos descobriram" - pensou envergonhado.

Após uns instantes de silêncio em que João o encarou com severidade, voltou a falar:

— "Não sou cego como meu senhor. Sei que está encantado com a nossa senhora. Isto não é certo. Gosto muito do meu senhor e não quero que aconteça uma desgraça."

— "Não se preocupe, João" - disse José Venâncio suspirando tristemente - "vou-me embora logo. Vou partir para longe. Não conte nada ao Leonel. Prometo a você ir embora e não voltar mais aqui."

Afastou-se cabisbaixo. Teria que resolver o que fazer. Com ou sem o talismã iria embora. Propôs a Verônica uma fuga imediata. Conversou sério com sua amada.

— "Verônica, foge comigo!" - disse suplicando. "Venderei o que possuo e vamos embora para o norte do país. Não tenho muito dinheiro mas sou forte e trabalhador."

— "Se dentro de um mês não achar o talismã, iremos embora. No final de semana Leonel irá à cidade, venha encontrar-se comigo" - respondeu Verônica.

— "É perigoso, acho que todos da casa já sabem do nosso romance." "Venha, por favor, combinaremos tudo, marcaremos a data de nossa fuga."

José Venâncio foi ao vizinho e lhe propôs a venda de suas terras. Combinaram tudo, só faltou marcar a data, que seria logo, para a conclusão da venda.

No dia que marcaram para se encontrar, foi disposto a forçar Verônica a se decidir e rápido. Quando chegou à casa do irmão, este acabara de sair. Foi direto para o quarto de Verônica, estavam se beijando quando Leonel entrou no quarto. Levou um susto.

— "José Venâncio, meu irmão! Cães! Como e por que me traem?"

Viu o irmão transtornado, sentiu nojo de si mesmo. Não respondeu, abaixou a cabeça e escutou o choro de Verônica.

— "Que faço, meu Deus?" - falou o irmão desesperado. "Como agir nesta ocasião? Se pelo menos fosse um desconhecido! Mas meu irmão! Mato vocês dois!"

Leonel pegou um punhal que levava sempre na cinta quando viajava e foi para cima dos dois. José Venâncio mais forte e ágil poderia facilmente dominar o irmão, porém sentindo-se culpado e com remorso, ficou simplesmente na frente de Verônica e recebeu a punhalada.

José Venâncio sentiu-se tonto, queria pedir perdão ao irmão, mas não conseguiu falar mais. O ferimento doía muito, sentiu o sangue escorrer pelo corpo. Escutou os gritos de Verônica e tudo escureceu.

Acordou, estava ao lado do seu corpo morto. Sentia frio e muita confusão. Viu, sem entender, enterrarem seu corpo e ficou a vagar por muito tempo perturbado, ora na sua antiga casa, ora ao lado de Verônica. Mas, ao lado da amada, sentia-se mais culpado e infeliz. Arrependeu-se amargamente por ter traído o irmão, por ter errado tanto. Quando clamou por clemência, foi socorrido por sua mãe que havia desencarnado há muito tempo.

Ficou abrigado num Posto de Socorro e com a orientação que recebeu foi se libertando da amargura e da dor. Soube que Verônica desencarnara, mas não se encontrou com ela. Não queria vê-la. Leonel também havia desencarnado, tinha receio, vergonha dele e não o procurou. Até que um orientador reuniu os três. José Venâncio sentiu-se à frente do irmão muito envergonhado, esforçou-se para conseguir falar:

— "Leonel, perdoe-me..."

— "Você me perdoou?! Matei seu corpo carnal..."

Chorou como criança nos braços do irmão, entendeu que ele sofreu muito por tê-lo assassinado. Sentiu profunda paz com a reconciliação. O remorso passou com o tempo, trabalho e aprendizado. Leonel reencarnou, José Venâncio e Verônica passaram a se encontrar, conversar e fazer planos para reencarnarem também. Entenderam os dois que amargura e tristeza não pagam dívidas e que simplesmente sofrer para quitá-las não seria suficiente para eles. Era preciso reparar os erros com o trabalho no bem, construindo, ajudando e caminhando firme para o progresso.

— Verônica, na história do talismã, era bem jovem quando se casou. Seus pais escolheram o esposo e ela aceitou. Logo percebeu que Leonel era sério demais, trabalhador e que lhe dedicava pouco tempo. Animou-se toda quando ficou grávida, mas seu parto foi difícil, quase morreu e não pôde mais engravidar e ter a numerosa família que planejava. Sentia-se muito só, às vezes achava-se abandonada pelo esposo, porém este não lhe deixava faltar nada, dava-lhe tudo que queria, era educado, só que preocupado demais com seus negócios. Mudou-se de casa, Leonel construiu uma bela casa e ela distraiu-se por algum tempo a planejá-la e decorá-la. Animou-se com a festa de inauguração.

Sentiu que era invejada pela sua bela casa e pelas roupas. Envaideceu-se com as muitas atenções dos convidados.

Sempre teve amizade com o cunhado José Venâncio. Porém, após a festa, este passou a visitá-los com frequência e a lhe fazer a corte. Ele era alegre, falante, divertido, era o esposo que queria ter. Da admiração passou ao amor. A paixão a inquietava, era casada, preconceituosa, sempre abominou mulheres levianas.

Fora até ali honesta e queria continuar sendo. Até que, ao descobrir que era também amada, entregou-se a José Venâncio e tomaram-se amantes. Tinha um medo terrível de serem descobertos, mas a vontade de estar perto do amado era mais forte e passaram a se encontrar às escondidas. Verônica vivia inquieta, tentava sufocar a sensação de culpa, mas não conseguia deixar de ver o seu amado. Romântica, sempre sonhou em amar e ser amada e José Venâncio era tudo o que queria para si. Estava sempre sobressaltada e atenta ao esposo. Não queria que ninguém soubesse do seu amor.

Após um tempo, entendeu que José Venâncio queria o talismã. Tentou explicar-lhe que aquele objeto nada representava. Mas, como ele o queria, tratou de procurá-lo. Nada encontrou. Ele queria fugir com ela, ir embora para longe para recomeçarem uma nova vida como marido e mulher. Temia fugir. Teria que renunciar a tudo e nunca mais retomar à casa de que tanto gostava e se orgulhava, tudo ali era do seu gosto; ao filho a quem amava muito e não queria magoar; a Leonel que era bom esposo. Tentou iludir o amado. Achou que talvez ninguém descobrisse e poderiam continuar como estavam. Mas, José Venâncio lhe deu o ultimato, ou fugiriam juntos ou ele ia embora para longe e sozinho.

Vendo que o amado estava resoluto, mesmo assim tentou ganhar tempo. Era difícil largar tudo, principalmente porque sabia que José Venâncio tinha pouco dinheiro e certamente iriam viver modestamente. Isto a incomodava,, nunca se privara de nada e tinha medo da pobreza. Pensou em roubar o marido, mas Leonel não guardava muita coisa que pudesse ser levada. Sua fortuna estava empregada nas terras, no gado, etc.

Não sabia o que decidir, quando Leonel se ausentou e tentou esquecer a incerteza nos braços do amado. Foi então que aconteceu a tragédia. Leonel os pegou juntos. Viu com horror o punhal nas mãos do marido e este ferindo José Venâncio, que morreu nos seus braços. Durante dias, ficou em

estado de choque e foi confinada ao seu quarto, a cena da tragédia não lhe saía da mente, revivia-a a cada momento. Depois que Leonel fez o enterro do irmão, passou a dormir em outro quarto. Quando ela melhorou, o marido veio lhe falar:

— "Verônica, não quero mais escândalos. Você foi leviana demais, estragou nossas vidas. Matei meu irmão, sou um assassino. Você é uma adúltera que não merece um lar honesto. Só que tudo que fizermos agora não irá consertar os acontecimentos que passaram. Você ficará por enquanto aqui. Porém, não mais como senhora, não poderá dar ordens nem sair. Ficarà trancada nesta casa. Daqui a uns tempos, talvez a leve para um convento."

O que o marido lhe disse não fez diferença. Para Verônica o mundo tinha acabado e nada mais importava. Não foi pela casa e pelo dinheiro do marido que hesitou tanto em ir embora? Não foi pela sua indecisão que José Venâncio morreu? Sofreu muito.

Mas, com o tempo entendeu o quanto fora culpada. Ela não deveria ter aceitado a corte do cunhado nem ter sido sua amante. Deveria ter respeitado o esposo ou então ter fugido logo com José Venâncio. Sofria e o esposo também, este não mais a quis e nem ela a ele, evitava até de vê-lo, tinha vergonha e medo. Ficou a vagar pela casa sem ânimo e alegria, não se alimentava direito e dormia pouco. Sentia a ausência do amado, vergonha e remorso.

Um dia, sentiu-se doente, não comentou nada com ninguém, até que não aguentou se levantar do leito e a escrava que a atendia, percebendo, contou a Leonel. Este mandou chamar o médico.

Verônica estava com pneumonia, não lutou pela vida, seguiu sem ânimo as prescrições do médico. As escravas cuidavam dela, ela não reclamava, não se queixava e após uns dias desencarnou.

O único que sentiu sua morte foi Evandro, o filho que, embora a tendo deixado sem sua atenção e carinho pelos acontecimentos, a amava.

Sofreu mais ainda ao desencarnar, pensou que ao morrer iria ficar junto de José Venâncio, mas o remorso era grande e os afastava. Não tinha tranquilidade. Vagou um tempo pela casa, os escravos oravam por ela, fora boa para eles e embora julgando-a leviana a tinham como boa senhora e foram eles com o auxílio de outros ex-escravos desencarnados que a ajudaram. Após uns tempos perturbada ela entendeu que desencarnou e

foi socorrida. Gostou do lugar onde foi abrigada, era grata pelo socorro, só que não conseguia se livrar do remorso destrutivo.

Até que se encontraram, pediram com sinceridade perdão um ao outro. Ficou muito grata a Leonel por tê-la perdoado e, quando este também reconhecendo seus erros pediu perdão, compreendeu o quanto que ele sofreu sentindo-se culpado. Nada tinha que lhe perdoar, porque já tinha perdoado há tempo, depois nunca vira nele nenhuma culpa. O esquecimento sem rancor fez muito bem. Sentiu muita esperança no recomeço.

Passou a se encontrar com José Venâncio e conversar muito. Acompanhou Leonel na volta ao corpo carnal pela reencarnação. Interessou-se muito por este processo natural, pela reencarnação. Compreendendo que Deus é profundamente bom e justo por permitir que reencarnemos e com o esquecimento do passado, porque, senão, poderíamos nos perturbar muito.

E, na época prevista pelos orientadores da Casa de Auxílio onde estagiavam, reencarnaram, ela, José Venâncio e o filho, que estava com eles desde que desencarnou.

Leonel era uma pessoa séria, trabalhador incansável, aceitou de bom grado quando seus pais lhe arrumaram um casamento.

Gostou de Verônica, porém nunca a amou, para ele, ela era infantil demais, vaidosa e não se interessava pelas coisas de que ele gostava. Mas compreendeu que ela não era culpada, também fora obrigada a casar e tentou ser bom esposo. Dava-lhe tudo que era de material, conforto, roupas, até construiu uma casa com que ela sonhava. Queria ter muitos filhos, mas conformou-se com um só, Evandro, que o adorava. Também tentou procurar o amor nos braços de outras mulheres, mas o fazia com muita discrição, sentia-se muito só, nunca amou ninguém.

Percebeu que o irmão passou a frequentar muito sua casa, gostou, amava seu irmão José Venâncio, ele era alegre, comunicativo e todos gostavam dele. Verônica parecia diferente, já não pedia tanto para viajar e sorria mais. Chegou a pensar que algo poderia estar acontecendo entre os dois, mas expulsou estes pensamentos que achou indignos.

Um dia ao sair, ia à cidade a negócios, o tio Pedro veio encontrar-se com ele e disse que Verônica estava doente e que mandava chamá-lo. Voltou preocupado. Verônica era forte, sadia e se mandou chamá-lo deveria ser

sério. Chegou à casa, foi direto ao seu quarto e o que viu o deixou pasmo. Viu José Venâncio e Verônica juntos beijando-se. Por momentos não soube o que fazer, depois pegou o punhal e foi para o lado deles. Não queria matar, não era assassino, mas acabou enfiando o punhal no peito do irmão, que caiu ensanguentado. Neste instante João e Isabel entraram no quarto.

— "Por Deus, senhor!" - exclamou João. "Que fez? Deixe que eu cuido de tudo."

Isabel tirou Verônica do quarto e a levou para outro. João organizou tudo, disse a todos que José Venâncio se acidentou.

Houve desconfianças, mas ninguém contestou. Os outros três irmãos vieram, admiraram-se ao saber que José Venâncio estava querendo vender suas terras. Venderam tudo o que ele possuía e repartiram o dinheiro.

Leonel sentiu-se profundamente triste, amargurado e culpado. Se tivesse sabido de outra forma, teria expulsado Verônica de casa, mas jamais mataria. Nunca usaria de tanta violência. Resolveu, apesar da desgraça, continuar com seu trabalho e cuidar com atenção do filho.

Quanto a tio Pedro, este não o incomodava. Sabia que ele era safado, ao hospedá-lo pensou ser por pouco tempo, só que ele foi ficando. A família toda o havia prevenido a respeito dele, mas parecia regenerado, estava até o ajudando naqueles momentos difíceis.

Um dia, estava sozinho sentado na sua poltrona preferida, pensando com tristeza nos acontecimentos que mudaram tanto a vida naquela casa, quando tio Pedro se aproximou. Perguntou como estava passando e depois indagou sobre o talismã. Leonel havia esquecido completamente do tal objeto. Respondeu sem pensar muito, apontando uma caixinha que estava em cima de um móvel e que ficava sempre fechada.

— "Está ali" - respondeu.

De repente, compreendeu que talvez o tio estivesse querendo o talismã e seria esta a razão de ele estar ali, na sua casa por tanto tempo. Levantou-se, encarou-o e indagou se estava querendo roubá-lo.

Foi ferido, não deu tempo nem para reagir, a ação foi rápida, o tio enfiou-lhe a faca no abdômen. Não perdeu os sentidos, tentou estancar o sangue do ferimento com as mãos. Viu o tio pegar a caixa e fugir. Chamou por João, após uns minutos que lhe pareceram horas João veio, ao vê-lo ferido, gritou por socorro e em instantes todos os empregados da casa

vieram para seu quarto. Colocaram-no, no leito. Isabel fez uma atadura. Um dos empregados comentou:

— "João, o doutor está na fazenda vizinha, veio ajudar no parto na casa-grande."

— "Então vá chamá-lo e rápido, peça-lhe que venha urgente."

— "Vamos atrás do safado?" - perguntou um outro escravo.

— "Não!" - disse Leonel sentindo muitas dores. "Ele terá o castigo que merece. Fez tudo isto por nada, deixem-no ir embora."

O médico chegou rápido, fechou o ferimento, receitou remédios e repouso. O ferimento foi grande, porém não era mortal, pelo menos não desencarnou no momento. Mas ficou lesado, deixou sequelas incuráveis. Leonel não teve mais saúde, sentia muitas dores, nunca mais pôde cavalgar nem andar muito. Qualquer esforço que fizesse o ferimento lhe doía imensamente.

Leonel deixou realmente Verônica trancada em casa. Depois que fora ferido pensou bem e concluiu que não a mandaria para o convento. Achou que o castigo já estava bom e resolveu deixá-la livre, poderia sair se quisesse. Dizendo-lhe isto finalizou:

— "Verônica, pode sair de casa e passear. Se quiser me trair, saia primeiro desta casa. Não seja responsável por mais mortes. Seja amante de quem quiser, você não é mais nada para mim, mas tenha a decência de não me trair enquanto morar aqui. Se quiser ter uma vida promíscua, saia deste lar honesto."

Verônica não respondeu. Ela só o traiu por amar muito José Venâncio. Sabia que estava errada e que fora responsável pela morte do amante. Não tinha mais vontade de sair e não o fez.

Leonel, às vezes, maldizia a sorte. Antes tudo era tão diferente! Pensando muito nos acontecimentos, compreendeu que tudo começou com a estória que ele inventou sobre o objeto que achou junto ao esqueleto. Depois disto, José Venâncio passou a frequentar sua casa para roubar o talismã. Sabendo que não podia ser doado, porque se pedisse a ele o teria dado de boa vontade, resolveu roubá-lo. Isto por sua imprudente brincadeira, por sua mentira. E para roubá-lo teria que procurá-lo, o irmão passou a visitá-lo mais e também a conviver com Verônica e se apaixonaram. Se não fosse por isto, José Venâncio agiria

como antes e os visitaria raramente. E, sem a convivência, os dois não teriam se apaixonado e este drama macabro não teria acontecido.

Tio Pedro também quis o talismã. Aguardou uma oportunidade para roubá-lo. Foi ele quem o fez voltar e pegar o irmão e a esposa juntos em flagrante adultério. E agiu com ingratidão quando o feriu, querendo mesmo matá-lo.

— “E para quê? Para roubar o talismã.”

Leonel chegou a estas conclusões após muito pensar. Depois que mostrou a todos os hóspedes e contou sua inventada estória, guardou o talismã no bolsinho do colete. Como este estava descosturado o colocou em cima da cômoda, dentro de algo que não recordava. Divertindo-se, resolveu continuar com a brincadeira. Sentindo o interesse de todos pelo objeto, colocou dentro de alguns lugares em que provavelmente o procurariam alguns bilhetes. Tempos atrás, Verônica tinha comprado uma bonita caixa que era trancada com chave e todos os frequentadores da casa sabiam que a chave ficava guardada dentro de uma gaveta da cristaleira, talvez por isto Verônica a deixava vazia. Foi o primeiro lugar em que colocou um bilhete e viu que, nos dias da festa, muitas pessoas haviam aberto a caixa.

Como não viu mais o objeto, o talismã, achou que algum dos convidados o havia encontrado, ou seja, roubado e não se importou.

Lembrou-se então que tanto Verônica como José Venâncio haviam indagado sobre o talismã e que o queriam para si.

Um dia, a criada veio lhe comunicar que a esposa estava doente. Mandou chamar o médico e este constatou que era grave. Ela não reagiu e acabou por falecer. Não sentiu a morte de Verônica, procurou confortar o filho, que sentiu mas logo esqueceu.

Chegou até pensar em casar-se de novo, mas sentia-se muito doente. Soube do tio Pedro, todos os familiares souberam do ocorrido e vieram informá-lo que ele conseguira viajar para a Europa. Às vezes, sentia raiva dele e quando isto ocorria sentia-se mal.

Resolveu dedicar-se só ao filho Evandro, instruí-lo para que o substituísse. Não saía mais de casa, recebia poucas visitas, teve uma vida solitária e triste.

Um dia, a arrumadeira limpava seu quarto, ele estava sentado na poltrona descansando. Evandro a chamou, ela foi atendê-lo e largou o que

estava fazendo. Havia no seu quarto uma prateleira pequena na parede com alguns livros e enfeites. A moça deixou os objetos no chão. Leonel olhou-os e viu os livros. Há tempo não lia nada, resolveu abaixar-se e pegá-los, então lembrou: no dia da festa tirou o talismã do bolso e o colocou dentro de um livro que estava em cima da cômoda. Este livro, capa grossa de couro, tinha um vão entre a capa e as páginas quando aberto.

Ele colocou o objeto de ouro lá e o fechou. Pegou o livro emocionado, abriu-o e lá estava o maldito objeto.

— "Será que foi você, maldito, a causa de tantas desgraças?"

Colocou-o numa caixa de joias vazia e o deixou lá.

Sua saúde piorou muito e o médico a seu pedido, sendo sincero, confirmou que não viveria muito.

Evandro tornou-se um moço forte, bonito e sadio, estava comprometido com uma boa moça e ele incentivou-o a fazer uma outra casa, a ter outra residência em outro local, quando se casasse.

— "Pai" - disse Evandro - "esta casa nunca foi reformada, precisa de reparos, mas não gosto daqui, parece sempre que vejo a traição de mamãe, seu choro pela casa, a morte do tio José Venâncio e a sua agonia. Vou casar-me e morar em outro lugar. Construirei uma casa do outro lado de nossas terras."

— "Aprovo filho" - disse Leonel. "Não tenho esperanças de viver muito. Quero morrer aqui com minhas lembranças. Depois que eu morrer, mude-se! Comece agora a construir sua casa. Filho, você se lembra do talismã? Do objeto que achei na Garganta Estreita? Tinha perdido, ou melhor, escondido e esqueci, achei-o, quero que o esconda num lugar onde ninguém o ache e que fique longe dele. É maldito! Foi ele que trouxe toda nossa infelicidade."

Leonel entregou-o ao filho e este o escondeu. Meses depois, já não conseguindo sair do leito, desencarnou após sofrer muito.

Um grupo de desencarnados que haviam sido escravos dele o ajudou. Com carinho e gratidão o desligaram e o levaram para ser amparado num Posto de Socorro. Tudo fizeram para o agradar. Porém, Leonel sentia-se culpado e que não merecia tanto carinho e nem a acolhida que recebia. Então, um orientador, querendo ajudá-los, reuniu os espíritos envolvidos na trama do talismã, para que conversassem e se entendessem.

Ao ver o irmão envergonhou-se e saiu o grito sufocado há muito tempo.

— "Perdão! Perdão!"

Abraçar o irmão foi uma bênção. E as palavras do orientador muito o ajudaram.

— "Vocês três já haviam há tempo perdoado uns aos outros. Faltava a coragem do reencontro. Agora que pediram perdão, sentiram-se perdoados, reconciliaram-se e tornaram-se para sempre amigos. Recomecem sem culpa. Façam propósitos de não errar mais. Aproveitem esta experiência para acertar no futuro, para caminhar rumo ao progresso fazendo o bem, sendo bons."

E foi isto que Leonel quis fazer e logo: recomeçar. Reencarnou após um breve aprendizado numa Colônia de Estudo. Foi para perto de amigos em outra região, confiante de que aproveitaria bem a oportunidade dada pela reencarnação.

VIII - O Ouro Fundido

Fabiano foi por muitas vezes sozinho às ruínas. Como já foi dito, da casa e do talismã recordava-se só de algumas partes. Mas depois que desencarnou teve a curiosidade de saber a origem do tal objeto afamado, do talismã. Pesquisou e descobriu.

Não muito longe dali, outrora havia um pequeno garimpo. Um fazendeiro, achando que num pequeno riacho que passava por suas terras tinha ouro, mandou um feitor com quatro escravos para garimpá-lo.

Este fazendeiro era muito exigente, deixou-os acampados perto do riacho. Cabia ao feitor vigiá-los para que trabalhassem incessantemente. Recebiam poucos alimentos e para completar suas refeições alimentavam-se de frutas e caças. O fazendeiro mandava ração uma vez por semana e eles ficavam isolados no pequeno vale.

A região era muito fria, a água era gelada e os escravos tinham que se molhar para trabalhar. Queixavam-se muito e com razão. Ficando os cinco sozinhos, o feitor e os escravos acabaram por se tornar íntimos, conversavam muito. O feitor era benevolente com eles. Entendia que não era fácil o trabalho, o local era muito frio, a água gelada e tinham pouco agasalho.

Um dia, o fazendeiro veio ao acampamento, humilhou o feitor na frente dos escravos.

— "Quero ouro! Aqui deve ter e muito! É muito pouco o que me entrega. Quero resultado! Estou sustentando-os, estou empregando dinheiro neste garimpo e não estou tendo retorno. Você, feitor, está muito mole, não está trabalhando direito. Quero trabalho!"

O feitor tentou justificar-se falando do frio, da falta de alimentos e isto irritou ainda mais o fazendeiro.

— "Castigue os negros!"

Após xingá-los e ameaçá-los, foi embora deixando os escravos apreensivos. Já era difícil trabalhar e se fossem castigados seria pior. O feitor escutou calado e assim continuou após a partida do fazendeiro. Quando pararam para fazer a refeição e sempre a faziam todos juntos, um dos negros comentou:

— "O senhor foi injusto com você. Trabalha tanto e não é reconhecido. O senhor é ingrato!"

— "É verdade" - respondeu o feitor. "Estou pensando, sou livre e não preciso aguentar tantos desaforos. Não preciso trabalhar para este estúpido, posso arrumar outro emprego. Será que eleja sentiu frio? Será que alguma vez já entrou nesta água gelada? Claro que não! A casa-grande é muito confortável e ele se alimenta bem, está sempre agasalhado. E fica teimando que aqui tem muito ouro. Só que não achamos o tanto que ele esperava. Encontramos tão pouco!"

Diante do seu desabafo os escravos entreolharam-se e um deles falou:

— "Por que não partirmos juntos? Seremos seus escravos. Iremos para longe e ficaremos livres deste senhor ingrato. Nós não sabemos para onde ir, conhecemos só a fazenda. Mas você que veio de outro lugar saberá nos levar para um local seguro."

O feitor os olhou bem, pensou por instantes e respondeu sorrindo:

— "Tudo bem! Concordo! Poderemos fugir juntos. Vieram aqui hoje, agora só daqui uma semana. Se partirmos amanhã cedo, ganharemos tempo, quando descobrirem nossa fuga, estaremos longe. Levaremos só o necessário e a ração que nos trouxeram. Por hoje chega de trabalhar, chega de água gelada!"

Os negros se olharam e o que já havia falado disse novamente.

— "Feitor, está sendo bom conosco. Confiamos em você. Desde que estamos aqui, garimpando, conseguimos guardar um punhadinho de ouro. Queremos dar a você para ajudar na nossa fuga."

O feitor riu.

— "São espertos! Eu também guardei um pouquinho e não me arrependo. Vamos fundi-lo!"

Entusiasmados fundiram as pequenas pepitas e o pó em um só pedaço. E ali estava fundido o ouro de todos eles. Admiraram-se com o resultado.

— "Vejam só como ficou bonito!" - exclamou o feitor. "Parece um medalhão de sinhás!"

— "É mesmo! Deste lado até parece que tem um rosto. De anjo ou do demônio?" - falou um escravo.

— "Talvez do demônio já que foi roubado!" - respondeu outro negro.

Porém, se os escravos estavam esperançosos e animados com a fuga, confiantes no feitor, este pensava diferente. O feitor pensou:

— "Para que fugir com quatro negros?" Seria um estorvo e depois seria perseguido e, se fosse preso, enforcado.

Roubar escravos era pena máxima. O fazendeiro, seu patrão, não teria clemência. Estava cansado daquela vida, passando frio, fome e ainda mais tendo que aguentar as exigências daquele senhor cruel. Se fugisse sozinho com o ouro, os escravos dariam certamente uma de vítima e iriam correndo à fazenda delatá-lo ao senhor. Resolveu então matá-los e fugir com o ouro. Pôs-se a planejar. Não tinha como matá-los de uma vez só, teria que ser um de cada vez. Resolveu matá-los e jogá-los no riacho. Quando os encontrassem, concluiriam que alguém os havia surpreendido e matado a todos para roubar. Achando os cadáveres dos negros e o dele não, poderiam pensar que o dele teria descido o riacho.

Ninguém iria procurar um cadáver e ele fugiria fácil para longe. Não tendo montaria, a fuga tinha que ser a pé. Mas ele era esperto e andar não seria problema, logo estaria longe daquelas terras. Fingiu que estava planejando a fuga de todos, falou tranquilo aos escravos:

— "Temos que planejar por onde iremos subir a encosta. Não podemos ir pelo caminho da trilha. Podem nos ver. Vamos pesquisar. Dois fiquem aqui e dois vêm comigo por este lado. subiremos e veremos se é fácil."

— "Não é mais fácil fazer isto juntos amanhã?" - indagou um escravo.

— "Claro que não! É melhor fugir rápido e já sabendo por onde. Se alguém vier aqui verá vocês dois e, se indagados, dirão que nós três estamos caçando. Lá de cima se vê tudo e, se alguém da fazenda nos espionar, verá vocês dois e não desconfiará de nada."

Os escravos concordaram e lá foram os três. Após andar um bom pedaço, o feitor parou e disse:

— "Você vai até aquela árvore, sobe nela e verifique o terreno. Nós dois iremos até aquela pedra e depois nos encontraremos aqui e voltaremos. Iremos por aqui amanhã!"

Foi fácil matar o que ficou com ele, perto da pedra, sem que ele desconfiasse, enfiou o facão no peito dele. O escravo morreu sem conseguir nem ao menos gritar. O feitor foi ao local que marcou com o outro e, quando este veio todo contente, foi surpreendido com uma facada na cabeça. Arrastou os dois para perto do acampamento e os deixou escondidos. Após descansar uns instantes, observou os dois que ficaram e, quando um se afastou, foi para perto dele e traiçoeiramente o matou. Foi

ao encontro do quarto que estava cozinhando o jantar. Foi acolhido com alegria.

— "Já voltaram? E então acharam um caminho seguro?"

— "Seguríssimo" - respondeu o feitor se aproximando.

Mas, ao levantar o facão, o escravo percebeu e tentou se desviar, fugir, não conseguiu, foi ferido. Ainda tentou lutar, pegou uma pedra e jogou no rosto do feitor, ferindo-o. Porém, não teve chance, o feitor enfiou o facão no seu peito. Desencarnou olhando-o com muito ódio.

Já ia escurecer, rapidamente completou seu plano. Jogou os quatro cadáveres no riacho onde os escravos trabalhavam. Pela escavação, havia formado um pequeno lago de pouca profundidade e foi lá que os jogou, como também sua roupa suja de sangue.

Pensou em partir, mas escurecia e esfriava muito, depois podia se perder, resolveu ficar e esperar o dia amanhecer. Não conseguiu dormir, parecia que escutava os gemidos dos escravos. Levantou-se muitas vezes para verificar se estavam lá e mortos.

Embora tendo a certeza de que estavam mortos, pareceu e realmente escutava a angústia, os gemidos de dor dos escravos.

Assim que o sol despontou, ele pegou só o necessário, e partiu dali. Só que os quatro companheiros mortos foram com ele.

Perturbados, os recém-desencarnados sem saber direito o que lhes acontecia o acompanharam, ora pensando estar feridos, ora que fugiam para a tão sonhada liberdade.

O feitor estava terrivelmente inquieto, parecia que escutava os gemidos de suas vítimas. Andou até a exaustão, só parou ao anoitecer, alimentou-se e dormiu. O dia seguinte transcorreu da mesma forma, no terceiro dia, cansado, faminto, parou na encosta, que mais tarde passou a se chamar Garganta Estreita, deitou-se para descansar.

Como ele havia previsto, só dias depois acharam os corpos no riacho, o dos quatro negros e as roupas dele. Enterraram os corpos e não desconfiaram que ele, o feitor, estivesse vivo. Concluíram que foram mortos por ladrões.

O feitor deitado sobre uma pedra pôs-se a pensar e planejar como sair dali mais depressa. Havia visto uns cavalos pastando ali perto e planejou roubar um, ir à cidade, se localizar e fugir para longe.

Foi quando sentiu algo gelado a deslizar pela sua perna. Olhou e viu uma cobra venenosa, assustou-se. Contraíu as pernas e a cobra o picou.

— "Estou ferido! Vou morrer!" - exclamou.

Fez uma atadura logo acima, cortou o local da picada.

— "Que faço agora?" - pensou aflito. "Estou cansado e não aguentarei subir esta encosta. Como pedir ajuda? Como poderei obter socorro? O melhor é descansar um pouco e depois tentar achar uma casa habitada. Ou tentar pegar um cavalo e ir para a cidade. Lá acharei quem me ajude."

Mas, logo começou a sentir os efeitos do veneno. Desencarnou agonizando, aterrorizado e com muitas dores. Viu então os quatro escravos ao seu lado, apavorado não saiu do corpo morto e ali ficou vendo e sentindo-se apodrecer.

Sua agonia foi terrível, mas o tempo quase sempre apazigua as dores. Os quatro ex-escravos foram socorridos por outros ex-escravos, espíritos bondosos que vieram conversar com eles, acabando por convencê-los a irem embora daquele local e deixarem o ex-feitor, suas mágoas e o desejo de vingança. Ele ficou sozinho, não quis escutar os socorristas, nada que disseram o convencera. Tinha que vigiar seu ouro e ali ficou junto ao esqueleto, concentrando sua atenção na bolsa onde guardava o ouro.

Passou-se o tempo. Certo dia ele ouviu um barulho diferente.

Era um homem. Viu que fora encontrado, ou melhor, o esqueleto do seu corpo carnal. Não se importou quando o homem pegou seu ouro. Já não se importava mais com aquele pedaço de metal que fora a causa do seu grande sofrimento.

Isto é bem comum: quando se sofre pelos atos errados, costuma-se colocar a culpa em alguém e até em objetos que são completamente neutros. O feitor foi terrivelmente egoísta, cruel, traidor, sofreu pelas consequências de suas maldades, porém culpou o ouro, objeto de sua cobiça, pela sua desgraça. Criando muita energia negativa, jogou-a naquele metal fundido e ele ficou saturado da energia doentia e negativa. Só o objeto, este pedaço de ouro fundido, não iria fazer mal a ninguém. As pessoas sensíveis e boas iriam achá-lo desagradável. E se soubessem usar a psicometria iriam sentir as vibrações negativas de que estava impregnado.

Vieram os escravos da fazenda a mando de Leonel, cavaram um buraco para enterrá-lo, oraram por ele, que pela primeira vez em muito tempo sentiu-se melhor com a atenção, com o carinho daqueles homens simples.

Ajeitaram seus ossos delicadamente e com respeito para enterrá-lo. Desencarnados socorristas desejavam novamente auxiliá-lo, insistiram para que perdoasse e pedisse perdão. O ex-feitor aceitou agradecido e emocionado. Foi levado para um Posto de Socorro e o esqueleto, enterrado. A oração sincera foi e é sempre de grande ajuda a todos nós.

IX - Preconceitos

Fabiano depois de ter ido algumas vezes às ruínas e recordado a história do talismã, novamente voltou numa tarde bonita e quente e ficou meditando:

— "Sei agora a história deste objeto, do talismã, recordei parte da minha infância e adolescência como Evandro. Mas, que acontecimentos ocorreram após abandonar esta casa?"

De repente, um vulto surgiu à sua frente. Uma sensação gostosa de calma e conforto tomou conta do seu ser. Sentiu-se feliz com a visita. Não conseguiu ver direito, mas deu para perceber que era uma mulher muito linda, beleza contida na sua vibração de bondade e harmonia. Sorriu para ele. Falou-lhe de modo delicado, sua voz parecia uma cantiga de raros encantos.

Normalmente em aparições assim o encarnado não escuta como um som material, podemos dizer, o que sempre ocorre é o sensitivo entender, compreender o que o espírito quer dizer. Isto aconteceu com Fabiano, ele sentiu o que Lídia, pois era ela, queria lhe transmitir.

— "Fabiano, meu Evandro, amo-o muito. Siga firme no bem, caminhe para o progresso com todas suas forças. Estarei esperando-o! Adeus!"

O vulto sumiu. Fabiano sentiu imensa saudades, queria para sempre aquele espírito ao seu lado. Ficou alegre por se sentir amado e pela motivação, mas também triste, por não ter sempre aquela mulher com ele. A saudade lhe doía o peito.

— "Lídia! Lídia!" - falou baixinho repetidas vezes.

Sim, ela chamava-se Lídia, lembrou-se. Lídia, o grande e único amor de sua encarnação anterior. Novamente as recordações, algumas partes mais importantes e marcantes. Mas só quando desencarnado é que pôde montar como um quebra-cabeça, toda a história.

Ao deixar a antiga casa ao abandono. Evandro não o fez com tristeza. Três dias após ter enterrado seu pai, arrumara tudo, com os escravos e empregados e transferiu a sede da fazenda para o outro lado de suas terras. Ainda não estava pronta, faltava muito para que a casa pudesse ser habitada. Mas, como prometeu ao seu pai, mudou-se. Lá foram

esperançosos para a nova residência. Acomodaram-se ele, João e Isabel em três cômodos.

Estes amigos continuaram fieis até que desencarnaram. Sempre moraram com ele que sempre pôde lhes confiar todos os segredos.

Embora não tendo tanto conforto, estava feliz na nova residência. Sentiu muito a morte do pai, amava-o profundamente, sempre foram amigos, companheiros e sempre o admirou. Mas viu-o sofrendo muito e por muitas vezes o pai lhe pedira para não se entristecer com sua partida.

Organizou tudo para que a construção fosse feita o mais depressa possível. Logo que estivesse pronta, ia se casar e não queria esperar muito. Amava muito a noiva. Lídia era bela, aos seus olhos. Não era tida como uma moça bonita, mas, como ele a amava, ela era linda e, se comparada a outras, estas perdiam longe. Ela era única para ele. Era filha de um pequeno fazendeiro, morava ali perto com os pais e oito irmãos.

Este casamento não agradava aos seus familiares. Estes achavam que ele merecia uma noiva mais rica e bonita. O tio Anastácio queria que Evandro se casasse com a filha dele, a prima Josefina. Chegou até a falar com Leonel em uma ocasião. Porém, seu pai comentou com ele:

— "Evandro, meu irmão quer casá-lo com Josefina. Ela é boa pessoa, poderia até ser boa esposa para você. Gosto dela. Não é fácil duas pessoas viverem juntas sem amor, quando isto ocorre pode tornar-se uma prisão para ambos. Quando há amor, tudo se torna mais fácil, tolerável e mesmo quando os dois se amam nem sempre dá certo, imagine quando é arranjado. Não quero isto para você. Escolha você sua esposa e o faça por amor."

Leonel dizia gostar de Lídia, achava-a boa e educada, porém Evandro compreendeu que o pai julgava não ser Lídia a mulher ideal para ele. Mas, como prometera, não interferiu. Ficaram comprometidos e casariam logo que a nova sede estivesse pronta.

Só tinha uma coisa que Evandro não gostava na noiva. Ela era muito benevolente e caridosa. Gostava muito de ajudar as pessoas. Aprendera com o médico que morava na cidade próxima à fazenda a fazer partos, cuidar de ferimentos e estava sempre ajudando os doentes. E, quando o velho clínico pelo muito trabalho ou pela distância não podia atender a alguém, ela cuidava dos casos menos graves por ali. Para ela não fazia diferença, assistia aos pobres, ricos, escravos e até animais. Evandro não

gostava desta atividade de Lídia, ora tinha ciúmes, ora achava que ela casando seria uma senhora rica e não ficaria bem sua futura esposa andar pela região socorrendo as pessoas como fazia.

Após a morte do pai, Evandro sentiu-se muito só e passou a aceitar mais ainda a companhia do tio Anastácio e de seus primos. Estes não perdiam a oportunidade de lhe falar dos defeitos da noiva. Porém, Evandro cortava a conversa, não permitia que falassem mal dela. Mas, cada vez mais incomodava-se com sua mania, e via como uma esquisitice a sua bondade, a ajuda que dava aos doentes. Chegou a falar com ela.

— "Lídia, não quero mais que ande por aí medicando as pessoas, você não é médica. Quero que me obedeça como seu futuro marido. As pessoas comentam sua esquisitice. Desde já, deixo claro que não fará isto quando nos casarmos."

Lídia, sempre tão delicada, chorou, levando Evandro a ser mais delicado.

— "Por favor, Lídia, não chore! Não queria ser grosseiro, mas não vejo com agrado estes seus modos. Não poderia parar com isto para me agradar?"

— "Mas, Evandro" - falou ela - "que mal há em fazer o bem? Em ajudar as pessoas. Gosto tanto!"

— "Mais do que de mim? Não gostaria de fazê-la escolher. Amo você! Se me ama, pare com isto!"

— "Amo você também! Uma coisa nada tem a ver com a outra. Por favor, não me proíba!"

Com a aproximação do pai dela, a conversa foi encerrada. Lídia então passou a sair menos e, quando o fazia, tentava se esconder e ir por outros caminhos, às vezes pelo mato, para não ser vista.

Assim, todos pensaram, até Evandro, que ela havia parado, ou diminuído suas visitas, suas ajudas.

Evandro ausentou-se por dias a negócios. Quando voltou, o tio estava à sua espera.

— "Evandro, estou a esperá-lo, porque como seu parente mais próximo, como irmão de seu pai, sinto-me responsável por você, também porque lhe quero como filho. Aconteceu algo muito desagradável!"

— "Que foi meu tio? Conte logo!"

— "Sei bem que não gosta que fale nada de sua noiva. Mas foi por imprudência dela que tudo aconteceu."

Fez uma pausa, Evandro, ao ouvir falar de sua amada, alertou-se, ficou sério prestando atenção.

— "Ela está bem" - continuou o tio - "desonrada mas bem. Evandro, meu sobrinho, ontem pela manhã, Lídia descia o morro do Cordel, disse que foi visitar um destes doentes dela, no alto do morro. Só que desceu por uma trilha não usada. Esquisito não? Parecia que se escondia de alguém. Bem, o fato é que foi atacada por dois homens e estuprada. Encontraram-na e agora está na casa dos pais. Eu..."

— "Quem são estes bandidos? Mate-os!" - gritou Evandro.

— "Não precisa" - respondeu o tio. "O pai e os irmãos dela já o fizeram. Eles foram atrás dos bandidos e os mataram. Agiram bem. Homens assim merecem a morte. Mas Evandro, meu sobrinho, pense bem no que irá fazer. Lídia talvez não seja a mulher que mereça ser sua esposa. Moça direita não fica andando por aí sozinha, minhas filhas não saem de casa sem proteção minha ou dos irmãos. Acho que ela não foi bem criada, não recebeu a educação devida. Será que ela não facilitou? Pelo que soube, ela ia há dias àquela casa e fazia o mesmo caminho. Os homens podem tê-la visto e foi fácil."

Evandro teve vontade de esmurrar o tio, porém se conteve. Entendeu que o tio não queria ofendê-lo, mas ajudá-lo, e que ele tinha razão. Pedira tanto a Lídia que parasse com estas visitas. E por que ela não ia pelo caminho frequentado? Teve vontade de chorar, não o fez de vergonha do tio. Pensou aflito:

"Por que Lídia fez isto comigo?"

— "Evandro, venha passar uns dias na minha casa" - disse o tio em tom carinhoso. "Você agora precisa de carinho da família. Ajudarei você nas suas tarefas na fazenda. Depois tem João que poderá cuidar de tudo por aqui. Lá em casa terá a companhia dos seus primos. Venha comigo!"

Evandro aceitou o convite. Sofria e não queria ficar sozinho. Seguiu o tio sem sequer conversar com João e Isabel que o amavam como se fosse um filho.

Na casa do tio, todos fizeram o possível para agradá-lo e distraí-lo. Mas, não perdiam a oportunidade de comentar as qualidades de Josefina, o tanto que ela seria boa esposa. Ele, então, passou a notar mais a prima, ela era realmente bonita, educada, prendada e parecia gostar dele.

Numa tarde ao sair com dois primos a cavalo, ao passar perto de outros homens, Evandro ouviu o triste comentário.

— "O noivo da desonrada!"

la partir para briga, tirar satisfações. Um dos primos não deixou.

— "Evandro, não brigue! Senão, terá que brigar com todos por aqui. É, infelizmente, o que todos pensam. Depois não é nenhuma mentira. Lídia foi estuprada!"

— "Ela não teve culpa!" - respondeu Evandro.

— "Não?" - falou o primo. "Se estivesse quieta em casa como uma boa moça isto não teria acontecido. É muito ingênuo, primo! Estamos do seu lado. Se quiser brigar, embora o grupo deles seja mais numeroso, vamos com você nem que seja para apanhar. Mas, deve entender que não mudará o conceito de ninguém. Lídia procurou isto. Certamente ela não o ama como você merece. Como desposar uma moça tão falada?"

Evandro não respondeu, desistiu de brigar. Após o acontecido, não tinha ido visitar a noiva, não teve coragem e agora não tinha vontade. Depois não sabia como agir, o que fazer em relação a ela. Todos a julgavam errada. Se ela tivesse atendido ao seu pedido nada disto teria acontecido. Se ao menos, pensou, seu pai estivesse vivo, o aconselharia com sabedoria. Lembrou-se, então, que o pai aceitou Lídia, porém não a queria como nora. Seu primo, concluiu, tinha razão, todos na região deveriam estar pensando como aqueles homens e rindo-se dele.

Naquele mesmo dia, durante o jantar, seu primo comentou a grosseria que escutaram e o tio falou dirigindo-se a ele.

— "Quer, Evandro, que eu tire satisfações com este vizinho?"

— "Não, tio, não quero envolvê-lo em brigas. Não sei o que faço. Preciso tomar uma atitude. Mas, estou confuso."

— "Evandro" - disse a tia - "amamos você e seu tio tem estado muito preocupado com que tem lhe acontecido. Você não merece este sofrimento, esta vergonha. Por que não se aconselha com ele, será como se estivesse falando com seu pai."

— "Tio, me ajude" - disse Evandro. "Que devo fazer?"

— "Aconselho a você como a um dos meus filhos. Desfaça o noivado e escolha uma boa moça para esposa e mãe de seus filhos."

— "Vou fazer isto" - falou Evandro. "Irei conversar com o pai dela qualquer dia destes."

— "Você não deve ir" - falou a tia. "É muita humilhação! Você, querido" - dirigiu-se ao esposo - "não fará isto por ele?"

— "Faço!" - respondeu o tio. "E irei agora."

— "Mas..."

Evandro ia dizer que queria pensar mais um pouco, mas o tio levantou-se deixando o jantar inacabado e saiu.

— "Está vendo, Evandro" - disse um dos primos - "como papai se preocupa com você? Agiu certo terminando este noivado. Agora, ninguém mais debocha de você."

Duas horas depois o tio voltou e comentou:

— "Tudo certo, Evandro, você é livre agora. Agimos corretamente. O pai de Lídia nem ponderou. Concordou na hora, sabe que temos razão. Ainda mandou pedir desculpas a você."

Dois dias depois, receberam convites para irem a uma festa na fazenda de outro tio, que morava mais distante. Anastácio fez a família toda ir. Ele ficaria e cuidaria de tudo, da fazenda dele e da do sobrinho. Foram animados. Evandro em outras circunstâncias não teria ido, mas foi para não ficar sozinho. Todos os familiares ficaram sabendo do ocorrido, mas nada comentaram. Foi agradável rever os parentes e todos, direta ou indiretamente, comentaram que ele e Josefina formavam um casal perfeito.

Notou que empurravam a prima para perto dele e a aceitou como companhia.

Os dias de festas acabaram, voltaram alegres. Evandro se distraiu, acabou gostando, não teve tempo para pensar, foram muito movimentados aqueles dias. Durante a festa ouviram-se comentários sobre Evandro e Josefina e o tio ficou muito contente quando a esposa disse:

— "Evandro e Josefina ficaram muito juntos, pareciam noivos. Todos comentaram da beleza do par. Falavam que formavam um casal perfeito."

— "Vocês estão namorando?" - indagou o tio olhando para Evandro.

— "Eu, bem..."

Evandro não sabia o que responder e um dos primos falou, ajudando-o.

— "Ora, papai, Evandro não faria isto sem sua permissão. Ele é um cavalheiro e sabe que Josefina é moça respeitável."

— "Oh!" - exclamou o tio. "Não seja por isto, tem toda minha permissão. Seu pai e eu sempre quisemos o casamento de vocês."

A conversa foi dada como compromisso. Houve abraços pelo noivado e logo começaram a fazer planos. A tia concluiu que o noivado não deveria ser longo.

— "Vocês casam e ficam morando conosco até a casa de vocês ficar pronta. Daqui a dois meses é a festa da Virgem Maria, poderiam casar-se nesta data. A ocasião é propícia e todos os familiares poderão vir."

Evandro concordou sem pensar. E, prontamente, tudo ficou acertado. Dias depois, foi à sua fazenda. Achou tudo em ordem, o tio e João haviam cuidado de tudo. Isabel e João abraçaram-no comovidos.

— "Então, ficou noivo?" - perguntou João. "Não o fez muito depressa? Você pensou bem? É isto que realmente quer?"

— "João" - respondeu Evandro triste - "não sei se é isto que quero. Acho que é o melhor."

O velho amigo o abraçou.

— "Meu Evandro, meu menino! Por que foi tão precipitado? Por que se deixou envolver? Você deveria ter vindo aqui, poderia ter conversado conosco."

— "Que poderia fazer?" - falou Evandro. "Lídia me fez sofrer. Depois Josefina é tão boa..."

— "Você ama Lídia" - falou Isabel.

— "Amava..." - falou Evandro sem nenhuma convicção.

— "Você diz que amava" - falou Isabel - "e que ela o fez sofrer. Não pensou no que esta menina sofreu e sofre? Recebeu uma violenta agressão e você nem foi visitá-la. Você acha mesmo que sofreu mais que ela?"

— "Isabel" - disse Evandro - "eu tinha pedido para parar com estas estranhas visitas. Ela não atendeu meu pedido. Eu que não tive culpa! Se ela não é culpada eu menos ainda!"

— "Evandro" - disse João - "Lídia é boa, pura. Não é um pedaço do corpo que nos faz ser ou não impuros. Quantas pessoas julgam a pureza por atos externos, porém, ela está no nosso interior, nos nossos sentimentos e na boa conduta. E a delicadeza, a bondade que nos faz ser boas pessoas. Lídia para nós continua sendo pura e honrada. A honra de uma pessoa é algo bem mais sério. Na minha simplicidade, ser honrado é agir direito, seguir o que manda o Senhor Jesus. Tantas coisas erradas são feitas em nome desta honra. Mata-se e castiga-se. Dizem que Lídia está desonrada. Achamos injusto! Além de sofrer esta grande agressão, sofre ainda a incompreensão

de todos e o desprezo de você a quem tanto ama. Ela nada fez de errado e parece para muitos que errou mais que os homens que a atacaram. Será, Evandro, que você não pode ser justo com ela? Tratá-la como vítima?"

— "Ela sofreu muito?" - indagou Evandro com voz baixa.

— "Pelo que sabemos, sim" - respondeu Isabel.

Evandro chorou nos braços dos amigos. Instantes após, reagiu.

— "Agora está feito! Vou casar-me com Josefina. Tudo está marcado. Não quero que o nome de Lídia seja mais pronunciado nesta casa."

Evandro agiu preconceituosamente. Preconceito é uma recusa de vida diferente da dos que nos rodeiam. É o resultado de condicionamentos. Através dos milênios, sofrendo, satisfazendo, ou tendo esperanças, ou recusando circunstâncias, a humanidade criou normas de vida que elegeu como sendo a melhor atitude para seu viver. Isto chega até nós tão enraizado, tão profundo que raros homens têm coragem de encarar a realidade. Vencemos o preconceito quando ficamos livres do passado, dos condicionamentos que nos são impostos e quando agimos com os outros como gostaríamos que eles agissem conosco.

Os preparativos ocuparam todo o tempo e Evandro no dia marcado casou-se. O casamento foi bonito e teve uma grande festa que reuniu todos os parentes. Ele prometeu ser bom esposo e queria sê-lo. Nos primeiros meses morou junto do tio e sogro, a família alegre o distraía. Logo a casa ficou pronta, mudaram-se e vieram os filhos. Tiveram seis. Evandro até que se esforçou para amar Josefina, só que não conseguiu, fez então como seu pai, dava-lhe tudo de material e refugiou-se nos negócios. Tentou também ser bom pai, porém não tinha paciência com os filhos.

O tempo o fez compreender que fora muito precipitado e agira errado em relação à Lídia. Ele errou mais que todos juntos. Deveria ter ficado lado a lado com ela. Se estivesse casado com ela, o amor da sua vida, tudo teria sido mais fácil, o casamento, os filhos. Mas, como voltar no tempo? Depois, sem saber o que agora sabia, teria dado certo o casamento com Lídia? Será que, se estivessem juntos, não a culparia nestes anos todos? Como pôde, pensava aflito, desprezá-la tanto, nem coragem de vê-la teve e nem de desfazer o noivado. Só conversava sobre isto com João e Isabel. O casal, já velho, escutava carinhosamente.

Amou e amava Lídia e este era seu castigo. Procurava saber sempre dela. Lídia continuava com suas visitas de ajuda, medicando os pobres, só que

não se escondia mais. Evandro temia por ela, tinha medo de que fosse novamente atacada, mas isto não aconteceu. Ela passou, com os anos, a ser venerada, todos na região, principalmente os que não podiam pagar para ter assistência médica, a respeitavam profundamente.

Evandro se julgava infeliz, sentia a falta da amada. Porém, esqueceu-se de tudo mais que havia recebido de Deus e havia recebido muito. Era perfeito, sadio, tinha uma esposa honesta e filhos. E também tinha, como empréstimo de Deus, grande fortuna. Mas, imprudentemente, concentrava suas emoções no que lhe faltava e não no que dispunha. Tornou-se impaciente, inquieto, isto incomodava os familiares porque estava sempre de mau humor. Passou a embriagar-se. Mas, consciente dos vexames que a bebida provocava, quando o fazia, ia para o porão da casa e por lá dormia.

Soube que Lídia passava necessidades e mandou João levar-lhe uma grande quantia de dinheiro, ela devolveu e mandou dizer que não precisava. Sentiu-se mais amargurado ainda por não conseguir ajudá-la.

Numa tarde, quando cavalgava, viu Lídia. Afastou-se dos empregados e dirigiu-se a ela. Sua ex-noiva não o vira, desceu do cavalo com dificuldades e sentou-se numa pedra para descansar.

Havia mudado, envelhecera, engordara, mas estava linda como sempre. A frente dela, emocionado, teve ímpeto de lhe dizer que a amava, que sempre a amou. Mas, não teve coragem. Temia ofendê-la. Estava casado e não tinha nada para oferecer. Ao olhá-la, notou em seus olhos a tranquilidade que perdera e compreendeu que era muito mais infeliz que ela e por sua própria culpa.

Quando ela se levantou e dirigiu-se à casa que ia visitar, Evandro notou o tanto que Lídia mancava, que andava com muita dificuldade. Teve vontade de abraçá-la, conteve-se e ficou a olhá-la até que entrou na casa. Afastou-se e lágrimas correram pelo seu rosto.

Pensava muito nela e bebia cada vez mais.

Foi no porão da casa que o encontraram morto. O espírito de Evandro ficou junto ao corpo morto até à hora do enterro. Sua mãe Verônica e José Venâncio conseguiram desligá-lo. Porém, recusou o socorro, ficou no seu antigo lar. Viu com tristeza que os familiares não sentiram sua morte. Josefina gostava dele, no começo do casamento chegou até a amá-lo, porém, cansou de amar sozinha e transferiu este amor aos filhos. Estes,

sim, amavam a mãe. Evandro compreendeu que foi ele mesmo que se afastou dos filhos e que estes não tinham muitos motivos para amá-lo.

Repartiram a fortuna que ele havia herdado e multiplicado com seu trabalho, e que julgava ser sua por ter sido adquirida honestamente. Ilusão! A morte do corpo o fez entender que nada possuía e ali estava ele como um pobre infeliz.

Resolveu visitar Lídia e o fez facilmente. Entristeceu-se ao vê-la tão pobre. Sua amada vivia numa casa tão velha que nem os seus empregados morariam, era esburacada, quente no verão e fria demais no inverno e sem nenhum conforto. Encontrou-a alegre, ela era feliz, uma felicidade que ele não conseguia entender, faltava-lhe tudo materialmente. Só depois compreendeu que ela possuía a paz que sempre lhe faltou. Era feliz fazendo o bem, sendo útil.

Ficou surpreso ao perceber que ela sentiu sua presença e aconselhou-o a largar tudo e desligar-se das coisas materiais. Porém, ele não quis sair dali. Aquelas terras e casas eram tudo para ele, achava que não merecia nada melhor. O que ele queria naquele momento era o perdão de Lídia.

Assim, ficou preso em espírito por muitos anos ao seu antigo lar, mais precisamente no porão e ia sempre ver Lídia, às vezes ficava de longe olhando-a, outras se aproximava e quando fazia isto ela sentia a sua presença. Até que um dia pôde lhe pedir perdão. Chorou emocionado ao escutar o perdão dela. Sentiu que era sincero. Envolvido nas vibrações bondosas de Lídia. Evandro sentiu-se bem. Estavam presentes ali junto dele sua mãe e o tio José Venâncio a lhe oferecerem ajuda. Aceitou, agradecido. Foi levado para uma Colônia onde aprendeu a viver com dignidade, como um espírito, após ter o corpo morto, deve viver. Teve permissão para visitar Lídia muitas vezes e também rever os filhos.

Lídia também desencarnou. Ela foi levada logo após seu corpo morrer para a Colônia por seus muitos amigos. Evandro foi visitá-la somente depois de muitos dias. Encontrou-a bem, feliz e disposta. Ele falou pouco, observava somente. Pediu perdão novamente. Tinha necessidade de escutar muitas vezes que ela o perdoava. Sentiu vergonha diante da ex-noiva. Quis imensamente torna-se digno dela. Passaram a se encontrar nos seus horários de lazer. Conversavam muito. Lídia lhe trazia paz e confiança.

Evandro então planejou encarnar e tentar fazer o que ela fizera: o bem. E pediu uma outra oportunidade, a da reencarnação, e queria ter uma

deficiência física.

Estes pedidos, todos referentes a reencarnações, são analisados com sabedoria em departamentos próprios. Cada um de nós tem realmente o que necessita.

Esperançoso, este espírito reencarnou e recebeu o nome de Fabiano.

X - Lídia

Lídia desde menina gostava de ajudar a todos, os irmãos, os empregados, os escravos e os animais. Cuidava dos doentes da casa com carinho. Aprendeu a fazer chás, interessou-se pelas plantas e fez amizade com o velho médico que clinicava na região. Quando o clínico estava por perto, lá estava ela conversando com ele. Continuou assim e com mais intensidade na adolescência.

Seus pais não gostavam, tentavam impedir, mas Lídia sempre dava um jeitinho e continuava.

Um dia, quando passeava a cavalo com o irmão, conheceu Evandro. Olharam-se encantados um para o outro. Uma semana depois, encontraram-se numa festa, ele veio conversar com ela, seu coração disparou, teve a certeza de que o amaria por toda a vida.

Assumiram compromisso de noivado. Combinaram que casariam só quando a casa que Evandro estava construindo ficasse pronta, lá, sonhava, seria o seu ninho de amor.

Lídia não era bonita, mas agradável, simpática, risonha e irradiava alegria. Era uma pessoa amiga e todos gostavam dela.

Sentia-se bem em ajudar as pessoas doentes, em fazer partos, auxiliando crianças a vir ao mundo, e medicando com suas ervas e seus chás. Por muitas vezes o fizera escondido dos pais e depois também do noivo.

Sua família ficou muito feliz por ter ficado noiva do homem mais rico da região, mas Lídia não ligava para este fato, amava Evandro talvez mais ainda se fosse pobre. Amava-o sem egoísmo, sem paixão. Era incapaz de um sentimento mau, queria bem a todos e não via maldade em nada.

Quando Evandro lhe falou que era contra as visitas de ajuda, decepcionou-se tanto que, embora tenha se esforçado para não chorar, acabou fazendo-o quando ficou só. Iludira-se, pensou que o noivo compartilhasse de suas ideias, de seus planos. Tinha imaginado que, ao casar-se, ele lhe daria dinheiro para fazer um galpão onde pudesse atender aos doentes da redondeza e comprar muitos remédios. Nunca pensou que ele fosse contra o que ela fazia com tanto amor. A decepção doeu muito. Mas, depois acalmou-se e, como todos os enamorados costumam fazer,

pensou que ele ia mudar, que ia conseguir mudá-lo. Para não contrariar o noivo, resolveu diminuir um pouco as visitas e, quando ia, era à tardinha ou pela manhã bem cedo e escondido.

Evandro viajou a negócios. Ela estava ajudando uma mulher a cuidar do filho recém-nascido cujo umbigo começara a inflamar. A criança era linda, filha de um empregado da fazenda de seu pai. Gostava muito de crianças, ficava imaginando como seria feliz ao ser mãe. Ia bem cedinho, tinha que subir um morro, não ia pela trilha conhecida por todos para não ser vista, mas por outra que não era usada. Agia assim para que Evandro não soubesse.

Um dia, depois de uma visita, voltava distraída quando escutou um barulho, pensou que fosse um animal, sentiu medo e correu. Mas foi agarrada por dois homens. Foi uma cena triste e deprimente. Tudo que Deus fez foi para o uso e não para o abuso. Qualquer abuso, seja no que seja, traz consequências terríveis para aqueles que o sofrem e para os que o cometem. O sexo não foge à regra e o abuso sexual é muito aviltante.

Lídia ficou ali jogada, tonta e com muitas dores. Ao ser derrubada, caiu em cima da perna esquerda que teve fratura exposta. Quando uns moradores da fazenda a acharam, a moça teve vergonha, pois estava quase nua. Enrolaram-na em um casaco e a levaram para casa. O médico amigo veio rápido, medicou-a e atou a perna, ela não poderia sair do leito por meses.

Lídia aguardou, ansiosa, o retorno do noivo, queria seu carinho. Imaginou que este ao saber viria correndo confortá-la. Amava-o tanto! Mas ele não veio! Soube que retornou e não foi vê-la. O pai veio lhe dar a notícia.

— "Lídia, Evandro voltou de viagem e foi passar uns dias na casa do seu tio Anastácio."

— "Não veio me ver?" - indagou, sentida.

— "Acho, filha, que nem virá. O tio sempre quis que ele se casasse com a filha. Não irá perder esta oportunidade de aproximá-los. Se o seu noivo não veio até agora, dificilmente virá. Quero que saiba que matamos, eu e seus irmãos, os dois bandidos que a atacaram."

— "Por que os matou?" - perguntou Lídia.

— "Para que não falassem por aí que somos uns frouxos. Tinha que zelar pelo nosso nome. Nem digo pela sua honra, esta você já a perdeu."

— "Foram capazes de matar só para que não falassem mal de nós?" - espantou-se Lídia.

— "E não é assim a vida? Por que Evandro não veio vê-la? Porque certamente não quer uma noiva desonrada."

— "Que honra é esta tão cruel? Que fiz de errado?"

— "Às vezes, até eu a acho cruel" - disse o pai. "Mas é a que temos por conceito."

— "Espero que isto mude, no futuro" - disse Lídia, tristemente.

— "Mas, enquanto não muda, é a ela que temos que seguir. Depois, Lídia, sua mãe e eu pedimos tanto que parasse com esta sua esquisita caridade. Muito poucos irão compreender seu gesto. Irão falar mal de você e para muitos você teve o que procurou."

O pai saiu do quarto e Lídia chorou. Porém, não perdeu a esperança. Evandro certamente viria vê-la. Pensou nele com carinho. Mas, passaram-se os dias e ele não veio. A cada amanhecer dizia:

— "Ele virá, Evandro virá hoje."

Ao anoitecer comentava triste:

— "Amanhã, certamente..."

Já era noite, ia dormir, quando escutou vozes, tinha visitante na sala, mas fora uma visita rápida. Ao ver o pai entrar no seu quarto, teve um pressentimento ruim, ficou calada olhando para ele, que abaixou a cabeça e disse:

— "Lídia, o tio do Evandro, Sr. Anastácio, veio aqui e desfez o compromisso de vocês. Ele veio para o sobrinho não ter de passar por esta humilhação. Já não é mais noiva!"

O pai saiu deixando-a sozinha. Lídia então chorou, a dor foi tão grande que sentiu como se o seu corpo estivesse se dilacerando.

Para ela foi pior que o dia em que foi violentada. Chorou a noite toda. Ao amanhecer, decidiu:

— "Não choro mais! Nunca mais! O amor continua vivo, não morreu. Mas, agora é só meu. Aprenderei a viver sem a presença de Evandro, mas não posso viver sem amor. Que ele fique no fundo do meu ser e que seja só meu!"

Os comentários da família sobre a agressão que recebera e do noivado desfeito eram contraditórios. Uns diziam que Evandro estava certo, outras

que fora injusto. Mas, quase todos concordaram, Lídia não agira certo ao sair sozinha. Ela não respondeu a nenhum dos comentários.

Conversava à vontade só com o velho médico e este para que ela se distraísse trouxe-lhe emprestados os seus livros de estudos de Medicina e muitas vezes explicava-lhe as partes que ela não conseguia entender.

Ficou sabendo da festa em que Evandro fora, do noivado dele e não chorou. No dia da Virgem em que ele se casou, Lídia não aguentou e as lágrimas escorreram-lhe pelo rosto, porém, esforçou-se:

— "Não choro! Não devo chorar! É Evandro quem casa, não o meu amor. Este é só meu!"

A recuperação foi lenta, a fratura da perna foi feia e quase teve que amputá-la. Mas Lídia era jovem, sadia e reagiu, porém ficou a sequele, a moça ficou manca. Andava primeiro com o apoio de uma cadeira, depois com muletas improvisadas e finalmente com uma forte bengala.

Logo que lhe foi possível, voltou a ajudar os seus doentes. Seus pais reclamaram, mas ela não se importou e devagar voltou às suas visitas. Só que de charrete ou a cavalo, pois não conseguia andar muito.

Tentava não mais pensar no antigo noivo e para se distrair intensificou o auxílio às pessoas, não se escondendo mais.

— "Lídia, vamos precisar deste quarto para seu irmão. Ele vai casar e deverá ficar uns tempos morando aqui com a esposa. Mandei arrumar aquele pequeno, perto da cozinha, para você. Mude para lá, amanhã!" - disse-lhe um dia a mãe.

Lídia ia contestar, por que ela? Mas calou-se. Há tempos, desde o acidente, da violência que sofrera, a família a tratava diferente. O pai, ainda mais bondoso, lhe dirigia a palavra em tons mais amorosos. A mãe sempre achou que foi por sua imprudência que jogou fora um casamento vantajoso e não a perdoava por isto.

O quarto era pequeno, coube só uma cama e um baú. Ela não reclamou.

Um dia escutou a mãe falando com o pai que deveria arrumar um casamento para ela. Correu e ajoelhou-se ao lado do pai.

— "Papai, lhe imploro, não me case! Por Deus, deixe-me solteira!"

— "Ora, só conversávamos" - disse a mãe. "Quem iria querer casar-se com você? E difícil! Talvez um viúvo cheio de filhos ou um empregado para ter alguma vantagem."

O pai a compreendeu.

— "Lídia, não farei isto. Você só casará se quiser e se for você mesma a arrumar o pretendente."

— "Então, ela ficará solteira!" - exclamou a mãe.

"Ficarei solteira, sim" - pensou Lídia aliviada.

Só se casaria por amor e, como era impossível unir-se a quem amava, não queria ninguém ao seu lado só por ter. Era incapaz de se entregar a alguém sem amor. E sabia que não ia amar mais ninguém.

Não foi nunca mais a festas, tentou ir à missa mas na igreja sentiu que todos olharam para ela com ar de reprovação e de crítica. A moça esforçou-se ao máximo para não chorar, prometeu a si mesma que não choraria. Não queria chorar no meio de tantas pessoas. Sentiu-se aliviada quando a missa acabou e voltou para casa.

O amigo médico confortou-a e aconselhou:

— "Lídia, não se importe com a maldade. Ela não poderá fazer-lhe mal. Antes ser vítima de uma maldade que fazê-la. Esqueça estas ofensas. Não fique chateada por ter isto acontecido numa missa. E muita hipocrisia ir orar e não seguir os ensinamentos do nosso Mestre Jesus. Lembro-a que no tempo Dele não havia missas. E o que Ele fazia, podemos fazer. Ele ajudava, curava e confortava a quem precisava."

Lídia perdoou de coração seus agressores, orava por eles, desejando que estivessem bem. Não guardou mágoas. Passou a sair só para ajudar quem lhe pedia. O velho médico morreu e veio outro para o seu lugar. Era só um clínico para uma região grande e este sentiu-se aliviado com a ajuda dela.

Sempre teve notícias de Evandro. Ficou contente ao saber que teve filhos. Desejava que fosse feliz.

O tempo passou, os pais morreram e os irmãos colocaram-na para morar numa casinha que servia aos empregados da fazenda.

Passava por dificuldades, mas mesmo assim, repartia o que tinha com os mendigos.

Um dia, um empregado de Evandro veio bater a sua porta.

Atendeu-o achando que viera pedir ajuda. Assustou-se quando ele disse:

— "Dona Lídia, o Sr. Evandro mandou isto para a senhora."

Era um envelope fechado, abriu-o apressada. Dentro uma quantia elevada em dinheiro. Colocou o dinheiro novamente no envelope, fechou-o e entregou-o ao portador.

— "Agradeço ao senhor por ter vindo aqui. Mas, por favor, volte e devolva ao senhor Evandro. Diga-lhe que certamente se enganou. Este envelope é dele e o conteúdo lhe pertence, eu não aceito."

Ainda bem que logo após vieram buscá-la para fazer um parto. Evitou pensar no assunto esquecendo a oferta de Evandro.

Tempos depois foi ver um doente, estava a cavalo, parou perto de uma árvore, sentou-se numa pedra para descansar uns minutos para em seguida atravessar o jardim e entrar na casa que visitaria. O calor estava forte e ela suava, enxugou o suor e abanou-se com o lenço. Viu uma pessoa se aproximar e só de perto reconheceu Evandro. Seu coração disparou e virou-se para o outro lado dando-lhe as costas. Porém, Evandro parou, desceu do cavalo e lhe dirigiu a palavra.

— "Boa tarde, Lídia! Como está?"

Lídia virou-se, desejou estar mais arrumada. Estava com roupas velhas, sem nenhum atrativo, amarrara os cabelos como sempre, num coque na nuca. Tentou ajeitá-lo com a mão, depois o olhou e sorriu, respondeu esforçando-se para conter a emoção.

— "Bem e você?"

— "Está muito quente, hoje" - respondeu ele. "Talvez chova mais tarde. Passava por aqui e a vi. Faz tempo que não nos vemos."

Tirou o chapéu, o tempo também o havia modificado. Estava grisalho, de bigode, rugas apareciam no seu rosto. Olharam-se examinando um ao outro. Lídia envergonhou-se por um instante.

Depois reagiu, ela era o que era, nunca e nada seria motivo para envergonhar-se. Levantou a cabeça e sorriu. Nisto um dos moradores da casa gritou:

— "Dona Lídia, entre por favor! Estamos esperando-a. Quer que eu a ajude?"

— "Não, obrigada! Estou indo."

Virou-se para Evandro e disse alta:

— "Boa tarde, Evandro! Estou muito atarefada, devo ir."

Levantou-se e esforçou-se ao máximo para caminhar sem mancar tanto. Sem olhar sequer uma vez para trás, entrou na casa onde era esperada. Ouvia então o barulho do cavalo se afastando. Perturbou-se com o encontro, mas não deixou ninguém perceber.

Foi numa tarde, quando acabava de fazer um curativo numa criança, que um empregado veio lhe dar a notícia:

— "O Sr. Evandro morreu! Estava um pouco adoentado e hoje morreu!"

Lídia parou o que estava fazendo. Olhou para o homem sem entretanto vê-lo. Após abaixou a cabeça e segurou as lágrimas.

Não falou nada, dominou-se e continuou com o curativo.

À noite, a sós, pôs-se a pensar como ele estaria no caixão, se seus familiares estariam chorando. Orou para ele desejando-lhe paz.

Após algum tempo e por muitas vezes, sentiu Evandro perto dela. E, quando isto ocorria, orava por ele com fé, chegando mesmo a lhe falar:

— "Evandro, você não deve ficar entre os vivos de corpos carnis. Vá para perto de pessoas como você. Deve entender que seu corpo morreu e que agora vive de outro modo."

Lídia era católica, embora há anos não fosse à igreja e nem conversasse mais com nenhum padre. Sentia muitos espíritos ao seu lado e, por muitas vezes, falava com eles com carinho, eram familiares, conhecidos e até desencarnados que nunca vira. Ela não tinha medo, só que não sabia bem como orientar estas pessoas, ou melhor, estes espíritos já desencarnados. Seguia sua intuição e os ajudava muito.

Uma tarde, sentada sozinha, sentiu Evandro novamente. Em vez de falar como sempre fazia, tentou escutá-lo e então ouviu:

— "Lídia, perdoe-me! Rogo seu perdão pelo Amor de Deus."

Então compreendeu que Evandro sentia que errara com ela e respondeu com sinceridade:

— "Evandro, quero-o feliz! Sempre quis, tanto que não foi por orgulho que não o procurei quando aquele triste acidente aconteceu. Achei que se ficasse com você iria infelicitar-lo e deixei que se afastasse. Nunca o perdoei, porque nunca o culpei. Não achei que precisasse do meu perdão, perdoe-o de coração. Nada me deve. Siga em paz!"

Percebeu que ele se afastou e por muito tempo não mais o sentiu. Uma noite, quando orava, sentiu-o ao seu lado. Estava diferente, tranquilo e grato. Ficou feliz por compreender que ele estaria bem.

A perna doía terrivelmente, havia dias que Lídia se levantava esforçando-se ao máximo para ficar de pé. Voltou a caminhar de muletas. Vivia na pobreza. Alimentos lhe eram doados pelos pobres e empregados que ela assistia. Os irmãos haviam morrido e estava separada dos sobrinhos. Estes

gostavam dela, mas se envergonhavam de ter alguém da família que vivia tão estranhamente. Não a incomodavam e às vezes um deles lhe levava alimentos e remédios.

Lídia nunca reclamava. Seu semblante era de paz, sua expressão bondosa cativava todos que a viam. Ela sentiu-se feliz porque se harmonizara com as leis do Criador.

Desencarnou tranquilamente numa madrugada fria. Empregados, vendo que ela não se levantara, que não abrira a porta de sua casa, foram lá e a encontraram morta.

A família fez um enterro simples, porém as orações em seu favor foram muitas, os pobres da região sentiram muito a morte da benfeitora.

Lídia teve uma dor no peito, quis pegar a água que estava ao lado do seu leito, mas não conseguiu, a dor foi suavizando e ela adormeceu. Acordou tranquila, sem dores, e se espreguiçou. A perna não doía mais, alegrou-se. Observou bem onde estava. O quarto todo branco parecia pintado recentemente, leito alto e confortável, da janela uma claridade brilhante, flores em cima de uma mesinha.

— "Onde estou? Que lugar é este? Por que será que não me dói a perna?"

Sentou-se com facilidade no leito, puxou o lençol descobrindo-se. Olhou a perna. Assustou-se. Sua perna estava sadia, nenhum sinal do ferimento e não estava inchada.

— "Meu Deus! Morri? Que se passa comigo? Por que me sinto tão bem?"

A porta se abriu e ela viu o amigo médico que há muito tempo tinha desencarnado. Olhou-a com carinho e sorriu.

— "Como está menina Lídia?"

Era assim que ele a chamava. Lídia sentiu um pouquinho de medo do desconhecido. Refugiou-se nos braços do amigo e o medo desapareceu. Sentiu-se protegida e amada.

— "Diga-me, doutor, morri?"

— "Seu corpo carnal morreu, menina. Agora é sadia como seu espírito. Será muito feliz aqui conosco."

Bem disposta, sentindo-se leve, Lídia saiu com o amigo a saltitar pelo jardim do hospital. Dias depois, já estava estudando, trabalhando sem o peso do corpo doente.

Recebeu a visita de Evandro, emocionada. Estava envergonhado, ficou olhando-a em silêncio, depois de minutos, conseguiu dizer:

— "Lídia, me perdoe!"

— "Você já não me pediu isso antes? O que respondi a você?" - disse Lídia.

— "Que me perdoou!"

— "Por favor, sinta-se perdoado e perdoe a si mesmo!"

— "É difícil! Sinto que errei tanto com você!"

— "E quem sofreu com tudo isto?" - indagou Lídia tranquilamente.

— "Fui eu!" - exclamou Evandro tristemente.

— "Evandro, tente consertar o erro com acerto!"

Passaram a se encontrar com frequência e a conversar muito. O amor deles era forte e o carinho grande. Tomaram-se amigos. Ela o ajudou muito.

Lídia entendeu que sua vida nesta encarnação não fora fácil, porém era a que necessitava. Estava muito feliz no plano espiritual. Continuou com alegria a ajudar os doentes. Mas e sua existência passada? Quis recordar, queria saber.

Lídia e Evandro tiveram outros nomes, mas para facilitar a compreensão, vamos chamá-los com os nomes já conhecidos.

Na encarnação anterior, ela era escrava e o seu senhor era Evandro. Ela era muito bonita, uma negra linda e tendo consciência deste encanto tudo fez para conquistar seu sinhô.

Evandro a amava, porém, não quis esposá-la. Não queria para esposa uma escrava, uma negra e a teve como amante. Porém, casou-se, aceitou a esposa que a família lhe arranhou. Todos na fazenda, até a esposa, sabiam do envolvimento do patrão com a bela escrava e ela valia-se dessa regalia. Não trabalhava, era servida por outros escravos, morava numa casa próxima à casa-grande e ia lá quando queria. Ela não tivera filhos, mas a esposa de Evandro sim.

Lídia aprendeu com a mãe e a avó a fazer remédios com ervas e se especializou em uma que era abortiva. Dava a quem lhe pedia. Ao saber que a esposa de Evandro estava grávida, deu-lhe sem que ela soubesse a erva num suco e ela abortou. Ninguém desconfiou e Lídia fez isto por mais três vezes, na quarta, a moça desencarnou.

A escrava alegrou-se com a viuvez do amado, desdobrou-se em carinho, achando que ele ia agora ficar com ela. "Evandro já tem filhos brancos para continuar seu nome e agora não há nenhum empecilho, nada nos impede de casar e eu ser a dona absoluta da fazenda" - pensava. Porém, Evandro pensou e agiu diferente.

Casou-se novamente e com uma branca. Ela revoltou-se e jurou vingança. Sua vida continuou como antes. Passado o período de lua-de-mel, Evandro voltou a se encontrar com ela. Não desconfiou de seus planos. Julgou que estava tudo bem. Até lhe falou:

— "Você é negra! Como me casar com você? É uma escrava! Você é minha amante e só! Protegerei sempre você. Terá sempre o meu amor!"

— "Será que você me ama mesmo?"

— "Sim, amo-a. Não está bem assim? É amada e tem tudo que uma escrava nem sonha ter. Não reclame!"

— "Isto é maldade! Poderia ser uma boa esposa!" - queixou-se Lídia.

— "Para as pessoas rirem de mim? Está doida? Sou um senhor! Só caso com brancas e alguém de família importante como a minha! Tive sorte com as minhas duas esposas e lhe aviso que, se ficar viúvo novamente, casar-me-ei com outra branca."

A jovem esposa, logo que soube da amante do marido, reclamou, mas ele desmentiu. Então ela falou com seu pai que advertiu Evandro. Sentindo-se ameaçada, Lídia planejou livrar-se da ameaça.

Inteligente, executou um plano sórdido. Havia um primo da segunda esposa de Evandro que a visitava sempre, eram visitas de amizade. Ela envenenou o amante, levando Evandro a acreditar que a esposa o traía com este homem. Tinha uma cúmplice na casa-grande, era uma jovem escrava, dama de companhia da sinhá, que a ajudou a executar o plano.

Colocou no licor, que era servido sempre às visitas, um extrato de ervas para dormir. Após tomarem o licor, a sinhá e a visita adormeceram, a escrava locomoveu a esposa para perto do primo e os deixou como se estivessem abraçados.

O resto do plano, Lídia mesma executou. Assim que o primo chegou à casa-grande, ela foi atrás de Evandro e disse:

— "Vá, meu senhor! Vá, Evandro, a sua casa! Veja por si mesmo o que se passa na sua ausência!"

Evandro retornou à casa e viu a esposa sentada juntinho ao primo. Acordaram assustados com os gritos dele que expulsou o primo e espancou a esposa. A surra foi grande. Ela caiu e fraturou a perna. Os escravos a acudiram. O pai dela foi chamado.

Evandro queria devolver a esposa, mas o pai desconfiou e acreditou no que disse a filha:

— "Tomamos o licor e adormecemos."

Ele então pediu a um dos empregados que o acompanhava que bebesse do licor, este logo que o tomou adormeceu.

Evandro de imediato desconfiou de Lídia, porém, ficou quieto deixando o sogro investigar. Este chamou os escravos da casa e os ameaçou. A cúmplice de Lídia a delatou. Evandro enfureceu-se e prometeu ao sogro castigá-la. Pediu perdão à esposa e jurou desfazer-se da amante. Evandro era bom, tratava os escravos com bondade e sem castigo. Amava Lídia e não teve coragem nem de surrá-la nem de vendê-la. Agiu de modo violento com a esposa e arrependeu-se, porém pensou que fora traído. Mandou a amante para a senzala, para trabalhar na lavoura com ordem de ninguém encostar nela.

E lá foi Lídia para a senzala. Por sua condição de amante, tinha despertado inveja em muitos escravos e a vida dela não foi fácil. Mas não se entregou, tratou de fazer amigos usando suas ervas, passou a ajudar os companheiros, primeiro para facilitar sua vida, mas, com o passar do tempo, começou a gostar do que fazia.

Evandro cumpriu sua promessa, não a procurou mais. Dedicou-se à jovem esposa que pela surra, pela queda, se tornou manca.

Desencarnaram. Sofreram os dois vagando na erraticidade. Foi um período difícil em que entenderam o quanto erraram. Quando socorridos, encontraram-se e conversaram muito.

— "Lídia" - disse Evandro - "fui muito preconceituoso. Amei-a e, se tivesse casado com você, teríamos evitado todo este sofrimento. Nunca mais deixarei que o preconceito nos separe."

— "Errei também. Não deveria ter feito tanto mal. Vamos reencarnar e teremos que lutar novamente com os nossos defeitos. Talvez você tenha que enfrentar novamente o preconceito para ficar comigo. Mas, se você falhar, eu não falharei. Nada farei de errado para ficar com você. Prefiro vê-

lo longe, do que, tendo-o ao meu lado, voltar a errar. Quero nesta oportunidade, nesta encarnação, reparar meus erros."

A imagem da jovem esposa manca marcou-a profundamente. Quis sentir-se assim. E teve nesta última encarnação a perna deficiente e Evandro infelizmente, novamente, pelo preconceito, não a quis. Entendeu que necessitou de perdão e o teve, perdoou e estava muito feliz.

Lídia compreendeu que voltara triunfante desta sua última encarnação, que fez o que planejara e teve a deficiência que por sua culpa fez outra ter no passado. Alegrou-se, porque a deficiência não foi motivo para não fazer o que deveria. Agradeceu por não ter amolecido diante da dor física e não ter, por isso, se tomado ranzinza, desanimada e desagradável. Porque aquele que vê só a sua dor não vê as dores dos companheiros de jornada, toma-se egoísta e muitas vezes insuportável.

Eu, Antônio Carlos, faço um comentário sobre a história que escutei e que prazerosamente narro a outros como exemplo.

Quando queremos, os obstáculos são vencidos. Lídia teve motivos que poderiam tê-la impedido de fazer o bem. Só que, se não o tivesse realizado, não teria feito bem a si mesma, porque a maior beneficiada foi ela ao fazer o bem. E Lídia trabalhou pelo bem e fez muito. Dores, decepções e deficiência não a impediram de amar, ajudar, crescer interiormente, de ser útil.

Tantas pessoas, infelizmente, dão, às tarefas não realizadas, as mais diversas desculpas e, quando desencarnam, nem elas mesmas as aceitam. E que desilusão! Entendem que perderam uma excelente oportunidade de reparar erros, refazer-se e crescer rumo ao progresso.

Como já disse, dificuldades todos têm. A espiritualidade sabe bem que compete a cada um de nós fazer e como deve ser feito.

Não nos é exigido o impossível. Mas, sim, que realizemos do melhor modo o que nos compete fazer. Vamos supor que a ajuda, o trabalho que temos que fazer, seja distribuir água que recebemos de graça e por graça. Água é vida!

Sem ela não viveríamos encarnados. Muitas vezes, imprudentemente, deixando-se dominar pela vaidade, queremos ter uma caixa d'água, um depósito grande para distribuir com abundância para sermos notados por vaidade, nos vangloriar. E não me refiro só à distribuição dos bens materiais, mas também em relação à mediunidade. Infelizmente este fato

acontece com a colaboração dos espíritos desencarnados. Muitos querem se sobressair na perfeição para serem considerados, reconhecidos e, se não conseguem, é desculpa para não fazer nada. Pessoas assim devem se acautelar com a vaidade. O não fazer por achar pouco não é desculpa, porque o pouco se toma suficiente diante da vontade, do amor, do fazer com carinho.

Muitos médiuns infelizmente só querem psicografar se o texto sair com perfeição e logo na primeira vez receber elogios pelo seu trabalho. Acontece isto também na psicofonia, na pintura e nos trabalhos de cura. Esquecendo que tudo para ser bem feito tem que ter o aprendizado, o treino, o trabalho com desinteresse e muitas vezes este trabalho só dará frutos após anos de persistência. Nada de bom surge sem o trabalho perseverante!

Recebemos sempre aquilo de que necessitamos. O importante é usar bem e com equilíbrio. Não se deve querer ter o excesso para ficar guardado. Se tivermos um copo d'água para doar, façamo-lo com alegria e amor. Na maioria das vezes, quem nos pede só quer uma xícara. E, se exigirem de nós um balde d'água que não temos, tenhamos a humildade de dizer: "Não sei, não faço, não consigo". E que isto não seja motivo para parar com a distribuição do copo que temos. Porque, se temos o copo d'água, por mais que a doemos, sempre a teremos. Se guardarmos esta água sem doar, ela estraga não servindo para mais nada, nem para outros e nem para nós. E ainda, como na Parábola dos Talentos, ⁽³⁾ pode nos ser tirada. Se não distribuirmos, não teremos. Devemos doar o que temos, fazer o que somos capazes. E tornamo-nos muito mais capazes quando fazemos com amor e boa vontade, qualquer obra por pequena que seja.

⁽³⁾ N.E. - Mateus XXV: 14-30 e O Evangelho Segundo o Espiritismo XVI:6.

É nosso dever aperfeiçoar nossos talentos, tornar a água que temos para doar, limpa e agradável. Utilizar os talentos que nos foram dados com equilíbrio, sem os menosprezar, sem exigir glórias. Se recebemos um talento, que possamos fazer como Lídia: entrar na espiritualidade, após a desencarnação, com o talento recebido multiplicado.

Lídia acompanhou a reencarnação de Evandro junto aos amigos. Prometeu esperá-lo e o fez. Amava-o.

XI - Reencarnações

Como vimos, Verônica veio depois a ser nossa peralta Amélia e José Venâncio, o garoto levado e esperto, o Mauro. Mas, será que os dois estiveram juntos outras vezes? Teriam se encontrado em outras encarnações? Fabiano, curioso, pesquisou e veio a saber.

Amélia e Mauro, com outros nomes, viveram juntos no século XVIII. Seus pais eram saltimbancos, iam de cidade em cidade dando espetáculos em feiras, no subúrbio e nas pequenas vilas. Cresceram juntos, gostavam de correr pelos campos, brincavam e brigavam muito. Moravam em carroças e aprenderam, crianças ainda, a representar. Amélia dançava, cantava e representava e Mauro era o palhaço. Adolescentes, começaram a namorar e o amor nasceu. Todos do acampamento sabiam, só que pensavam ser namoro de crianças.

O grupo passou por dificuldades financeiras. Sempre passava, pois era pobre, mas daquela vez a dificuldade era mais séria. Até os alimentos estavam escassos.

Amélia estava com dezesseis anos, era bonita, graciosa, só que não tinha talento. Mauro era talentoso, fazia a plateia, sempre pouca, rir às gargalhadas.

Foi quando um senhor rico, ao ver Amélia, a quis. Era um homem velho que se interessou por ela, conversou com o pai dela e fez uma oferta para tê-la.

— "Deixe a menina comigo. Ela será minha amante. Dar-lhe-ei tudo de bom, irá morar numa casa confortável, terá empregados e roupas boas. Darei por ela uma boa soma em dinheiro!"

O homem ofereceu, de fato, uma grande quantia, que resolveria todos os problemas do grupo: poderiam adquirir novos cavalos, carroças, roupas e alimentos. O pai ficou de pensar e dar a resposta.

O pessoal do acampamento ficou sabendo e as opiniões ficaram divididas. Uns acharam que Amélia devia se sacrificar, pois seria por pouco tempo, logo o velho enjoaria dela e então poderia voltar ao acampamento. Outros achavam que era uma indecência e que a menina não deveria ser vendida. Mas, a fome fala mais alto e o pai estava propenso a aceitar.

Amélia e Mauro se desesperaram. Ele não queria a amada com outro e nem ela queria morar com o velho. Nada de material lhe interessava e aquele senhor a repugnava. Decidiram fugir. Combinaram tudo. De madrugada, levando poucas coisas, pegaram um cavalo, saíram silenciosamente e partiram.

Foi uma fuga difícil, não tinham dinheiro nem alimentos. O cavalo era velho e não aguentava com os dois, ora ia um montado, ora outro, ou os dois puxando o cavalo. Alimentavam-se com o que achavam e com o que lhes davam. Mas, fugiram e isto era o que lhes importava.

Tiveram que abandonar o cavalo em meio à fuga, continuaram andando, dormindo nos campos, até que resolveram parar numa cidade. Arrumaram, após muita procura, emprego numa taberna, ela como ajudante na cozinha e ele como serviçal e palhaço. Ganhavam pouco e as dificuldades eram muitas.

A vida deles foi difícil. Mauro, briguento, não parava em empregos. Vieram os filhos, três, e cada vez mais aumentavam as dificuldades, vieram às brigas e os arrependimentos.

Amélia acusava-o da pobreza e ele passou a sair com outras mulheres. Ela falava com raiva:

— "Não deveria ter fugido com você. Nunca mais farei isto!"

Souberam que o acampamento de seus pais estava perto de onde estavam, Amélia com os filhos pequenos foi para lá. Foi recebida com carinho pelos pais que se arrependeram por querer vendê-la.

Amélia separou-se de Mauro, ficou vivendo no acampamento, criou os filhos, sempre na pobreza. Mais tarde, casou-se e teve mais dois filhos. Viu Mauro poucas vezes. Este, aventureiro, ficou a andar de um lado a outro, de aventura em aventura sem se importar com ela e com os filhos.

A reencarnação é uma grande oportunidade que nos é dada para progredirmos. Sempre temos muito que aprender, e devemos nesta, agora, nos instruir ao máximo, não cometer erros e plantar a boa semente, porque a colheita é obrigatória e no futuro a abundância ou a escassez dependerão do que estamos fazendo no presente.

Nesta história, vimos pessoas que estiveram juntas em muitas encarnações. Enquanto não acertarmos os ponteiros, não nos reconciliarmos, teremos quase sempre de voltar juntos.

Amélia e Mauro como saltimbancos não conseguiram ser felizes, não enfrentaram os problemas que surgiram. Amélia, como Verônica, teve medo de fugir com José Venâncio, talvez porque instintivamente não confiava nele, temia a pobreza que a fez sofrer muito anteriormente. Porém, cada experiência que temos é diferente. Ela agiu errado sendo infiel ao esposo. São erros cometidos e as consequências são as dores. E para erros não se tem justificativa. Erra-se e sofre-se até que a compreensão maior nos ensine a anular erros com o verdadeiro amor e com o trabalho edificante no bem. E, por graças, outras oportunidades nos surgem.

Não pense o leitor que sempre estamos juntos com afetos e desafetos. Temos, sim, que acertar desentendimentos, nos reconciliar com nossos desafetos, e expandir sempre os nossos afetos. Temos que aprender a amar a humanidade toda. Um conceito sábio é não fazer desafetos e reconciliar sempre se quisermos ser felizes e viver em paz.

Não devemos querer saber do passado só por saber. Devemos amar a todos que nos rodeiam, aqueles que caminham conosco, sem indagar se já vivemos juntos ou não. Se estamos caminhando juntos, talvez seja para nos reconciliarmos, apertar laços de carinho ou ampliar afetos.

O passado passou e não conseguiremos modificá-lo. Devemos nos preocupar com o presente. Viver bem, para o bem agora e já!

Para que voltar ao passado se temos que caminhar para o futuro?

Do passado só devemos aproveitar as experiências como aprendizado.

Só deve procurar recordar o passado quem tem preparo, senão, serão mais lembranças a incomodar. Porque a recordação de erros podem perturbar e atrapalhar o presente. O certo é se equilibrar agora no bem e as boas consequências virão no futuro.

"Não é nossa intenção contestar quem quer que seja.⁽⁴⁾ Queremos apenas argumentar um pouco sobre a reencarnação. Bem como, com que atitudes devemos encarar os desafios que nos surgem pela frente. No nosso dia a dia, temos aprendido numa escola religiosa que a Terra é um vale de lágrimas, portanto temos que abaixar a fronte e sofrer resignadamente e sem entender as dores e sofrimentos que porventura nos atingem.

Numa outra, nos ensinam que nosso planeta só é de provas e se esquecem que também é uma escola onde temos a oportunidade de aprender, crescer para o progresso. Os sofrimentos, as dores, são, em parte, resultados dos nossos erros do passado, como também da vivência atual e lições que temos que aprender para evoluir. Não há aqui nenhuma crítica ou desabono a qualquer ensino. Cada adepto tem a escola que precisa. Cada escola dá aos seus discípulos o alimento mental que conseguem absorver.

Como podemos ver, ser crente ou seguidor de algumas seitas, às vezes, implica termos tendência a ser mártires. Talvez, por não ter vocação para mártir, é que olho a vida de uma forma mais construtiva, mais otimista. Nas parábolas d'O Mestre Nazareno, não consigo ver a pregação do sofrimento. Pelo contrário, só consigo ver o estímulo a um bem viver. Vejam bem, problemas e não sofrimentos punitivos. Para mim, a vida é uma apoteose do Eterno a manifestar-se no ser humano. Este que nasceu o menor possível para tornar-se o maior possível.

(4) NAE.- Texto escrito baseado numa palestra ouvida, do meu amigo José Carlos Braghini.

O Deus com o qual vivo e que adoro, em tempo algum teve ou tem a intenção de punir as criaturas, que na verdade fazem parte Dele mesmo. Para que haja sofrimento, é necessário que se perca algo ou alguma coisa, seja em nossa própria pessoa ou em algo a que estamos apegados, seja com algum ser amado, ou no desejo de ganhar, ou atingir, alcançar um objetivo, espiritual ou físico. Vemos, então, que só sofre quem perde, só perde quem possui. Se não possuímos nada ou se não estivermos apegados a nada, não há sofrimentos.

Quero esclarecer que desapego não é sinônimo de desamor. Podemos ser desapegados e amar profundamente. Aqui implica compreender com relativa profundidade a unidade do universo. Temos visto que o sofrimento atinge boa parte dos homens encarnados ou desencarnados. Portanto, estar ou não na carne não é causa do sofrimento. Vamos então olhar com mais profundidade aquilo que somos. Nosso corpo, como o corpo de qualquer animal, tem funções e necessidades. Um fato incontestável, não? A diferença está na capacidade do raciocínio. Pensamento este que se baseia na memória, ou melhor, no arquivo de tudo que a humanidade viveu nestes milênios mais o que vivemos atualmente.

Procurando entender nossa memória, vimos que é um arquivo que se enriquece com a constante aquisição de novas experiências do nosso cotidiano. As dificuldades que enfrentamos não são só punições ou pagamentos de dívidas. São desafios a serem vencidos, problemas resolvidos, conhecimentos adquiridos, liberdade conquistada. Somos livres de tudo o que sabemos e escravos do que desconhecemos. Se não enfrentarmos e solucionarmos constantemente nossos problemas e dificuldades, seremos como o aluno repetente que se reapresenta na escola por não ter aprendido a lição. Repete o ano voltando a estudar o que deveria ter estudado, até conseguir compreender o problema que lhe foi apresentado.

Por favor, por caridade, vejam comigo a beleza que a vida nos dá em todos os segundos, a glória de navegar com ela pelo infinito. A maioria de nós navega na contramão, pois, pelo apego, pelo egoísmo, vive para si mesma, se isola do movimento, estaciona à margem da vida, que inclui não só os homens, mas também todas as manifestações de Deus.

Disse O Mestre Nazareno que se o reino dos céus estivesse no alto, as aves nos haviam precedido. Se nos mares, os peixes haviam chegado primeiro. Mas que o reino dos céus não estava aqui nem acolá, mas dentro de cada um de nós.

Vejam meus irmãos, não há nem tempo, nem lugar, mas sim um estado, uma maneira de viver que pode nos eleger ou colocar num bem viver, independente de estarmos no corpo físico ou fora dele.

Em outra parábola de Jesus, vemos também que os problemas e os desafios existirão sempre. E, como já dissemos antes, eles são necessários para que não adormeçamos. Disse Jesus: Vinde a mim, todos que andais aflitos e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo. e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve. Jugo suave e peso leve são as dificuldades da vida cotidiana.

Para os egoístas são sofrimentos e dores pungentes, pois vivem em constantes perdas ou medo de perder, com o angustiante conflito de se querer o que não está em suas mãos.

Aqueles que olham com mais profundidade o movimento da natureza percebem que é no atrito de interesses que vamos desenvolvendo nossa capacidade criativa. Para o cidadão integrado a vida é um todo, apesar da

diversidade aparente. E desta forma ele usufrui, mas não possui nada do mundo físico. Vive o fato de que até seu corpo físico à natureza pertence. Portanto, não se apossa de nada, mas administra da melhor forma possível o que a vida coloca em suas mãos, para que possa participar de tudo com ela na sua plenitude. Assim, dificuldades são prêmios Daquele que muito nos ama, pois nos quer atuando juntos uns dos outros.

A vida é composta de forças que se opõem e se compõem. É no atrito que o desafio se apresenta. No homem, o atrito existe nas funções e necessidades do corpo, junto com as funções e necessidades do espírito. É necessário que os dois se completem. O espírito se materializa, assim como o corpo se espiritualiza, para que haja o homem completo, o cidadão cósmico total.

Não vejo, não sinto a nossa humanidade como condenada a derramar lágrimas e a se vergar pela pressão do sofrimento. Enquanto estivermos apegados aos nossos sentidos, aos nossos condicionamentos de procurar incessantemente preenchimentos, satisfações e prazeres, a vida estará sempre a nos boicotar, a nos dizer pela negação daquilo que buscamos, que ela não é só isto.

Já em tempos idos, O Mestre Nazareno disse: Nem só de pão vive o homem.

A maioria de nós vive mediocrementemente, passamos quarenta, cinquenta ou sessenta anos a fazer as mesmas coisas, a só agir na superfície da vida. Não importa estar encarnado ou desencarnado, a vida é um movimento contínuo. E preciso que participemos dela, e que compreendamos que Deus é Onipresente em tudo e em todos. Exijamos de nós mais do que Ele nos deu. E necessário que atualizemos o potencial que nos deu. de participar com Ele, de exercitar nossa criatividade. É necessário que transcendamos desta vida tão medíocre de comer, beber, procurar satisfação e depois sofrer as consequências desses atos. É aqui na Terra, durante a reencarnação, que encontramos o atrito mais pungente, porque por milênios o homem tem vivido em função da satisfação dos sentidos. Deus quer que atualizemos incessantemente a capacidade de nos tornar um só, um único todo, sem entretanto perder nossa individualidade."

XII - Novos Amigos

Fabiano após recordar os acontecimentos de suas vidas passadas procurou esquecer e viver o presente. Os três amigos passaram a ir às reuniões na casa do Sr. Mário. Gostavam muito.

Um dia, Fabiano ao chegar escutou seu nome ser pronunciado. Parou, quieto. Era Amélia com sua amiga Magda conversando. Estavam sentadas num banco em frente à casa do Sr. Mário. Atrás, onde Fabiano parou, tinha uma trepadeira que impedia as meninas de o verem.

— Diga, Amélia, quem você namora, Mauro ou Fabiano?

— Não namoro ninguém - respondeu Amélia - sou muito nova para isso.

— Não me esconda, diga de quem você gosta! - insistiu Magda.

— Dos dois. Gosto de Fabiano, ele é frágil, sinto que necessito protegê-lo. Mauro é briguento, gosta de me irritar, mas... acho que gosto muito dele.

Com a aproximação de outros companheiros, Fabiano saiu de onde estava e todos entraram para mais uma aula de evangelização espírita.

— Quero apresentar dois novos companheiros - disse o Sr. Mário. - Esta é a Carina e este Leonardo, vieram de São Paulo. Estão hospedados na casa de D. Rosa, nossa companheira de Doutrina Espírita.

Após os cumprimentos a aula teve início. O Sr. Mário começou a falar e Leonardo sentiu-se mal. Ficou aflito, suando e a garotada estranhou. O Sr. Mário calmamente lhe deu um passe e com palavras de incentivo tentou acalmá-lo.

— Será que algum espírito se aproximou dele? - indagou Magda.

— Não creio - respondeu Mauro - não vi nenhum perto dele.

Leonardo melhorou. Sua irmã mais nova olhava-o preocupada.

— Você melhorou, Leonardo? - perguntou o Sr. Mário.

— Sim, estou melhorando, obrigado.

Todos olhavam para ele, que tentou sorrir e falou:

— Sr. Mário, posso explicar? Queria contar a eles o que me acontece.

— Se quiser...

— É que eu sou drogado... - disse Leonardo, um tanto envergonhado.

— E o quê? - indagou Amélia, espantada. - Droga de quê?

— Vou me explicar melhor. Sou viciado! - falou, abaixando a cabeça.

Todos ficaram em completo silêncio. Sr. Mário interferiu para esclarecer a turma. Ali era um local pequeno e naquela época, anos atrás, ainda não tinha se expandido como agora esta droga que realmente não passa de droga como entenderam os meninos.

— Vício é tudo aquilo de que somos dependentes, estamos presos e não se consegue largar fácil. Infelizmente, todos os vícios são prejudiciais, ou espiritualmente ou para o nosso físico.

Mentir é um vício que nos prejudica espiritualmente, fumar danifica nosso corpo. Tóxico, drogas, como Leonardo disse, são substâncias que se usadas viciam e a dependência que provocam é muito ruim. Leonardo veio para cá para tentar se libertar e espero que nosso grupo o ajude. Ele sentiu-se mal pela falta destas substâncias.

— Como você foi se viciar em algo que faz tão mal? -indagou Magda.

— Bem - respondeu Leonardo, um tanto envergonhado - não sabia direito das consequências, não acreditei que poderia ser assim. Tenho dezesseis anos, há três anos, estudava e trabalhava ajudando meus pais que são feirantes. A vida deles não é fácil, trabalham muito, levantam de madrugada e o trabalho é pesado. Depois das dez horas da manhã, eu ficava na banca para eles descansarem. Estudava numa escola pública e meus pais pagavam uma escola particular onde aprendia inglês. Foi então que quis ter amizade com um grupo que estudava nesta escola de inglês. Admirava estes meninos só que eles me achavam careta e, para mostrar a eles que não era, passei a fumar como eles. Só que eles não só fumavam cigarros comuns, mas de maconha. Este cigarro vicia muito e custa caro. Quando percebi, não conseguia mais ficar sem fumar e para ter dinheiro para comprar a droga saí da escola de inglês e usava o dinheiro das mensalidades para adquiri-la e meus pais continuaram pensando que eu estudava. O grupo me aceitou e passei, contente, a fazer parte do bando. Mas as sensações da maconha já não nos satisfiziam e passamos a usar outra droga, mais perigosa, a cocaína. E cada vez a usava mais, necessitando sempre mais de dinheiro. Passei então a pegar dinheiro da banca dos meus pais e sempre mais. Quando meus pais perceberam estavam quase arruinados e se desesperaram. Descobriram tudo e sofreram muito. Eu também sofri e sofro. Agora tenho a consciência do quanto que os fiz sofrer. Tinham pouco financeiramente e este pouco foi construído com muito trabalho e eu, imprudentemente, quase os fiz

perderem tudo. Envergonho-me muito disto. Levaram-me a um médico e estou fazendo um tratamento para me desintoxicar, mas com os amigos perto não aguentava e voltava ao vício. Então, minha tia Rosa se ofereceu para receber-nos aqui em sua casa. Longe deles, e como aqui não convivo com as drogas, irei me desintoxicar e libertar deste vício ruim.

Leonardo abaixou a cabeça. Só que ele não contou tudo. De fato, se viciou assim, queria ser aceito na turma e para isto teve que fazer o que eles faziam. Deveria ter procurado naquela época outros amigos. Nem todos que experimentam drogas ficam assim tão dependentes, mas quase sempre terminam presos a elas e acabam até piores do que Leonardo. Viciados quase sempre perdem o senso de responsabilidade e fazem muitos atos errados.

Leonardo, primeiro saiu da escola de inglês, paga com sacrifício dos pais e usou o dinheiro das mensalidades para comprar drogas. Depois, como o dinheiro não dava, roubou-o. Os amigos ofereciam dinheiro a ele só que com a condição de que trouxesse a irmã para o bando, eles a queriam para o sexo. E Leonardo começou a dar drogas à irmã. Fazia grande propaganda da turma e convidava-a para sair com eles e também falava com entusiasmo da ilusão dos efeitos das drogas. Ela acabou por experimentá-las. Foi então que os pais deles descobriram tudo e evitaram a tragédia maior. Carina não chegou a se viciar. Mas, temia a turma que passou a assediá-la. Aceitando a oferta de D. Rosa, que era irmã da mãe deles, vieram então para o interior, para aquela pequena cidade que ainda não conhecia este tipo de vício, o tóxico.

São muitos como Leonardo que se tornam viciados por motivos fúteis: amigos, namoros, para não parecer boboca, careta, etc.

Outros, para fugir de problemas. Dos problemas não se foge, é preciso resolvê-los. E, se no momento estes parecem não ter soluções, deixe o tempo passar e os problemas passarão com ele, que é encarregado de resolvê-los. É melhor, quando em dificuldades, procurar apoio em grupos sérios, religiosos, qualquer religião, em Deus, nosso Pai-Maior e ter esperanças. O tóxico dá ilusão falsa e tudo que é falso é irreal, mentiroso e prejudicial. E são elas, as drogas, que dão problemas sérios e muitos sofrimentos. E as consequências de quem se vicia são só dele e não se tem desculpas. Ainda mais atualmente que se sabe muito sobre o tóxico. Usa quem quer e os reflexos são só do usuário. E estes reflexos, estas

consequências, são bastante desagradáveis. Não se deve experimentar. Mas, se já se está viciado, lute para abandonar as drogas, procure ajuda, esforce-se para se tornar livre novamente.

Mauro, quando Leonardo acabou de falar, perguntou:

— Leonardo, você me parece inteligente. Que vantagem há nas drogas para você tê-las tomado tanto? São gostosas? Dão prazer?

— Mauro! - exclamou Amélia indignada. - Isto é lá pergunta?

— Só estou curioso...

— Seja sincero, Leonardo - falou o Sr. Mário - e nos responda. Que sentia ao tomá-las?

— Elas me davam coragem para fazer coisas que normalmente não faria - respondeu o garoto.

— Como fazer coisas erradas e roubar de seus pais - disse Mauro.

— Mauro, cale a boca! - gritou Amélia.

Mauro ia responder, mas, diante do olhar de reprovação do Sr. Mário, os dois se calaram. E Leonardo voltou a falar:

— As drogas me davam algumas vezes uma sensação de liberdade, de voar, sentia como se não tivesse nenhum problema. Na maioria das vezes tinha sensações gostosas. Outras vezes, ao tomá-las sentia que era perseguido por monstros horrorosos. O fato é que sempre queria mais. Quando passava o efeito, desejava tê-lo de novo.

— Você não podia sentir tudo isto que nos disse sem tomar estas porcarias? - quis saber Fabiano. - Eu me sinto livre quando estou correndo, sinto como se voasse, delicio-me com o vento batendo no meu rosto. Acho que todos nós temos timidez, mas devemos ter coragem, enfrentar e fazer o que tem que ser feito. Mas, penso que devemos é ter muita coragem para não fazer o que é errado. E nunca deixar que incentivos nos levem a fazer atos indignos.

— Agora, começo a entender que não precisava delas -disse Leonardo, sincero. - Mas ainda sinto falta dos tóxicos. E estes momentos de crise são terríveis. Às vezes penso que só não as consumo por não as ter à mão.

— Por hoje, chega - disse Sr. Mário. - Voltemos ao nosso estudo.

Quando a aula terminou, lá foram os três amigos juntos, a caminho de casa. Mauro comentou:

— Carina é bonita!

— Ora, nem tanto - respondeu Amélia. - Mas, fale para nós como é para você uma mulher linda.

Mauro, todo galante, falou como era para ele uma garota linda, descreveu Amélia, ela ficou toda contente e quis saber o que Fabiano pensava.

— E você, Fabiano, acha Carina bonita? Como seria uma mulher bela para você?

Fabiano olhou para Amélia, viu que ela levava quase escondida a flor que Mauro lhe havia dado. Pensou:

"Não quero que Amélia fique indecisa entre Mauro e eu. Sou só amigo dela e quero tê-los sempre como amigos."

Amélia fora sua mãe no passado e o sentimento materno é sempre forte. Talvez ela sentisse no íntimo que não fora boa mãe naquela encarnação e agora nesta quisesse protegê-lo e poderia ficar confusa com seus sentimentos. Isto ele não queria, resolveu, então, acabar com todas as possibilidades de namoro entre eles. Que Mauro e Amélia resolvessem lá se ficariam juntos ou não.

Calmamente, respondeu:

— Acho Carina bonita. Mas para mim menina linda deve ter cabelos castanhos como os olhos, lábios pequenos, ser meiga e bondosa. Como também ser gordinha, magra não serve para mim.

— Que mau gosto! - exclamou Amélia levantando a mão e deixando bem à vista a flor que ganhara de Mauro.

— Não acho! - falou Mauro. - Cada um tem um gosto.

Fabiano percebeu então que havia descrito como ele se recordava de Lídia, seu amor no passado. A descrição feita por ele era completamente diferente do que Amélia era. Ele ficou contente com o desapontamento da menina, era isso que queria, afastar qualquer ideia de namoro entre os dois da cabeça dela. E agiria assim dali para frente. Demonstrando que era amigo, só um grande amigo.

Dias depois, os três encontraram Leonardo e Carina perto da escola, pararam para conversar, de repente Leonardo sentiu-se mal. Mauro ficou ressabiado, afastou-se uns metros e ficou olhando.

— Que vamos fazer? - indagou Fabiano a Amélia.

— Não sei - respondeu a menina. - Venha cá. Mauro, ajude-nos!

— Hum!... - respondeu o garoto. - E melhor não interferirmos.

— Que é isto?! Venha cá e já! - falou Amélia, autoritária.

— Você não me manda...

— Não briguem! - ordenou Fabiano. - Vamos orar pedindo ajuda a Jesus.

Mauro se aproximou um tanto desconfiado. Rodearam Leonardo e oraram por ele que melhorou e agradeceu. Os três se afastaram e Amélia indagou a Mauro.

— Por que você agiu daquele jeito?

— É porque vi perto dele uns desencarnados estranhos, bem feios.

— Você ficou com medo - riu Amélia.

— Ora, que medo que nada, só os achei estranhos, nunca vi nada parecido.

Na reunião seguinte Amélia contou o acontecido ao Sr. Mário e finalizou:

— Mauro, este metido a valentão, para demonstrar que não tem medo, ontem na biblioteca, não agiu corretamente. Fomos pesquisar e, ao entrar na sala, vimos um espírito. Bem, eu vi foi um vulto, mas ele viu nitidamente. O espírito estava lá quieto num canto e Mauro veio devagarinho como se não o visse e rapt... tentou puxar seu cavanhaque. Só que puxou o vento. O espírito olhou-o bravo e falou indignado:

“Que garoto mal educado!” E foi embora e Mauro riu às gargalhadas.

— Fiz isto para mostrar a você que não sou medroso! -falou Mauro.

— Meninos! - interferiu Sr. Mário esclarecendo-os. - Não se deve ter medo de desencarnados, tenham o aspecto que tiverem. Mas, devemos respeitá-los! Você, Mauro, não faria isto com um encarnado, é muita falta de educação brincadeiras deste tipo. Se não agiria assim com um encarnado desconhecido, por que agir com um desencarnado? Por que não ser educado com todos? Deveria ter agido normalmente com o espírito que estava na biblioteca. E muitas vezes agimos com bom senso fingindo que não os vemos. Você, Mauro, tem muita vidência e deverá educar-se conosco para usá-la só para o bem.

— Está bem - concordou o garoto. - Agora, entendo e não farei mais estas brincadeiras com quem não conheço. Mas, e aqueles horrorosos que vi? Quem são eles? Que é aquilo?

— Você deve ter visto desencarnados viciados em tóxicos que vieram para perto de Leonardo na tentativa de fazê-lo consumir as drogas e eles usufruírem junto os efeitos. Os vícios degeneram, deformam muito nosso corpo perispiritual.

— Eram feios para caramba - falou Mauro. - Sem querer faltar com o respeito, eram horríveis, mas, como podem desencarnados continuar viciados?

Sr. Mário respondeu e todos os garotos interessados prestaram muita atenção.

— Somos prisioneiros dos nossos vícios, erros, paixões e ódios e só nos tornamos livres quando os vencemos. Lembro-os de Pedro, o espírito das ruínas, ele era prisioneiro da vontade de ter o talismã. Pessoas que amam muito coisas materiais se tornam escravos delas. E só a desencarnação não as liberta. Com a desencarnação somos libertos do corpo físico e não dos nossos sentimentos e vontades. Pessoas viciadas em tóxicos ao desencarnarem quase sempre continuarão na ilusão da droga e querem normalmente continuar desfrutando de seus efeitos. Ficam perto de encarnados que as tomam, sugando os fluidos destes. Isto é muito triste!

— Se Leonardo desencarnasse por uma overdose ou preso a este vício iria ficar com aqueles que vi? - perguntou Mauro curioso.

— Acredito que sim! - respondeu Sr. Mário.

— Leonardo, você se livrou de uma boa! Fica esperto, rapaz! Deixe disto enquanto e tempo! - exclamou Mauro.

— Mauro está certo, Leonardo - disse o orientador do grupo. - Esforce-se e se liberte! Sabemos de muitos crimes que se cometem por causa das drogas e de tantos que se matam, desencarnam antes do planejado. Se as consequências deste vício infelicitam muito os encarnados, são bem piores para os desencarnados. E mais difícil largar o vício não tendo mais o corpo físico. E os imprudentes que se viciam sofrem muito.

— Quando Leonardo sente-se mal é porque estes desencarnados estão perto dele? - indagou Carina, timidamente.

— Não é só por isto - respondeu o instrutor. - Atraímos para perto de nós espíritos afins. Leonardo ao se viciar fez amigos viciados, tanto encarnados como desencarnados. Semelhantes se atraem. Estes desencarnados estavam acostumados a se drogarem junto com ele. Sentem falta do companheiro e vieram visitá-lo. Como vocês oraram pedindo ajuda eles foram afastados. E, se Leonardo não quiser realmente se drogar mais, estes desencarnados não virão mais para perto dele, procurarão outro ou outros que se drogam. Leonardo não os querendo, se afinará com outros, fará novos amigos que o ajudarão. Ao usufruir dos tóxicos, tornou-se

dependente prejudicando muito o corpo físico. Leonardo sente-se mal por abster-se das drogas. Mas isto passará logo.

— E estes desencarnados, o que acontecerá com eles? -perguntou Fabiano, penalizado.

— Sempre somos ajudados quando queremos. Eles também serão quando pedirem auxílio. Há no plano espiritual muitos lugares que ajudam estes desencarnados.

— Se estas drogas são caras, alguém deve ganhar dinheiro com elas - falou Mauro.

— Você concluiu certo, são muitas as pessoas que enriquecem com elas.

— Aposto que não se viciam e riem dos bobos que o fazem - falou Mauro, rindo.

— Mauro, olha o respeito! - Amélia advertiu-o.

— Ora, não quero ofender ninguém. Mas como você quer que os chame? De inteligentes? Se destroem a si mesmos por ilusões falsas e enriquecem uns desonestos!

— Bem - disse o Sr. Mário - vocês todos devem tirar lição deste acontecimento. Devemos nos amar, querer nossa saúde e felicidade ficando longe de tudo que nos prejudica e nos infelicita. Longe dos tóxicos! Busquemos nossa felicidade no que é verdadeiro! E, como Mauro disse, sejamos espertos!

— E também corajosos! - falou Mauro.

— Coragem por que, valentão? Tudo para você é coragem - falou Amélia. Todos riram e Mauro ficou sem graça. Novamente o Sr. Mário intercedeu.

— Mauro não disse nenhuma bobagem! Devemos ser corajosos ao dizer "Não! Não quero, obrigado. Não uso drogas. Não faço isto! Posso ser careta, mas não quero!" E muitas pessoas se arrependem profundamente por ter se acovardado. É corajosa, sim, a pessoa, o jovem que diz "não" ao tóxico.

Leonardo e Carina ficaram com a tia um ano e meio. Durante este tempo frequentaram o grupo de estudo espírita. Leonardo se libertou do vício e tornou-se responsável. Quando voltaram para casa dos pais agiram diferente. Os dois mantiveram correspondência com o grupo. Contaram que passaram a frequentar um centro espírita, voltaram a estudar e a trabalhar, ajudando os pais.

Quando queremos, nos livramos de qualquer vício. Só que muitas vezes necessitamos de ajuda como Leonardo teve. Não se acanhe, você que precisa, de pedir auxílio. E, a você que corajosamente disse não ao vício, parabéns, é uma pessoa que se livrou de muitos acontecimentos desagradáveis e sofrimentos desnecessários.

XIII - Grupo de Estudos

Fabiano, Mauro e Amélia resolveram ser espíritas e passaram a ser assíduos nos estudos. Os pais dos garotos concordaram. Os de Fabiano se alegraram pela boa melhora que ele teve. A religião espírita, diziam, fez sua saúde melhorar, passou a dormir bem e a viver mais tranquilo. Os pais de Mauro também acharam bom, pois a religião o estava melhorando, ficou menos levado e briguento. Porém, os pais de Amélia não aceitaram muito, tentaram impedir a filha de ir, mas a garota, determinada, sempre dava um jeito e ia.

O Sr. Mário era um bom espírita. Tinha como meta sua reforma íntima. Reconhece-se o verdadeiro espírita por sua transformação moral e pelos esforços que faz para domar suas más inclinações.

Tinha por estes dizeres de Allan Kardec profunda admiração e procurava com todo seu esforço conduzir sua vida no bem e no aprendizado. Não fora fácil assumir a crença espírita, tempos atrás, numa pequena cidade, sofrera preconceito, e também seus filhos pequenos foram discriminados. Ele seguiu firme e procurou através do seu exemplo ser respeitado e fazer as pessoas respeitarem o Espiritismo. Sempre ajudou a todos que o procuravam, tentando fazer o melhor possível para orientá-los. Trabalhava consertando sapatos e na horta no quintal de sua casa, para seu sustento e o de sua família. Trabalhava muito com honestidade e sempre teve tempo para o trabalho espiritual.

Achava, e estava certíssimo, que era pela sua vida honrada e simples a melhor maneira de mostrar aos habitantes do lugar que o Espiritismo era bom. E pelos frutos que a árvore é tachada de boa ou má. Foi pelas boas obras que ele fez a Doutrina Espírita, naquela cidade, ser vista como boa. Isto deveria ser regra para todos os dirigentes espíritas: serem simples, honestos, terem boa moral, serem estudiosos para que outras pessoas possam tê-los como exemplos.

Todos nós temos a obrigação de ser bons, honestos e leais. Muito é cobrado dos que se destacam como líderes religiosos. Talvez porque se dispendo a fazer algo mais têm que ser melhores. Realmente seria muito bom que fossem. A Doutrina Espírita nos dá muitos ensinamentos que nos levam a uma compreensão maior. E todos os espíritas deveriam se

empenhar para melhorar intimamente. E aos dirigentes cabe a tarefa de exemplificar. Tendo boa moral ele se impõe diante dos encarnados e muito mais aos desencarnados. E pelo exemplo que arrastamos os outros.

Naquele dia, a aula foi muito importante e interessante. Foi uma reunião em que os garotos puderam fazer as perguntas que queriam.

Magda indagou:

— Eu, sendo espírita, terei todos os meus problemas resolvidos? Não terei mais dificuldades?

— A Doutrina Espírita - respondeu Sr. Mário - não resolve problemas. Mas nos dá entendimentos para melhor resolvê-los e enfrentá-los. Porém, se formos espíritas conscientes, entenderemos que temos que evoluir, nos modificarmos para melhor, fazer o bem e nos instruir nas Verdades Eternas. Agindo assim, conquistaremos amigos. Amigos que nos fortificam no carinho e nos ensinamentos de Jesus. E tendo amigos, encarnados ou desencarnados, eles nos ajudam, nos sustentam nas dificuldades que venhamos a passar. Religião nenhuma nos isenta de problema. Mas, para os que compreendem as dificuldades, elas se tornam mais solucionáveis e os sofrimentos mais leves.

— Eu sou fã do tal Allan Kardec e de todos que o ajudaram no trabalho que fez! - exclamou Mauro em voz alta. - Será que não posso pedir a ele que venha a ser meu protetor? Meu guia?

Todos riram. Amélia o advertiu.

— Mauro, não seja pretensioso! Quem é você para querer que Allan Kardec seja seu guia?

— Ora, sou Mauro e quero fazer o bem com a vidência que tenho.

— Isto é bom, Mauro - disse o Sr. Mário. - Querer é poder, a boa vontade e a disposição são importantes a todos que almejam fazer o bem. Acredito que você fará o que deseja! Porém, Allan Kardec, esteja ele encarnado ou desencarnado, estará sem dúvida continuando sua caminhada, se instruindo e ensinando a muitos.

— E ele deve estar muito ocupado! Certamente não dispõe de tempo para ser um guia de um garoto valentão - disse Marília, outra garota do grupo.

— Parece que entendi - falou Mauro. - Este senhor, o Kardec, é muito importante para ser um guia de alguém. Instruído como é, deve ser orientador de muitos.

— Ora, é fácil de entender - falou Fabiano. - Cada um tem o seu trabalho a fazer. A um professor universitário não caberá fazer um trabalho braçal, como carpir uma roça. Acho que Allan Kardec é como um professor universitário, é um mestre porque se esforçou para sê-lo, estudou muito nas suas encarnações e agora certamente deverá estar fazendo um trabalho de acordo com sua capacidade.

— É mais ou menos isto - exclamou o Sr. Mário. - Allan Kardec é um espírito que muito estudou e deve estar continuando a fazê-lo, porque sempre temos o que aprender. Ele deve ser um exemplo para todos nós, se o Codificador fez, também podemos fazer. Mas não é só ele que devemos ter como exemplo. São muitos os orientadores encarnados e desencarnados que pelos seus esforços conseguiram caminhar mais rápido que a maioria. Somente por motivos particulares ou excepcionais caberá a um espírito, como você Fabiano disse mestre, estudioso, evoluído, orientar um grupo somente ou uma pessoa. Mas, mesmo assim, se o fizer, deverá ser como amigo que o visitará em alguns momentos somente, para ajudá-lo ou orientá-lo em decisões importantes, não como guia ou protetor. Neste trabalho de proteção, deverá o desencarnado ter muitas afinidades com o encarnado, porque por anos deverão ser companheiros de trabalho.

— Para ser guia de Mauro, deverá ser um espírito tão atrapalhado como ele - falou Amélia.

— Eu não sou atrapalhado! - Mauro se defendeu.

— Muitos espíritos devem querer ser guia, amigo, companheiro de trabalho de Mauro - falou Sr. Mário. - Ele é alegre, otimista e tem muita vontade de ajudar os desencarnados que sofrem. Pessoas que se unem para um trabalho devem ter muitas coisas em comum.

— Até o mesmo grau de instrução? - quis saber Fabiano.

— Por que não? - respondeu o orientador do grupo. - Ambos podem aprender juntos. Podemos nos instruírem qualquer plano. O importante é não deixar para depois. Fazer agora o que nos compete.

— Então, é errado dizer que pessoas que foram ou são conhecidas, importantes, sejam guias de encarnados? - indagou Fabiano novamente.

— Não me cabe generalizar a resposta. Às vezes, pelo trabalho honesto e persistente, o encarnado e o desencarnado se tornam conhecidos. Fizeram um bom trabalho por afinidades, são companheiros e amigos e conseqüentemente este espírito é o guia deste trabalhador encarnado.

Mas, por que preocupar-se só com conhecidos dos encarnados? Por que querer nomes célebres por guias? Será que não há os conhecidos de Deus? Serão importantes somente os que conhecemos? Nomes dos obreiros do bem conhecidos são poucos. E tudo o que é importante tem muitos a orientar. Normalmente, nossos guias, protetores, são velhos conhecidos que tentam caminhar conosco para a evolução. Meu guia foi meu pai na minha outra encarnação. Gostamos muito um do outro.

— Que ele fez de importante? - perguntou Magda.

— Nada que ficasse na história. Foi um bom pai, homem honesto e trabalhador, que sofreu por não entender a desencarnação quando seu corpo morreu. Agora quer junto comigo fazer o bem. E no exercício do bem que nos tornamos bons.

— Essa foi uma lição importante! - exclamou Amélia. -Devemos gostar das pessoas como elas são, amar muitos estes espíritos desconhecidos que vêm nos ajudar, trabalhar conosco. Não deve ser fácil ser babá de encarnados. E tantas vezes teimosos! É incoerente pensar que um espírito muito evoluído pode ser protetor de uma só pessoa. Só se esta pessoa for excepcional como ele.

— E isto mesmo, Amélia! - falou Sr. Mário. - Isto são afinidades. Semelhantes se atraem. E tem mais: se guia e protetor, são companheiros de trabalho, se não há trabalho, não há motivo para tê-los. Um espírito é guia de um encarnado só quando este faz a sua parte. Nenhum desencarnado laborioso fica junto de uma pessoa ociosa. Também existe o desencarnado que se junta ao encarnado para fazer o mal. Pensam vocês que só o bem é laborioso? Os maus também trabalham só que, imprudentemente, se juntam com afins para fazerem maldades. E estes espíritos são tidos também como protetores. Por isto que eu disse que nos afinamos com nossos semelhantes. Sejam vocês, meus jovens, honestos. Façam o bem com amor, sem esperar reconhecimentos, lutem contra a vaidade e não deixem de fazer pelo menosprezo.

— Através das nossas múltiplas encarnações, mudamos muito nosso físico, quando desencarnamos com qual aparência ficamos? - perguntou Magda.

— Normalmente a que tivemos na última encarnação - respondeu o dirigente. - Sabemos que se pode mudar, o perispírito é modificável. São muitos os desencarnados que mudam a aparência para enganar, impor,

castigar, outros para ajudar ou para se sentirem melhor. Até mesmo se rejuvenescem ou sanam deficiências. Para aqueles que compreendem, a aparência não tem importância, mas sim a essência, o que se é realmente.

— Cada pessoa pensa diferente - falou Fabiano. - Dentro da Doutrina Espírita isto também deve acontecer. E isto dá problemas? Há divergências entre grupos ou mesmo dentro de um grupo?

— A verdade é uma só, porém cada um, dependendo do seu grau de conhecimento e compreensão, a vê de um modo. O tempo e o estudo fazem com que mudemos muito em relação a um conhecimento. Para que entendam, vamos comparar a verdade com um triângulo. Muitos, ao ver esta figura, a descrevem de formas diversas. Os que estão embaixo da figura a descrevem de modo diferente dos que estão nas laterais e certamente divergem dos que a veem de cima. Porém, o triângulo lá está, inalterável. Onde muitas pessoas participam e formam um grupo heterogêneo, que opinam de formas diferentes, pode haver divergências. Na Doutrina Espírita também existem estas diversas formas de entendimento. Devem todos ter o bom senso e prevalecer em primeiro lugar os ensinamentos do nosso mestre Jesus e depois o do Codificador, Allan Kardec, que através dos seus livros de estudos deixou normas bem claras a serem seguidas por nós que somos espíritas.

Fabiano deu-se por satisfeito com a resposta. Estes desentendimentos nos preocupam pois desejamos que todos se entendam e se respeitem. Vamos fazer um parêntese para falar um pouquinho sobre o assunto.

Para que possamos compreender as diversidades, não devemos olhar as atitudes de um indivíduo ou de vários, mas sim o fato da desarmonia. Entendemos então que esta desarmonia nasceu com o conhecimento do eu, ou melhor, com o aparecimento do homem, com a individualidade. Porém, este cultivo pessoal foi o auxílio sem o qual não seríamos o que somos hoje - indivíduos imperfeitos. Um exemplo tosco: nascemos, nos tornamos crianças, jovens e agora somos adultos com mentalidade de crianças.

A divergência de opiniões entre os homens acontecem em qualquer atividade, seja no campo físico, de posse, de ganho, seja em nossas concepções religiosas. Isto faz parte de nosso individualismo. Para que haja termo nestas atitudes e divergências é necessário que destruamos as divisões físicas e psíquicas que criamos por condicionamentos. Se hoje já

compreendemos que somos alguém, é necessário que sejamos alguém não separado do todo. Ao contrário, devemos fazer parte do todo. Se isto for visto profundamente, as divergências terminam por si só, sem traumas, pelo simples entendimento da verdade.

Vamos exemplificar novamente: quando crianças, no curso primário, há quase sempre disputas entre os alunos de uma escola e outra. Cada um obtendo para si louros de uma eficiência e supremacia. Estão sempre se perguntando de onde são, em que escola estudam. Baseados nos ondes e quantos, dão valores e desvalores antecipados. E, ultrapassando estas formas primárias de relacionamento, ao atingir o nível superior de uma universidade, não se pergunta de onde o indivíduo veio, em que escola estudou. Simplesmente lhe é solicitado que demonstre sua capacidade e saber.

Os jovens conversaram por alguns minutos trocando ideias. A aula terminou, a garotada, contente, saiu. Fabiano ficou, pediu para conversar em particular com o Sr. Mário que o atendeu solícito.

— Sr. Mário, será que poderia me explicar por que um objeto traz sorte ou azar às pessoas. Por que o talismã prejudicou tanta gente?

— Não foi o objeto que prejudicou, foi a ambição. O pedaço de ouro que o fazendeiro achou passou a ser um talismã, quando ele inconscientemente atiçou a cobiça das pessoas que o rodeavam. Como algumas destas pessoas passaram a ansiar pela fortuna que ele possuía, passaram a ter no pedaço de ouro a focalização de suas ambições. Assim, aquele objeto ficou saturado de energias destrutivas. Não foi por causa do talismã que as desgraças aconteceram, mas sim pela ambição desmedida dos personagens.

— Que posso fazer para acabar com o mal do talismã? - perguntou Fabiano, interessado em neutralizar as energias negativas do objeto.

— Com o tempo, a energia boa ou má se desmancha, sai do objeto, porque ele é neutro e não tem capacidade própria de criar energias que não sejam suas naturalmente. Mas, se você, Fabiano, quer destruir estas energias rapidamente, é só submetê-lo a outras boas. Fazer o bem com ele, de maléfico passar a ser benéfico.

O garoto agradeceu, contente, sabia o que faria e foi para casa.

No domingo, cedo, pegou umas ferramentas do pai e foi sozinho para as ruínas. Pacientemente se dirigiu ao que restava da lareira e com as

ferramentas abriu um buraco num de seus lados. Minutos depois, tinha nas mãos a pedra de ouro, embrulhada num pedaço de couro roto. O menino jogou fora o couro, limpou o objeto na roupa. O ouro brilhou! Fabiano observou-o bem. O pedaço de metal tinha forma arredondada, era mais liso de um lado, e do outro, pela má fundição, havia altos e baixos e parecia ter sido esculpido um rosto humano. Parecia um medalhão! Ali estava o talismã tão cobiçado! Colocou-o na palma de sua mão aberta e orou. Pediu a Jesus para que aquele objeto voltasse a ser só um pedaço de metal. Depois embrulhou-o numa folha de caderno e o colocou no bolso. Ajuntou as ferramentas do pai e voltou para casa.

Após guardar as ferramentas, Fabiano foi para a praça. Lá estava acontecendo uma campanha: "Doe ouro para o bem do Brasil". Pelo que ouvira falar, o Brasil estava devendo muito e o ouro arrecadado iria pagar as suas dívidas. Observou o local da arrecadação. Ao notar que os senhores que organizavam as coletas se distraíram, ele rapidamente jogou o embrulho, o ouro, o ex-talismã na caixa. Esfregou as mãos, suspirou aliviado e saiu assobiando.

Os anos se passaram... Os três continuaram amigos e tornaram-se espíritas, trabalhando para o bem com suas mediunidades. Fabiano formou-se professor, lecionou por anos na escola da cidade. Junto com o seu grupo espírita fundou um orfanato e dele cuidou com carinho. Ajudou a todos que lhe procuravam dando passes, conselhos e orientações. Sua doença cardíaca, incurável para a época, foi se agravando. E, mesmo com essa deficiência, fez com êxito o que havia se proposto antes de reencarnar. Desencarnou jovem, antes de completar trinta e três anos, rodeado por amigos encarnados e por inúmeros desencarnados que ele conquistou com sua bondade. E, entre estes amigos, estava Lídia.

Amélia e Mauro se casaram, têm filhos e algumas desavenças, pois ele ainda gosta de irritá-la. Mauro responde todo convicto quando indagado:

— "Eu, medo de desencarnados? Não tenho! Já vivi muitos períodos sem o corpo carnal e com certeza viverei outras vezes. Quando este corpo morrer, estarei vivendo como desencarnado e, queira Deus, que não seja como alma penada ou assombração! Medo?" - ri com seu modo extremamente agradável. "Medo só tenho de Amélia!"

Ao terminar a leitura deste livro, talvez você tenha ficado com algumas dúvidas e perguntas a fazer, o que é um bom sinal. Sinal de que está em busca de explicações para a vida. Todas as respostas que você precisa estão nas Obras Básicas de Allan Kardec.

Se você gostou deste livro, o que acha de fazer com que outras pessoas venham a conhecê-lo também? Poderia comentá-lo com aquelas do seu relacionamento, dar de presente a alguém que talvez esteja precisando ou até mesmo emprestar àquele que não tem condições de comprá-lo. O importante é a divulgação da boa leitura, principalmente a literatura espírita. Entre nessa corrente!

FIM